

100 ANOS

Um centenário a favor
do empreendedorismo

FILIADA À FACESP
 **ASSOCIAÇÃO
COMERCIAL
EMPRESARIAL DE JUNDIAÍ**
CONECTADA COM VOCÊ. LIGADA NO FUTURO.

100
ANOS

Entre caligrafias e negócios: Um ano de resgate histórico

Movidos pela paixão pela história e pela preservação à memória, há um ano mergulhamos no passado da Associação Comercial Empresarial (ACE) de Jundiaí.

Dedicamos horas à leitura de atas antigas, vasculhamos edições já envelhecidas de jornais e resgatamos imagens que retratam a evolução da cidade nestes últimos 100 anos.

Durante este centenário, inúmeras reuniões, encontros e empreendimentos foram moldados por aqueles que lideraram a entidade desde 1923. Entretanto, uma trajetória de 100 anos não se reduz a 200 páginas e foi desafiador condensar em um livro todos os fatos marcantes não apenas para a Associação, mas também para a própria cidade.

Impossível enumerar todos os estabelecimentos comerciais ou indústrias que, de maneira significativa, contribuíram para o progresso da cidade e ainda permanecem vivos da memória afetiva da população.

Neste livro, optamos por fazer um recorte da história da Associação Comercial, contextualizando o dia a dia da entidade com alguns momentos de cada época.

Convidamos você a embarcar nesta emocionante viagem através do tempo, explorando essa história de conquistas e representatividade.

**Gláucia Mazzei e
José Arnaldo de Oliveira**

EXPEDIENTE:

Coordenação: Gláucia Mazzei

Textos e pesquisas de imagem/histórica:

- Jornalista Gláucia Mazzei
- Pesquisador e jornalista José Arnaldo de Oliveira

Projeto gráfico/diagramação: Alexandra Torricelli

Marketing: Marcelo Soares e Gabriel Valença Cardoso

Impressão: Gráfica Igil

Agradecimentos: Funcionários do Acervo do Arquivo

Histórico de Jundiaí/PMJ, Professor Maurício Ferreira,

Locomotiva Produções de Cultura e Educação e a todas

as pessoas que contribuíram de alguma forma com a

produção deste registro histórico.



Foto: Gilberto Freitas

Diretoria Executiva:

- **1. Mark William Ormenese Monteiro**
Presidente
- **2. Leandra Cristina Maia Diniz**
Vice-Presidente
- **3. Michela Martins Uliana Farina**
1° Secretária
- **4. Gustavo Moreno Colturato Joaquim**
2° Secretário
- **5. Orlando Picchi Fabricio**
1° Tesoureiro
- **Pedro Luiz Braggio**
2° Tesoureiro

Associação Comercial Empresarial (ACE) de Jundiaí

Gestão do biênio 2022/2023

Conselho Deliberativo

- Adelson Sampaio Lopes
- Alexandre Filippini Lucchini
- André Luiz Monroe
- Artur Ubaldo Marques Júnior
- Bruna Letícia Sivelli Berbel
- Christiani Aparecida Vieira Scatena Teixeira
- Danilo Terroso D'Angelo
- Eduardo de Oliveira Collinett
- Gustavo de Moraes
- Humberto Benedito Tenório
- João Sergio Menandro
- José Carlos Rodrigues
- Luis Gustavo Rueda de Carvalho
- Lucas Buiochi
- Luciano Alberto Cereser
- Marcelo Jose Pereira Zampieri
- Paulo de Tarso Campos de Castro Lopes
- Renata Bataglia Galli
- Renata Bernardi do Amaral
- Rogério Eduardo Pirana
- Vânia Maria Mazzoni
- Wilson Roberto Lombardi
- Zeferino Alves de Souza Neto

100 anos a favor do empreendedorismo

Em celebração ao centenário da Associação Comercial Empresarial (ACE) de Jundiaí, nos últimos 12 meses embarcamos em uma fascinante imersão ao passado para descobrir os principais fatos que marcaram a história da entidade, desde a sua fundação, em 23 de fevereiro de 1923.

Após percorrer esta jornada para o resgate e preservação da memória da Associação, descobrimos que foi um século de desafios, conquistas e transformações.

A história da Associação está entrelaçada ao progresso do município e neste livro registramos um recorte dos principais fatos que marcaram estes 100 anos.

Ao longo deste período, os hábitos de consumo, a cultura, política e a economia da cidade passaram por profundas transformações. Mesmo diante de mudanças, a entidade atuou como protagonista dos interesses de

seus associados apoiada na força do associativismo.

Contemplar o passado nos enche de orgulho e gratidão pelos gestores que ao longo destes 100 anos trabalharam comprometidos em auxiliar os empreendedores. Cada um deixou a sua marca e contribuiu para a construção deste século.

Como neto de comerciantes jundiaenses, por parte de pai e mãe, sinto-me honrado em estar à frente da entidade em uma data tão importante como é este centenário. Encerrarei a minha gestão entregando uma Associação moderna e preparada para escrever a história de seus próximos 100 anos.

A nossa força e representatividade provêm dos empresários que sempre acreditaram e continuam confiando no trabalho que executamos. Não teríamos alcançado o marco do centenário sem a valiosa participação de nossos

Foto: Gilberto Freitas



associados, diretores, conselheiros e colaboradores.

Por isso agradecemos a todos que fazem parte desta história.

**Mark William
Ormenese Monteiro
Presidente**

Sumário

CAPÍTULO 1

Associativismo renova cotidiano da cidade 16

CAPÍTULO 2

O surgimento da Associação Commercial de Jundiahy 22

CAPÍTULO 3

Geopolítica em casa: força local atrai diplomacia italiana 36

CAPÍTULO 4

A invenção do crédito em consulta manual 52

CAPÍTULO 5

Associação atualiza grafia de seu nome 65



CAPÍTULO 6

Cooperação entre setores faz consultas crescerem 78

CAPÍTULO 7

A “invenção” da proteção ao crédito em Jundiá 86

CAPÍTULO 8

Associação cresce e apoia nova Federação 96

CAPÍTULO 9

A nova visão de um outro Natal 106

CAPÍTULO 10

Associação passa a ser Comercial e Industrial 115

CAPÍTULO 11

Uma escalada de consultas 123

CAPÍTULO 12

Mudança em Estatuto altera período de gestão 130

CAPÍTULO 13

Com polêmicas, ACE consegue alterar horário do comércio 139

CAPÍTULO 14

Um desafio institucional 152

CAPÍTULO 15

No furacão da pandemia 166



O marco de uma transformação

A Associação Commercial de Jundiahy, criada em 1923, é um marco da chamada “era de ouro”, que entre as décadas de 1870 e 1920 transformou uma das cidades mais antigas do atual Estado de São Paulo com inovações urbanísticas e tecnológicas sem precedentes.

Por volta de 1872, a população local somava 7.807 habitantes entre pessoas livres e escravos (NEPO por BEOZZO). Passou para 12.051 em 1890 e avançou até quadruplicar para 42.582 moradores em 1920. Os líderes da primeira fase da Associação nasceram – ou chegaram a Jundiaí – neste período. Mas o que aconteceu nesses anos?

O café virou riqueza investida em ferrovias e fá-

bricas. A escravidão de pessoas indígenas e africanas foi abolida e a imigração italiana estimulada. O comércio ganhou força, a cidade foi modificada e, principalmente, surgiu uma cultura de associativismo em vários segmentos.

Café gerou comércio e exportações

O início das associações comerciais no país reflete a importância do comércio após a abertura dos portos feita por D. João VI com a chegada da família real ao Brasil, em 1808. É claro que o comércio feito por tropeiros e negociantes já existia. Mas, na prática, a medida acabava com o monopólio colonial.

Militão de Azevedo / Professor Mauricio Ferreira / Sebo Jundiaí



Construção da Ferrovia Santos a Jundiaí, obras no trecho de Jundiaí

Acervo Professor Mauricio Ferreira / Sebo Jundiaí



Várzea Paulista quando fazia parte do município de Jundiaí, em 1900 aproximadamente



Ponte Torta, como ficou conhecida, foi construída para passagem de bondes a cavalo no final do século 19. Logo inativa pelas mudanças em torno, virou referência urbana e histórica

Não por acaso, as primeiras e poucas associações foram criadas junto aos portos. Como em 1816, em Salvador, na Bahia, ou dois anos depois, em Belém, no Pará, e no Recife, em Pernambuco. (CACB por COTAIT).

A primeira associação no atual Estado de São Paulo, então província do Império, surgiu com a economia cafeeira apenas em dezembro de 1870, com a Associação Comercial de Santos. Foi criada praticamente junto com a ferrovia entre Santos e Jundiaí, voltada ao fluxo de mercadorias e pessoas, e também para melhorias portuárias onde um cais inicial de 260 metros começaria a substituir os trapiches apenas em 1892 (PORTO DE SANTOS por PORTUÁRIA).

População cresceu e mudou com imigração

O período foi marcado, em 1888, por dois fatos. O primeiro foi a abolição final da escravidão pela Lei Áurea - sem reparações aos escravizados e em meio a



Trabalho no Porto de Santos, onde ocorria o escoamento de mercadorias como o café, no início do século

embates que no ano seguinte culminariam no fim do Império e implantação da República.

O segundo fato, no mesmo ano, marcou Jundiaí pela imigração italiana em grande escala, estimulada por um dos quatro núcleos coloniais criados na província pelo então governador Antonio de Queiroz Telles, o Conde do Parnaíba, filho do Barão de Jundiaí. Eram 83 lotes em área rural, 9 lotes suburbanos e 81 lotes de área urbana que permitiam atividades como a agricultura comercial. (PEREIRA, E.C. por PEREIRA).

A cidade construída desde o século 17 por mestiços portugueses, indígenas e africanos ganhava uma colônia italiana - outras nacionalidades também chegavam.

Em detalhes, o censo demográfico de 1872 mostrava 5.953 moradores livres (76,27%) e 1.852 escravizados (23,73%).

O censo de 1890 não usava mais a categoria de

escravizados. Mas teve o levantamento étnico-racial nos padrões da época. A identificação branca (69,2%) teve 8.343 pessoas; os pretos (12,48%) representavam 1.505, os caboclos (4,47%) com 537, e os mestiços (13,8%) eram 1.666. No total, 12.051 – o dobro de 20 anos antes.

O censo de 1920 confirmou a grande presença de imigrantes na cidade. Do total de 42.584 habitantes, 10.889 (25,57%) eram estrangeiros – percentual maior se incluídos filhos e netos nascidos no Brasil. E em uma população quase quatro vezes maior.

A passagem do trabalho escravo para o trabalho assalariado, no entanto, era uma mudança brusca e com diversos conflitos e avanços ao longo do tempo. Outras atividades surgiram, principalmente no comércio e nos serviços.

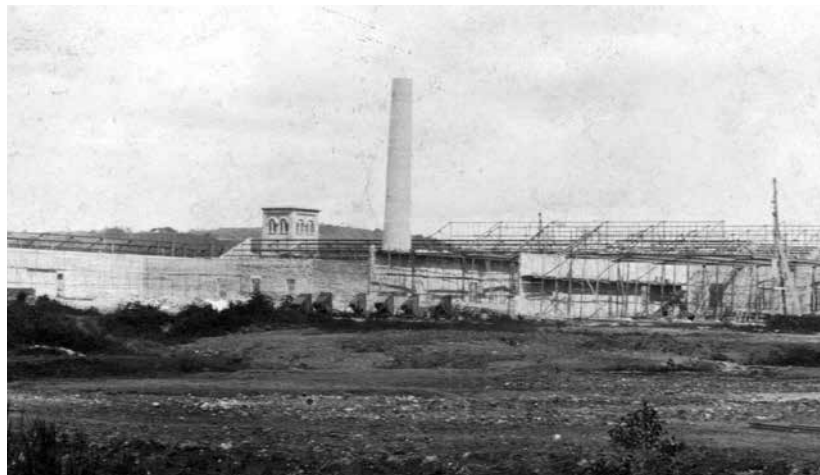
Jundiaí se torna ponto vital da malha ferroviária

A chegada de imigrantes e a saída do café foram viabilizadas pelos trens. O desenvolvimento da cultura cafeeira no sudeste do país, na segunda metade do século XIX, foi possível com a construção de estradas de ferro para a exportação – e circulação interna.

O café tornava-se o produto mais importante da economia brasileira: representou de 60% a 80% das exportações entre 1888 e 1930 (LUNA, F.V. por LUNA).

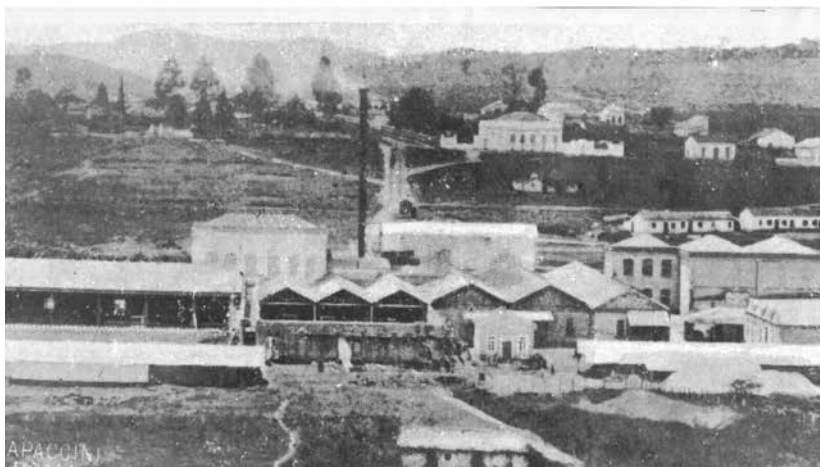
Em Jundiaí, ponta da linha férrea até Santos inaugurada em 1867, os trens da Companhia Paulista começaram, em 1872, a estender a ferrovia para o interior.

Acervo fotográfico do Museu Histórico e Cultural de Jundiaí



Construção da Fábrica Japy, em 1914

Acervo fotográfico do Museu Histórico e Cultural de Jundiaí



Fábrica São Bento, em 1906

Acervo Professor Mauricio Ferreira



Núcleo Colonial Barão de Jundiaí "Colônia" da Família Pessoto, em 1948

No ano seguinte, em 1873, a cidade recebeu também os trens da Companhia Ituana (Sorocabana). Pouco depois, outras ferrovias menores estenderam trilhos na região como a Itatibense (1890) e a Bragantina (1891).

Fábricas começavam a usar vapor como energia

A economia cafeeira gerava também investimentos em indústrias como de máquinas de beneficiamento, sacarias, embalagem, equipamentos mecânicos e outras, que estimulavam a primeira fase da industrialização do país – tendo Jundiaí como um dos seus polos.

Com a ferrovia, de custo menor que as tropas de carga anteriores, aumentava o investimento em outras áreas.

Apesar do café ser uma monocultura, a produção de alimentos se intercalava às fileiras de cultivo e essa configuração dinamizou o comércio e a economia locais, mantendo São Paulo na liderança da produção agrícola e de alimentos, ao lado da industrialização.

Em Jundiaí, as caldeiras a vapor, que nos trens eram apelidadas de “Maria Fumaça”, chegaram às fábricas. Em 1874, foi inaugurada a tecelagem da Fábrica São Bento, seguida nas décadas seguintes por outras chaminés na Vila Arens, como a Argos, a Japy ou a Fides.

Mudanças urbanas

Um sinal do patamar econômico e político de Jundiaí, elevada à cidade em 1865, foi quando líderes

do movimento republicano aguardaram a inauguração da ferrovia até Jundiaí (MUSEU REPUBLICANO por TV TEM) para marcarem a data da Convenção Republicana de Itu, em 1873. Pouco depois, em 1876, ocorreu a visita do imperador Dom Pedro II e da imperatriz Teresa Cristina a Jundiaí (MUSEU HISTÓRICO E CULTURAL por PREFEITURA). A disputa entre monarquistas e republicanos passava pelas suas ruas ou salões.

Jundiaí, antigo e importante entroncamento de rotas coloniais do século 17, muitas criadas sobre caminhos indígenas mais antigos ainda, e um centro de doma de cavalos e preparo de acessórios para tropeiros, era um polo estratégico para as elites paulistas.

A cidade mudava para um perfil mais urbano nas condições da época. A reforma da antiga Matriz, agora como Catedral Nossa Senhora do Desterro (1886), o cinema da “lanterna mágica” ainda com velas no Cine Bijou (1887) ou a construção da chamada Ponte Torta para bondes de tração animal (1888) foram algumas iniciativas na época.

O comércio jundiaiense, a partir dos imigrantes, passava a adotar novos produtos e práticas que chegavam do exterior ou das capitais aos empreendedores e comunidade local.

A cada avanço tecnológico, bem antes do rádio ou da televisão, novos tipos de produtos e estilos surgiam do convívio com visitantes ou imigrantes – como o caso do “foot ball”, um esporte inglês.

Em 1894, era inaugurada no comércio de Jundiaí a lendária padaria e restaurante A Paulicea, que chegou à rua Barão de Jundiaí antes mesmo da luz

elétrica. As ruas da cidade ainda eram iluminadas por lampiões quando a confeitaria foi fundada por Emílio Fehr e sua esposa.

O filho do casal, Otho Fehr, assumiu o negócio e arrendou a padaria em 1965, para cinco funcionários. O estabelecimento ficou mais de um século em atividade e ainda é lembrado com saudosismo por muitos jundiaienses como um dos pontos de encontro mais tradicionais que a cidade já teve.

Um ano depois da inauguração da Paulicea, surgia também no Centro, a Casa Oliveira, fundada pelo imigrante português Antônio J. Oliveira, que vendia em seu comércio “um pouco de tudo”, de artigos para presente a produtos para encanamento e telhas.

Na então pequena Jundiaí e ainda sem agência bancária, a Casa Oliveira, além de armazém, também funcionava como representante do Banco do Brasil e recebia promissórias e títulos de seus clientes.

A educação pública, antes apenas em escolas particulares ou comunitárias, iniciava-se em 1896 com o Grupo Escolar Coronel Siqueira de Moraes – que mais tarde ganharia um escadão de acesso.

No abastecimento de água, a cidade teve em 1899 seu primeiro reservatório de distribuição vinda por gravidade da Serra do Japi. Na saúde pública, ocorreu em 1902 a inauguração do Hospital de Caridade São Vicente de Paulo.

Pouco depois, em 1905, teve início o Horto Florestal, que substituiria a lenha de árvores nativas por espécies plantadas de eucalipto australiano para as caldeiras a vapor.

Este foi também o ano de criação da pioneira Companhia Luz e Força, com usina no Rio Jundiáí, que aos poucos substituiria com lâmpadas o uso de lampiões a óleo ou gás nas ruas urbanas, e os candelabros à velas ou lamparinas a querosene nas residências. A mudança permitiria a vida noturna do século 20 e, mais tarde, dinamizaria fábricas, comércios e até os trens. Em 1927, a empresa seria incorporada pela anglo-canadense Light & Company.

Em 1910, a família do italiano Joaquim Gelli chegava a Jundiaí, mais especificamente na rua Barão do Rio Branco, na Vila Arens, onde montou o Foto Gelli, seu ateliê de pinturas e retratos que se transformou na mais antiga casa fotográfica e de equipamentos da cidade. Antes da mudança para o endereço mais conhecido, na rua do Rosário, a loja funcionou também nas ruas Dr. Torres Neves e Vigário J.J. Rodrigues.

Nas artes, um marco foi a construção do pavilhão Polytheama (depois Cine Polytheama e hoje Teatro Polytheama), um vasto salão térreo inaugurado em 1911 com 2.920 lugares, um dos maiores do Estado. Marcava a cidade da época com espetáculo.

Foto Lafit Acervo Professor Mauricio Ferreira



Indústria Têxtil São Bento em 1904



Foto atribuída a Bernardo Pieper. Reprodução João Janczur

Trecho da Rua Barão de Jundiaí, na altura do Largo da Matriz. No Centro, aparece o Solar do Barão, em 1912

Acervo fotográfico do Museu Histórico e Cultural de Jundiaí



Maquinistas da Cia Paulista, em 1899

Fotos: Arquivo Prof Mauricio Ferreira



Rua Barão de Jundiaí no início do século XX



A Paulicea, que chegou à Rua Barão de Jundiaí antes mesmo da luz elétrica

los como a Companhia de Operetas Clara Weiss, filmes como “A Caipirinha” e nomes da música erudita como Armando Bellardi e a soprano Cesira Monosi, assim como comediantes populares como Genésio Arruda (NOSEK por NOSEK).

O período ficou marcado também por eventos como a grande geadada de 1917, que fez muitas fazendas antigas serem divididas em sítios de imigrantes, e a 1ª Guerra (1914-1918) que dificultou a importação de muitos produtos.

As duas primeiras décadas do século 20, como parte dessa era de transformações, viram também um aumento da área urbana e de empreendimentos rurais e industriais. Era o cenário em que o comércio também amadurecia a proposta de uma ação mais institucionalizada no desenvolvimento local.

Anos 1920: Locomotiva número 1 da Cia. Paulista tracionando um vagão de passageiros



Coleção João Janczur / Acervo Prof Mauricio Ferreira



Reprodução do livro *Teatro Polytheama de Jundiá*, da Prefeitura do Município, de cartazes do espetáculo de opereta de Clara Weiss

Acervo Prof Mauricio Ferreira



Cena do Largo São José por volta dos anos 30

Capítulo

1



Associativismo renova cotidiano da cidade

Ao mesmo tempo em que crescia a área urbana da cidade, a cooperação mútua passou a ser um valor crescente na cultura. Um destes casos foi o da Fratelanza Italiana, sociedade de socorro mútuo criada em 1892 nos moldes das muitas existentes na Itália para consumo e serviços.

Em 1895 foi a vez de ser criado o Clube 28 de Setembro, por iniciativa de um grupo de ferroviários negros e de diversas áreas originárias do combate à escravidão e seus efeitos.

Outros fizeram história, como o Casino Jundiahyense (base do futuro Clube Jundiaense), surgido em 1895 e que anos depois sediou a primeira reunião que criou a Associação Comercial de Jundiahy.

Em 1900, ferroviários fundaram o Grêmio Recreativo da Companhia Paulista, que se tornaria, ao lado de outros clubes, cenário de encontros familiares, esportivos ou sociais por décadas.

Fotógrafo anônimo. Coleção Gabinete de Leitura Ruy Barbosa



1918 - Antigo Campo do
"Paulista Foot Ball Club"



Antigo Campo do "Paulista Foot Ball Club" - Vila Leme - 1918
Fotógrafo Anônimo - Coleção Gabinete de Leitura Ruy Barbosa

Outro movimento importante criou o Paulista Futebol Clube, em 1909, iniciado como Jundiahy Foot Ball.

Pouco depois, em 1913, outros moradores criaram o São João Futebol Clube, homenageando o bairro da Ponte São João e reverenciando o verde e branco do Palestra Itália. Era ali que se reuniam tanto pelo futebol como também para jogos de salão, bocha e bailes. Outros clubes surgiram nas décadas seguintes.

O setor cultural também se expandiu na cooperação. Em 1908 uma reunião com ferroviários fundou o Gabinete de Leitura Ruy Barbosa - que teve diversas sedes até a construção do prédio atual na praça Rui Barbosa, em 1922.

Em sua primeira publicação, expôs os propósitos da sociedade de "proporcionar aos habitantes de Jundiaí, não só com livros como também um centro de agradável e proveitosa diversão" (GABINETE por GABINETE).



Società Fratellanza Italiana, que nos anos 40 passou a se chamar Casa de Saúde Dr. Domingos Anastácio

Acervo fotográfico do Museu Histórico e Cultural de Jundiá - Coleção João Janczur

Acervo Prof. Mauricio Ferreira



Rua Petronilha Antunes nos anos 30, no terreno onde futuramente seria construída a sede do Clube 28 de Setembro

Comércio se torna essencial no desenvolvimento da cidade

Na economia, o associativismo empresarial começou a crescer em 1894, em um novo momento político com a posse do primeiro presidente civil da República, Prudente de Moraes.

Foi o momento de criação da Associação Comercial de São Paulo (ACSP), que teve à frente o Coronel Antonio Proost Rodvalho, grande comerciante e empreendedor progressista. Um dos fundadores do Banco Comercial de São Paulo e da Caixa Econômica, enxergou na fundação da ACSP uma oportunidade de atender necessidades em comum

dos empreendedores.

A entidade paulistana seria a principal parceira na formação da Associação Commercial de Jundiáhy em 1923, mas a cooperação com o comércio local vinha do final do século 19 - bem antes desta data.

O crescimento das cidades era limitado, na visão dos empreendedores, por serviços públicos arcaicos ou leis antiquadas.

O associativismo de empresários, nessa inter-

Acervo fotográfico do Museu Histórico e Cultural de Jundiá - Coleção João Janczur



Rua do Rosário em 1926. No centro da foto aparece a esquina com a rua Barão do Triunfo

Acervo fotográfico do Museu Histórico e Cultural de Jundiá - Coleção João Janczur



Fonte na Praça Marechal Floriano Peixoto, em 1920

Foto Ideal/Acervo Professor Maurício Ferreira



Rua do Rosário na década de 20

Acervo pessoal Maria Aparecida Mezzalira Gomes



Cruzada da Mocidade Católica, com Dom Amaro, no final da década de 30

pretação, era feito de forças coletivas e livres capazes de fomentar a iniciativa e a cooperação.

Após o fim da 1ª Guerra Mundial, em 1918, o Estado de São Paulo estava em euforia econômica por conta da alta do café e do aumento das exportações. O Porto de Santos movimentaria 9.668.223 sacas (com 60 kg cada) exportadas apenas em 1923. (ANUÁRIO por TOSI).

A guerra também havia causado outros impactos, pois muitos produtos antes do conflito eram importados. A situação estimulou o investimento em novas indústrias para fornecer gêneros básicos ao mercado interno.

Em Jundiaí, o comércio e os serviços foram estimulados por esse cenário - de armazéns, padarias, quitandas, hospedarias e lojas a incontáveis profissionais como alfaiates, costureiras, pedreiros e muitos outros, ao lado de industriais e agricultores.

O momento exigiu a remodelação do sistema financeiro e, principalmente, novas condições para proteger a agricultura, o comércio e a indústria nacionais, reforçando o espírito associativista no empresariado. (SILVA por SILVA).

Neste contexto foram fundadas as associações de Lorena (1917), São José do Rio Preto, Mogi das Cruzes e Campinas (1920), Sorocaba (1922), Rio Claro (1922) e Jaú (1922).

E, claro, o momento também era de uma Jundiaí que amadurecia sua cultura associativista.

Acervo fotográfico do Museu Histórico e Cultural de Jundiaí



Na mesa estão grandes representantes da sociedade da época, entre eles Hermes Traldi e José Sciamarelli, que foram presidentes da Associação

Texto de Celso Francisco de Paula - Acervo Prof. Maurício Ferreira



Grêmio CP em 1917 - Almoço oferecido a oficiais da Marinha Mercante Alemã quando vieram agradecer a diretoria e funcionários da Cia. Paulista pelos reparos feitos no navio "Macau", que ficara impossibilitado de navegar. Na foto: Carlos Cortes, Manoel Anibal Marcondes, Eduardo Tomanik e Joaquim de Godoy; os fiscais alemães, além de também Nicomedes Corrêa, Conrado Offa, França e Tibúrcio Estevam de Siqueira

Capítulo

2



O surgimento da Associação Commercial de Jundiahy

A história da Associação Commercial de Jundiahy está ligada de maneira intrínseca ao crescimento e ao desenvolvimento da cidade. Desde as primeiras reuniões a entidade representou a voz de bandeiras importantes para os empresários e atuou como protagonista dos interesses de seus associados.

Praticamente em todo o seu centenário teve - seja como associados, prestadores de serviço ou in-

Pelos registros, o prédio da primeira sede da Associação Commercial estava localizado na Rua Barão de Jundiahy, 56



João Janczur / Arquivo Museu Histórico e Cultural de Jundiaí

tegrantes do Conselho Deliberativo e Diretoria Executiva - nomes de grande representatividade em suas áreas de atuação e depois lembrados em prédios, escolas, ruas ou avenidas da cidade.

A Associação surgiu na Jundiaí dos anos 20, quando o Estado de São Paulo vivia um momento de euforia econômica por conta da alta do café e, consequentemente, de aumento das exportações e importações no Porto de Santos.

Na cidade, milhares de operários trabalhavam nas oficinas da Companhia Paulista de Estradas de Ferro ou nas fábricas têxteis São Bento, Argos, Rappa e Milani ou Japy. Localizadas na Vila Arens, as fábricas de tecelagem transformaram o bairro no primeiro polo industrial da cidade.

A primeira reunião para criar a Associação ocorreu em 23 de fevereiro de 1923

Com orientação de Alberto Gentil de Almeida Pedro, delegado da Associação Commercial de São Paulo (ACSP), o ato reuniu 132 participantes no salão nobre do Casino Jundiahyense. A mesa diretora provisória foi formada pelo Major Carlos Del Porto, Antônio J. Oliveira, Francisco da Cruz Cambraia e o jornalista Secundino Veiga.



Casa Independência nos anos 1930: esse prédio deu lugar ao primeiro "arranha céu" de Jundiaí nos anos 1950, o Edifício Carderelli, em frente a Catedral Nossa Senhora do Desterro, na esquina com a Rua Barão de Jundiahy

Há cem anos na história

No ano em que a Associação foi fundada, em 1923, a cidade tinha quase 43 mil moradores, sendo 25% estrangeiros. A população da cidade crescera com os operários e operárias, adultos e crianças, muitos deles nas ferrovias, tecelagens ou cerâmicas - e também na agricultura ou no comércio.



Carlos Del Porto, sentado à esquerda, ao lado de outros membros da comissão responsável pela fundação da Associação Commercial de Jundiahy

Havia conflitos, mas também muita cooperação.

O comércio contava com dezenas de vendinhas, armazéns e casas de secos e molhados.

Na rua Barão de Jundiahy, o principal corredor

comercial da cidade nessa trajetória, ainda se ouviam os cascos de cavalos que puxavam charretes e carroças batendo nos paralelepípedos em meio a sobrados de tijolos que substituíam o estilo colonial da taipa ainda presente. Os sotaques de moradores e imigrantes ecoavam nas conversas.

Também nessa rua era o mercado público (atual Centro das Artes, reforçando o movimento de charretes vindas da área rural em torno do centro -

ou mais além.

Ainda não havia roupas prontas, eram sob medida ou improvisadas. Sem geladeiras, os alimentos eram conservados de outras maneiras.

Os telefones ainda eram raros, sendo presentes os telegramas e as cartas. Os automóveis também ainda eram poucos. A estrada velha de São Paulo a Campinas foi regularizada em 1913, passando pela re-

Arquivo pessoal Sergio Del Porto



Carlos Del Porto e Sperandio Rappa foram os grandes articuladores para a fundação da Associação, em fevereiro de 1923

gião central.

Na rua Barão, esquina com a rua São José, funcionava a Casa Rappa, na época o armazém mais importante da cidade. O proprietário era Sperandio Rappa, italiano que desembarcou no Porto de Santos em 1887 e em pouco tempo se transformou em um reconhecido comerciante.

Perto dali, ao lado da Matriz, funcionava a Casa Del Porto, que vendia tecidos e armarinhos. Era de propriedade da família do Major Carlos Del Porto, outro comerciante representativo naquela época.

Juntos, Del Porto e Sperandio foram os grandes articuladores para a formação da Associação. Na pri-

meira reunião, realizada no Casino Jundiahyense – que, duas décadas depois, se transformaria no Clube Jundiaense – aprovaram a formalização da entidade e, por sugestão de Secundino Veiga, criaram uma diretoria provisória com Del Porto na presidência.

A assembleia para a eleição da diretoria definitiva foi marcada para 4 de novembro de 1923, em imóvel de número 56 da rua Barão de Jundiá – que pertencia à Casa Rappa.

As atas registradas naquela reunião, ainda com caneta tinteiro e caligrafias elegantes, relatam que cada participante preparou a própria cédula e o presidente da mesa conduziu os trabalhos. Novamente orientados pelo delegado da Associação Comercial de São Paulo, Alberto Gentil.

Houve empate: Carlos Del Porto e Sperandio Rappa receberam 18 votos cada um para o cargo de presidente.

Del Porto também era concorrente a vice e recebeu 23 votos para a candidatura neste cargo. Esse foi o motivo alegado para o desempate, onde abriu mão da presidência para assumir como vice.

Além de Sperandio Rappa como primeiro presidente e Carlos Del Porto como vice, a Diretoria Executiva contou com Carlos de Lima (primeiro-secretário), Joaquim S. Coelho (segundo secretário), José Sciamarelli (primeiro tesoureiro) e Antonio J. Oliveira (segundo tesoureiro).

Para o primeiro Conselho Fiscal foram eleitos Alberto Pereira, Guido Pelliciarì, Joaquim de Almeida Ramos, João Corazzari, Egydio Borin, Tibúrcio Siqueira e Anteo Graziolli.

Reprodução/ACE Jundiá



Notícia da Associação veiculada no jornal A Comarca, em 1928

Os primeiros passos

Os trabalhos foram iniciados em 5 de novembro de 1923.

Uma das primeiras providências dos membros foi nomear uma comissão para cuidar da aquisição de mobília e outros utensílios para a sede. Os diretores também acordaram em facilitar o pagamen-

to da joia (taxa de adesão), em três prestações de 10 mil réis cada.

Outra providência foi nomear Benedito José dos Santos para o cargo de zelador e cobrador. Contratado como primeiro funcionário da entidade, permaneceu no cargo por nove anos e

João Janczur/ Arquivo Museu Histórico e Cultural de Jundiá



Rua do Rosário em 1926. No lado direito era a residência da Família Antonio Raymundo, localizada na esquina com a Rua Barão do Triunfo

Acervo Fotográfico do Museu Histórico e Cultural de Jundiá



Vista de parte da Vila Arens e da Vila Argos

aposentou-se em 1942, falecendo três anos depois como divulgado na reunião de 23 de fevereiro de 1945.

Rappa renuncia, Del Porto assume

O presidente Sperandio Rappa fundou e conduziu a entidade até 30 de abril de 1924, quando renunciou ao cargo por agendas empresariais. O vice Carlos Del Porto assumiu como interino.

Sperandio já era proprietário da Casa Rappa e, no ano de fundação da Associação, fundou a Rappa e Milani – que depois tornou-se uma das principais fábricas têxteis da Vila Arens e transformada na Companhia Fiação e Tecelagem Fides.

Mais tarde, em 1930, Sperandio seria homenageado em sessão realizada na Associação Commercial de Jundiaí por ser um “vanguardero de todas as iniciativas, cujo fim observasse o bem-estar da coletividade”.

Acervo Fotográfico do Museu Histórico e Cultural de Jundiaí



Rua Barão de Jundiaí nos anos 1930: à esquerda a Praça da Catedral

No cotidiano das ferrovias

Com a economia girando em torno da produção do café e de seus serviços derivados, a ferrovia fazia parte do cotidiano dos jundiáienses - e da agenda da Associação.

Afinal, apenas a Companhia Paulista de Estradas de Ferro sediada em Jundiá já comemorava 50 anos de existência e somente no transporte de pessoas tinha mais de 2 milhões de passageiros por ano.

Na Associação Commercial a diretoria buscava resolver situações relacionadas a esse setor. Um exemplo, registrado em ata, foi a falta de fornecimento de vagões - outro, junto à Estrada de Ferro Sorocabana, em deficiências de embarque de café para Santos relatado em reunião de março de 1924.

Sem praia, mas de olho no porto

Em nova eleição, organizada em 21 de dezembro de 1924, foi outro fundador, José Sciamarelli, eleito como o segundo presidente da história da Associação Commercial de Jundiáhy - iniciando seu mandato em 4 de janeiro de 1925.

Apesar de ser longe de Jundiáhy, a falta de estrutura do Porto de Santos, que não tinha cais suficiente de atracação de navios para atender a demanda de importação e exportação, também preocupava a economia local.

As embarcações nacionais ou estrangeiras enfileiravam-se na espera de uma vaga para atracar no

porto, causando prejuízos econômicos e políticos.

Então presidente, José Sciamarelli e diretoria pediram apoio da Associação Commercial de São Paulo, a mais antiga e forte entidade do setor. O movimento gerou resultados positivos.

As crises no Porto do Santos voltaram a ser pauta de reunião em novembro de 1925, quando o presidente foi convidado para reunião em São Paulo, onde seriam apresentados estudos de uma mobilização ampla das Associações Comerciais, Industriais e Agrícolas do Estado sobre o problema.

Os estudos foram uma das bases de pressão por melhorias posteriores no porto, que se tornaria o maior da América Latina, ainda no início da concessão firmada no fim do século 19 com a Companhia Docas de Santos.

Sciamarelli, ao lado da agenda da entidade, era também um visionário que organizou a primeira empresa de ônibus da cidade, com garagem próxima ao Largo dos Andradas, na região central onde fica a Escola Professor Luiz Rosa.



Arquivo de família/Luiz Carlos Cappellano

José Sciamarelli, conhecido como Juca, foi o segundo presidente na história da Associação

ASSOCIAÇÃO COMMERCIAL
DE
JUNDIAHY

Estatutos



DA

ASSOCIAÇÃO
COMMERCIAL
- DE -
JUNDIAHY

Registrados
de accordo
com o dis-
posto nos
artigos 18 e
19 do Codi-
go Civil.

JUNDIAHY
Est. de São Paulo

Typ. Central— Jundiahy



Foto de 1921, com participantes da primeira reunião das administrações da CIA Paulista e São Paulo Railway, em Jundiaí, para troca de idéias relativas à aposentadoria e pensões para os funcionários

Congestionamento na estação menor

Além de aprovações de contas ou da necessidade de aumentar o número de sócios, os registros históricos deixados pelas primeiras gestões seguiram destacando a importância das estradas de ferro para o município.

Em uma reunião realizada em 4 de abril de

1926, a diretoria decidiu oficializar a Companhia Paulista informando do inconveniente das manobras realizadas em frente à parte externa da sua estação de trens, ao lado das oficinas e da região central da cidade.

Tais manobras prejudicavam o trânsito local da avenida São João, cada vez mais movimentada com o crescimento dos bairros a leste, onde ocorreu boa parte da imigração italiana original no município no

século 19.

A estação Jundiahy-Paulista, de 1890, funcionou como apoio das oficinas e somente em 1950 o problema dos trens foi resolvido com o primeiro viaduto da cidade, sobre os trilhos.

Protestos contra impostos

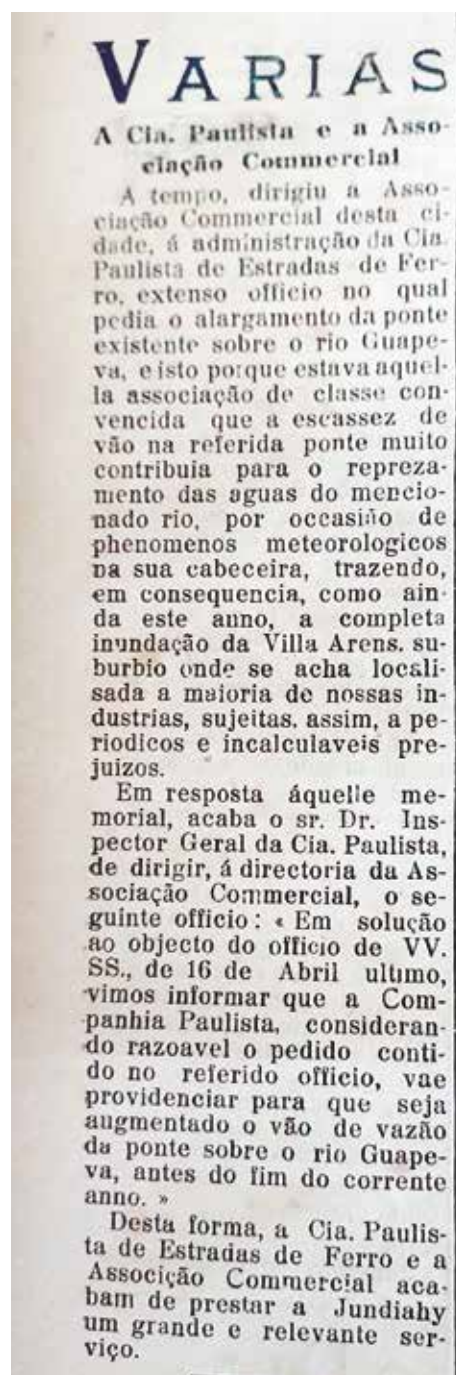
Além do dia a dia, os altos impostos pagos por empresários também foram sempre uma problemática aos associados e uma agenda para a entidade.

Em 20 de outubro de 1926, um aumento (majoração) aprovado pela Câmara Municipal levou associados para a reunião de diretoria onde solicitaram intervenção da Associação Commercial em protesto.

No Caxambu surgiu, em 1926, a Vinhos Santa Isabel, iniciativa de João Cereser, filho de Humberto Cereser, que ao lado dos irmãos Santo e Venerando coordenava o trabalho nas plantações de uva da família. Na época, depois de perder uma venda de parte da safra do ano, com pouco dinheiro e sem lugar para estocar a uva produzida, decidiu produzir o próprio vinho criando a Indústria de Vinhos, que depois se transformou na Viti Vinícola Cereser, uma das mais bem-sucedidas fábricas de bebidas do país.

Soluções para a cidade: associação cumpre seu papel

O terceiro presidente da associação, Hermes Traldi, foi eleito em 26 de dezembro de 1927, e assu-



A edição 261 do jornal A Comarca noticiava uma das conquistas da gestão de Hermes Traldi, do alargamento do vão da ponte sobre o rio Guapeva, para evitar represamento de água e inundações na Vila Arens

miu no ano seguinte.

Uma das primeiras ações de Hermes à frente da Associação Commercial, a pedido de associados, foi solicitar o alargamento do vão da ponte sobre o rio Guapeva, instalada entre as Estações da São Paulo Railway e da Jundiahy-Paulista.

Com a ocupação crescente da várzea por indústrias e habitações, o vão da ponte era insuficiente e provocava o represamento de água com inundações na Vila Arens e na região da Argos.

Em reunião do dia 30 de junho de 1928 a diretoria comunicou aos presentes que o pedido seria atendido pela Prefeitura - informação noticiada no dia seguinte, em edição do jornal A Comarca.

A Associação Commercial de Jundiahy mostrava assim a sua postura de buscar soluções não apenas para uma categoria, mas entendendo a comunidade e o desenvolvimento da cidade como um todo.

Com poucos anos de atuação, a entidade já havia conquistado representatividade e começava a ser tida como uma importante interlocutora junto aos poderes Executivo e Legislativo.

Empreendedor e visionário, Hermes era um italiano da Lombardia que construiu um império de produtos alcoólicos na cidade e foi apontado com um dos empresários mais respeitados do país a partir da Vinícola Traldi, criada apenas quatro anos depois de chegar ao Brasil, em 1914.

Mais tarde, seria também um dos criadores da Festa da Uva - até hoje um dos eventos mais importantes da cidade.

Arquivo Dorival Hassun Jr./Professor Maurício Ferreira



Pesquisa, acervo e publicação: @professormauricioferreira

Anos 1920 na Rua Barão de Jundiá em frente à praça do Fórum: João Mietto dirigindo o coche do seu pai, Agostinho Mietto, que possuía vários tipos de carros com tração animal para casamentos (todo branco), funerais e carretos



Pirapora em 1926. Entre os presentes, Antonio Raymundo Oliveira, José Sciamarelli e Mário Borin

Polêmica dos horários de comércio

Em 1929, o horário comercial ainda tinha limitações excessivas com o descontentamento em relação à legislação local (não havia legislação nacional). Um pedido de atuação do governo foi registrado em ata de reunião realizada em abril.

Na época o então prefeito, Valdomiro Lobo da Costa, informou que tomaria providências.

Outros pedidos também trataram do tema, como de oficial a Câmara Municipal chamando a atenção dos fiscais na observância da legislação que regularizava os horários do comércio, em especial no fechamento aos domingos. (HORÁRIO por ARQUIVO).

O horário comercial caminharia para um panorama consolidado de forma mais ampla no país por lei federal de 1932 – mas já praticado por parte dos co-

merciantes da cidade entre 8h e 18h, com variações entre os diversos segmentos e ainda com conflitos entre setores.

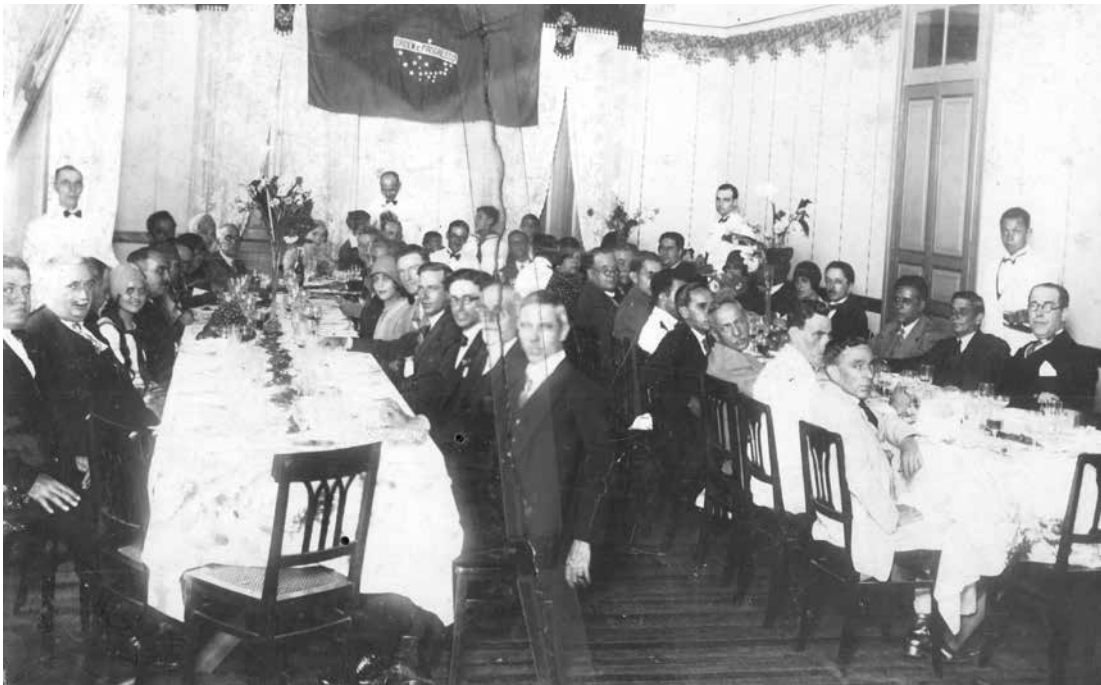
Organizando o combate à broca do café

Em outro aspecto do cotidiano, uma das reuniões entre os membros da diretoria e conselho em 1929 teve sugerida a interferência da entidade junto à Prefeitura para que fosse alterada a maneira do expurgo de sacarias de tecidos brancos e de algodão.

Sim, havia normas para esse procedimento – que tratava do processo de eliminação de pragas na carga de grãos, podendo ou não usar produtos químicos.

Na época, era algo necessário por causa da broca do café. Mas não podia ser feito em qualquer espaço e essa era a preocupação dos associados, localizados em sua maioria no Centro.

Acervo Fotográfico do Museu Histórico e Cultural de Jundiá



Banquete no Casino Jundiahense em 1928. Entre os presentes: Cap. Alberto Pereira, Olavo Guimarães, Antônio Espanhol, Carlos Salles Bloch, Valdomiro Lobo da Costa, Gumercindo Soares de Camargo, Antenor soares Gandra, José Venturino Ferreira, José Martins, Secundino Veiga, Taurino José de Araujo, João Batista Figueiredo, Nivaldo Gandra, Jaime Blandy e o então presidente da Associação, Hermes Traldi

Anos 1920 refletiam urbanização

Com a ferrovia, jornais e revistas chegavam rapidamente da capital do Estado. E havia publicações locais como o jornal A Comarca ou a revista Sultana.

A Vila Arens já era o primeiro polo industrial de Jundiaí, seguido pela Ponte São João e, depois, por outros bairros próximos ao Centro.

Nas ladeiras entre a parte alta e a ferrovia surgiu o primeiro loteamento registrado – a Vila Pacheco. Outras fábricas, por sua vez, implantariam também suas próprias vilas.

A pintora Tarsila do Amaral, destaque na Semana de Arte Moderna de 1922, usava como inspiração paisagens vistas do trem para a fazenda na atual Itupeva.

A rua do Rosário, por sua vez, terminava na atual praça Rui Barbosa – o antigo Largo do Pelourinho. Foi prolongada em 1923, com a demolição da antiga Igreja do Rosário dos Homens Pretos. No mesmo ano instalou-se ali o quartel do 2º Grupo de Artilharia de Montanha do Exército e o Gabinete de Leitura Ruy Barbosa.

Em 1924, a Fratellanza Italiana, criada pelos imigrantes, usou parte de sua sede e inaugurou um novo hospital depois conhecido como Casa de Saúde. Na mesma região, perto do cemitério, surgiu o campo de futebol do Paulista. Em 1926,

Acervo Fotográfico do Museu Histórico e Cultural de Jundiaí



Cena da Rua Barão de Jundiaí na década de 1930

o associativismo foi reforçado com a fundação da Associação Esportiva Jundiaense.

Pouco mais tarde, em 1927, a grande reforma do Teatro Polytheama seria inaugurada.

Os profissionais ambulantes, outra parte do cenário, eram engraxates e pessoas que executavam atividades administrativas no comércio ou de artesanato, para atender às demandas da elite empresarial e política.

A cidade passava de agrícola para também industrial, comercial e urbana – e com os desafios e oportunidades no processo. A Associação Commercial de Jundiahy, nesse cenário, ecoava também as aspirações dos setores industrial e agrícola.

Capítulo

3



Fotografia do Arquivo da Unidade Cerâmica



Foto da Cerâmica Jundiáhyense em 1922, ano de sua fundação

Geopolítica em casa: força local atrai diplomacia italiana

Em janeiro de 1930, Luiz Antonio Cortina tomou posse como presidente da Associação Commercial de Jundiahy.

Foi um ano conturbado. Em novembro o Brasil entraria na era de Getúlio Vargas, encerrando a política do café-com-leite (República Velha) e seu acordo entre as elites dos Estados de São Paulo e Minas Gerais.

A geopolítica internacional também estava presente. Cortina foi um dos convidados de honra na visita do cônsul da Itália em São Paulo, Serafino Mazzolini, para a entrega do título de Cavaleiro da Coroa ao prefeito de Jundiaí, Valdomiro Lobo da Costa.

A visita contou com recepção na estação da São Paulo Railway, um jantar íntimo na casa do prefeito, um baile no Grêmio da Companhia Paulista, uma visita ao bairro do Traviú e um banquete no Casino Jundiahyense.

Uma das grandes colônias de imigrantes italianos no exterior, Jundiaí tinha simpatizantes tanto do fascismo como do anarcosindicalismo em sua história. A segunda guerra mundial ainda não estava no horizonte - e possíveis acordos comerciais eram o que

interessava para a economia.

Cortina foi um comerciante equilibrado nas relações sociais, com o interesse do empreendedorismo acima das diferenças políticas.

Crise da Bolsa de Nova York atrapalha nova sede

Pensando na possibilidade da Associação ter uma sede própria, Cortina propõe para a diretoria o início de negociações para a aquisição de um terreno. O assunto vira tema de reunião extraordinária.

Até então, as reuniões da Associação ainda eram feitas na rua Barão de Jundiaí, 56, imóvel alugado e de propriedade, ao que indicam alguns registros em atas, de Sperandio Rappa.

Como o aluguel gerava despesas, a diretoria criou uma comissão nas reuniões para iniciar a procura de um novo prédio.

Surgindo uma oferta de terreno a 17 mil réis, uma assembleia aprovou a verba de 15 mil réis para o objetivo. Mas um associado manifestou ser prudente não comprar naquele momento por conta da crise iniciada em 1929, nos Estados Unidos, que fez des-



Acervo Fotográfico do Museu Histórico e Cultural de Jundiaí

*Rua Rangel Pestana em 1917:
Em primeiro plano está o
Grêmio dos Empregados
da Companhia Paulista de
Estradas de Ferro, onde
ocorreu um baile da Cia
Paulista em homenagem
ao cônsul da Itália em
São Paulo, Serafino Mazzolini
com a presença do presidente
da Associação, Luiz Cortina*

pencar a Bolsa de Valores de Nova York e, com efeito, o preço do café.

O fenômeno respingava na economia jundiaiese, uma vez que aquele país era o maior comprador do café brasileiro.

A maioria dos associados decidiu pela continuidade da negociação. Mas, um mês depois, o vice-presidente, Tibúrcio Siqueira, informava que a compra do terreno foi suspensa por condições exigidas pelo proprietário.

Mas o alerta isolado sobre a crise foi correto. E o plano foi adiado.

Em maio de 1931, a saída de muitos sócios em dificuldades financeiras levou o custo da manutenção do imóvel da sede a uma medida da diretoria, solicitando à Casa Rappa o abatimento do aluguel, que custava então 80 mil réis.

O atendimento do pedido foi oficializado em carta de Sperandio, lida em reunião no mês seguinte. O setor mostrava união diante da crise.

Ações buscaram menos impostos e custos

Outro consenso entre a diretoria daquela época e os associados foi que o sistema tributário pesava no bolso dos empresários.

Ainda em 1931, a diretoria enviou um ofício à Câmara Municipal solicitando redução de 10% nos impostos dos contribuintes que efetuassem o pagamento dentro do prazo.

Em outra frente de atuação, a entidade de Jundiahy pediu à Associação Comercial de São Paulo o apoio para pleitear aos poderes públicos

o abatimento de 15% sobre o imposto adicional de comércio e indústria.

E a diretoria decidiu ainda, em reunião, que era preciso procurar o prefeito Francisco Cavalcanti para interceder junto à empresa Luz e Força para modificar as exigências quanto à prestação de depósito pelos consumidores.

Mais uma vez a Associação Commercial de Jundiahy era a voz dos empreendedores que lutavam por menos custos e mais condições para o crescimento de seus negócios – e da economia local.



Casa Carlos Gomes no final da década de 30: à esquerda Jorge Copelli, que foi um dos presidentes da Associação. A loja foi uma das pioneiras a vender televisores

Defesa do modelo associativo

Em novembro de 1931 o novo governo federal tomou medidas que previam que associações pudessem ser constituídas somente se aprovadas pelo Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio.

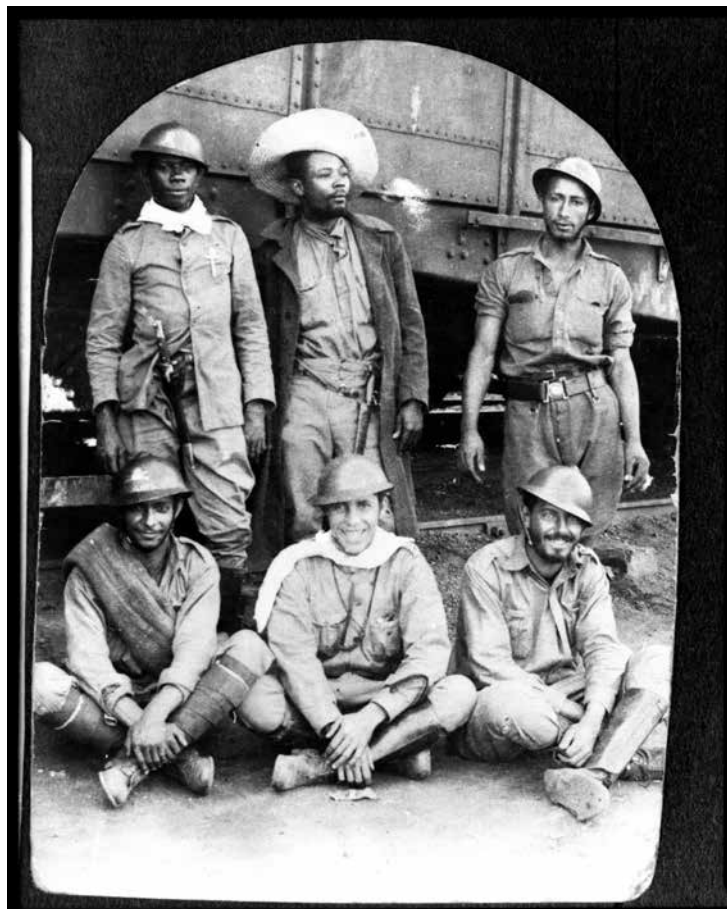
Mas as novas associações comerciais, inspiradas pelas existentes como de Jundiaí, mantiveram o modelo livre-associativo e multiplicaram-se ainda mais velozmente no Estado e no país.

Tempos de revolução: o conflito de 32

Em 18 de janeiro de 1932, o comerciante Antonio J. Oliveira – conhecido na família e comunidade como “seu Totó”, assume o cargo de presidente da Associação Commercial de Jundiahy.

Cuidando do cotidiano e muito querido na comunidade, viu com atenção a proximidade do mês de julho daquele ano. Era a chegada da Revolução Constitucionalista na cidade, assim como

Acervo Fotográfico do Museu Histórico e Cultural de Jundiaí



Soldados da Revolução Constitucionalista: conflito durou três meses

em todo o estado. Na capital, a Associação Commercial de São Paulo cuidaria das finanças do movimento e das medidas de apoio ao abastecimento das tropas.

Em Jundiaí, era uma noite de sábado muito fria em 9 de julho de 1932. Os jovens jundiaenses divertiam-se na quermesse do Mosteiro São Bento enquanto outros estavam reunidos na “A Paulicea” em conversas regadas a café ou conhaque - ou ainda flertando em frente à Catedral Nossa Senhora do Desterro, no vai e vem do tradicional footing - passeios a pé (FERREIRA por FERREIRA).

Mas o rádio, mais poderoso meio de comunicação da época, avisou que havia sido deflagrada a revolução em São Paulo após a morte de quatro estudantes, que formavam a sigla MMDC, insatisfeitos como os demais paulistas com o governador nomeado por Getúlio Vargas e a falta de eleições.

Apenas dois dias depois o médico Antenor Soares Gandra marcava reunião na rua Barão, onde compareceram centenas de jovens. E no domingo, 17 de julho, uma multidão concentrou-se no Largo São Bento da atual praça Tibúrcio Estevam de Siqueira - nome que integrou a diretoria da Associação Commercial na época.

Os soldados voluntários marcharam até a Estação Ferroviária, da antiga São Paulo Railway. Os moradores, ao longo do caminho, teriam marcado o apoio bradando “Viva a Democracia”.

O momento inspirou a criação do Hino de Jundiaí, composto por Haydée Dumangin Mojola, chamada de 'Dedé', inicialmente como marcha de apoio e depois registrado como hino oficial na lei 869, de 17 de novembro de 1960. Um trecho do hino diz:

Terra gentil, altruísta / De ti me orgulho, / Pois és bem paulista! /

Teus filhos com devoção / Marcham pr'a luta como heróis /

Cheios de fé em sua oração."

A luta paulista durou pouco e seguiu até 2 de outubro, com sua rendição. Em Jundiaí, por muitos anos, manteve-se um Obelisco em homenagem aos heróis no Parque da Uva. Homenageando um soldado morto naquele conflito, foi nomeada Jorge Zolner

uma rua no Largo São Bento. Uma estátua foi produzida e hoje está na avenida Nove de Julho.

As atas da Associação Commercial de Jundiahy não mantiveram registros do conflito, mas um episódio curioso foi registrado no ano seguinte, em 1933. O zelador relatou o desaparecimento de objetos no período em que a sede foi ocupada pela Delegacia Política e que deveriam ser cancelados do patrimônio. Eram três toalhas de rosto, uma caneca de folha, duas xícaras de café e um martelo de madeira.

Apesar da aparente derrota, os paulistas tiveram uma vitória política com uma nova Constituição Brasileira em 1934. E o comércio continuou ativo antes e depois do conflito.



Acervo Fotográfico do Museu Histórico e Cultural de Jundiaí

*Outra imagem referente à
Revolução Constitucionalista
de 1932*

Enfim o horário comercial definitivo em Jundiaí

Em 1933, um dos temas eram as alterações do horário do comércio. Em uma das reuniões da Associação Commercial foi citada uma “acta de acordo” que a Associação dos Empregados do Comercio de Jundiahy assinou junto ao poder municipal para ratificar o horário das 8h às 18h, com duas horas de almoço, como regra geral.

Em resposta, um ofício foi enviado à Câmara Municipal informando o horário estabelecido para os diversos setores.

A era de ouro do liberalismo, entre 1872 e 1922, amadureceu relações e soluções. Mas o Segundo Império ou a República Velha tiveram poucas regras para o trabalho por idade, gênero ou para o descanso

- e as iniciativas eram adotadas voluntariamente.

Agora a situação era outra. Na esfera federal havia sido regulamentado, em março de 1932, o horário do comércio no país inteiro. O comércio, junto com os escritórios de serviços, era pioneiro nesse ajuste antes de todos os demais segmentos. O padrão era de 48 horas semanais.

Em Jundiaí, no dia 30 de maio de 1933, um decreto municipal regulamentando o tema veio à luz definindo tudo por setores. Veja alguns exemplos:

No comércio e escritórios de serviços em geral, passou a vigorar o horário de trabalho das 8h às 18h – com duas horas de almoço, podendo revezar turmas

Acervo Fotográfico do Museu Histórico e Cultural de Jundiaí



Operárias da tecelagem na entrada da lendária fábrica

- e das 8h às 12h aos sábados. Aos domingos era quase tudo fechado para o descanso semanal.

Mas um horário diferente era dado ao recente Mercado Municipal. Funcionava das 7h às 17h, podendo abrir aos domingos até as 11h apenas para a feira de pequenos lavradores.

Os cafés e padarias, por sua vez, podiam abrir às 5h e fechar até as 22h em sua área de vendas, sendo proibida a fabricação de pães das 6h de domingo às 6h de segunda-feira.

Os bares, botequins, confeitarias, restaurantes, casas de frutas frescas, leiterias, sorveterias, casas de flores, hotéis, bilhares, charutarias e salões de engraxate podiam funcionar diariamente.

Os açougues podiam funcionar das 5h às 18h, incluindo domingos e feriados até as 12h.

As bombas de gasolina, as locadoras de bicicletas, as agências de transporte e de acessórios poderiam funcionar diariamente, das 7h às 21h.

Os salões de barbeiro ou cabeleireiro, em sua característica, podiam funcionar das 7h às 20h também aos sábados, inclusive se fosse feriado.

As farmácias podiam funcionar de 7h às 20h. Aos domingos, de 7h às 12h - mas aquelas na escala municipal de plantão podiam abrir com horário integral.

Já os comércios da área rural, de qualquer tipo, eram autorizados a funcionar até 20h nos dias úteis - mantendo o padrão de até 12h nos sábados.

Um detalhe revelador é que o decreto, em tempos onde muitos comerciantes ou profissionais tinham a casa junto ou acima do estabelecimento, exigia a manutenção da porta fechada no acesso ao domicílio.

Acervo Fotográfico do Museu Histórico e Cultural de Jundiá



Getúlio Vargas em uma de suas passagens por Jundiá nos anos 30

Horário exigiu ações contra atividades fora da regra

Em setembro de 1933, a Associação Commercial de Jundiáhy oficiou a Prefeitura solicitando cobrança de taxa aos vendedores ambulantes que “estacionavam” na parte central da cidade, principalmente aos domingos - dia em que o comércio, em respeito à lei dos horários, não abria.



Argos na imponente esquina da Avenida Dr. Cavalcanti com a rua José do Patrocínio nos anos 30



Rua Barão de Jundiaí em 1920, esquina com a Rua da Padroeira. Na frente dessa casa onde estão os leões no muro fica a Panificadora A Paulicéa

Novo apelo estadual para redução de impostos

A diretoria enviou ofício ainda em 1933 para a parceira ACSP, de São Paulo, pedindo ajuda para a redução de impostos “por conta da influência junto a quem de direito algo possa fazer em nosso favor”.

Surgimento das Lojas Magalhães

Na década de 1930, chegava a Jundiaí o comerciante mineiro João Evangelista Magalhães. Foi o fundador da Loja Magalhães, que comercializava máquinas de costura que ele importava dos Estados Unidos.

Anos depois, em 1948, conseguiu a representação da Vigorelli em todo o Estado de São Paulo. Acabou sendo um dos responsáveis pela vinda da empresa para Jundiaí.

Logo depois, na década de 1950, o crescimento dos negócios no comércio (a loja já vendia geladeiras, vitrolas e até televisões, ainda em preto e branco), João comprou um imóvel na rua Barão de Jundiaí, que depois foi demolido, cedendo lugar a um prédio de três andares que se transformou em uma das principais lojas do comércio central.

O Papai Noel, adquirido pelo comerciante nos Estados Unidos em 1967 e levado para a frente da vitrine da loja em períodos de Natal, era uma grande atração no Centro daquela época.

Com um mecanismo especial, o boneco subia e descia abrindo os braços, encantando quem passava pela loja. Foi atração até o fim da década de 1990, quando a loja fechou as portas, e ficou na memória afetiva das crianças das décadas de 1970 e 1980.

Quase sede própria

Incomodado pelas despesas da sede alugada da



O Papai Noel da Loja Magalhães era uma grande atração no Centro e ficou na memória afetiva das crianças das décadas de 1970 e 1980. Anos depois foi restaurado e ficou em exposição no Museu Histórico e Cultural

Associação, o presidente Antônio J. Oliveira retomou o assunto da sede própria. A diretoria quase adquiriu um imóvel localizado na rua Barão de Jundiahy, na esquina com a rua Jacyntho Borges (atual Secundino Veiga), mas a compra foi reprovada porque estava muito mal conservado.

Estimulando o desenvolvimento econômico

Em 17 de janeiro de 1934, quem assumiu a presidência foi Manoel Ildefonso Archer de Castilho. Ele havia fundado, em 1922 a Companhia Cerâmica Jundiáhyense (que originou depois a Deca), na Ponte São João.

Ele já era um empresário respeitado ao explorar cerâmica branca, disputando mercado com ingleses que jogavam duro contra o início de produção nacional no setor. Resistiu e, anos mais tarde, inauguraria um impressionante sistema de fornos contínuos respeitado em toda a América Latina.

Formava uma frente pioneira na cidade, para onde viera com seu grupo de engenheiros da Escola Politécnica, estimulado por lideranças locais. Na década seguinte, Manoel Archer seria também prefeito na época da segunda guerra.

Embora figure na galeria de presidentes da Associação, na verdade ficou no cargo apenas dois meses e passou depois para uma posição de apoio. Embora curta, entretanto, sua passagem pela presidência e depois como vice-presidente simbolizou a cooperação entre empreendedores pelo desenvolvimento da cidade.

Raízes de fundadores

Em 16 de março de 1934, com a renúncia ao pos-

to de Castilho, a entidade convocou nova assembleia e elegeu Mário Rappa, sobrinho do fundador Sperandio Rappa, para o cargo de presidente.

Buscando grandes empresas

O presidente Mário Rappa se tornaria célebre ao usar os espaços institucionais que podia para ampliar a industrialização de Jundiáí.

A sua persistência gerou frutos em poucos anos, junto aos empresários que montaram na cidade a maior fábrica de alimentos processados da América Latina - a CICA, na região da Vila Arens, ao lado do rio Guapeva.

Além de toda a sua história industrial, a empresa ainda incentivou com o elefante da massa de tomate o início do conglomerado de um dos maiores artistas dos quadrinhos brasileiros, Maurício de Sousa.

Mesmo com a troca de cargos, tanto Archer de Castilho como Rappa marcaram essa gestão pelo apoio ao aumento de instalação de indústrias em Jundiáí - e com efeito, a mais estabelecimentos comerciais e no consumo dos moradores.

O período é parte da longa era de Getúlio Vargas (1930 a 1955) onde investimentos no setor industrial foram multiplicados tanto pela iniciativa privada

como pelo governo.

Antes disso, desde sua fundação, a Associação Commercial de Jundiahy já estimulava essa tendência com a grande proximidade que sempre promoveu entre empresários de todos os setores. Afinal, mais indústrias ou agricultores na cidade geravam mais comércio e serviços.

Renovando a luta por menos impostos

A tributação, que tanto incomodava os co-

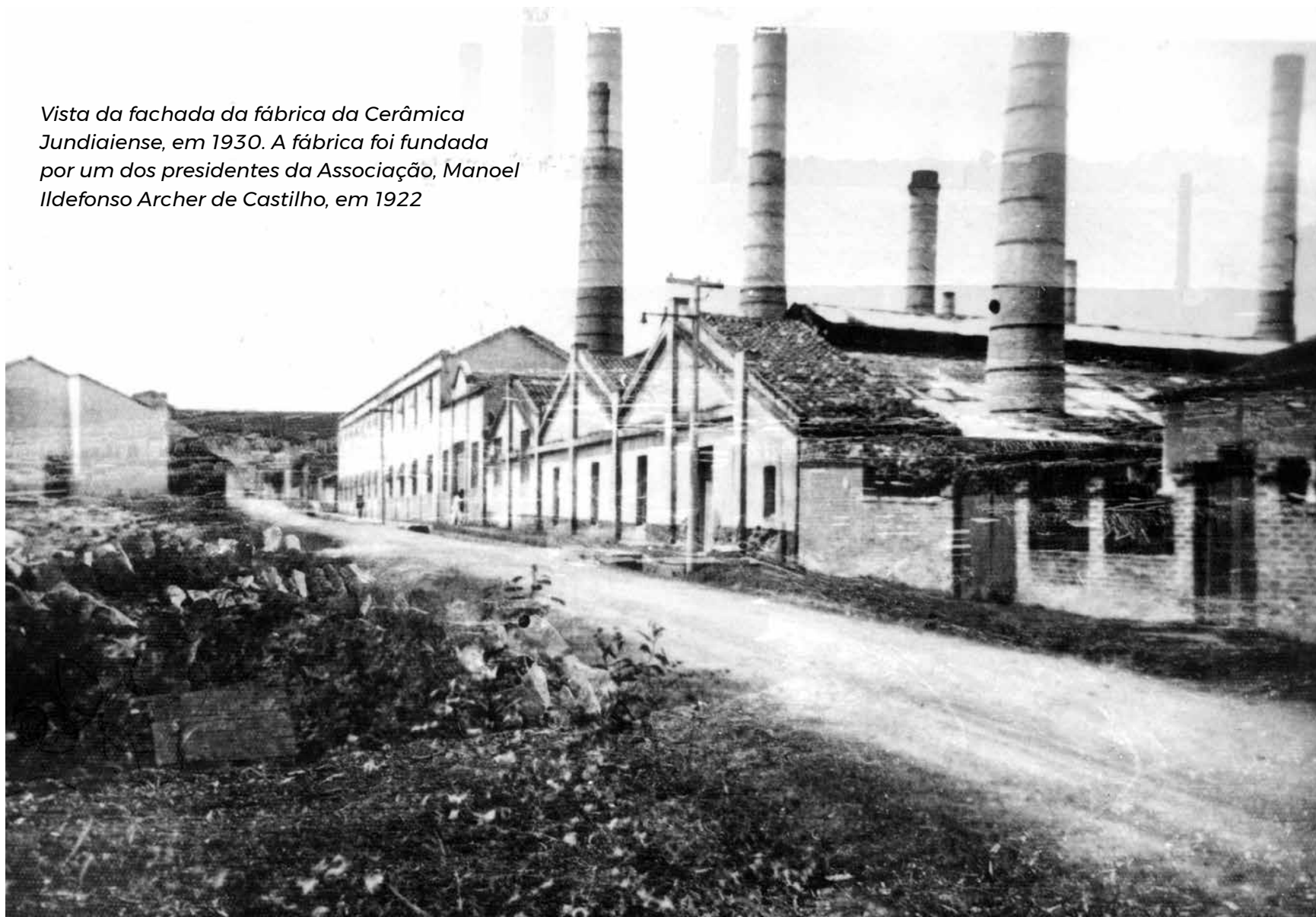
merciantes, voltou a ser pauta permanente de reuniões. A diretoria formou uma comissão para reunir-se com o coletor estadual e tratar de meios de redução dos impostos do comércio e da indústria.

E o comércio faz da uva outra revolução

Com o surgimento espontâneo da variedade Niagara Rosada, no ano anterior, foi realizada no ano de 1934 em Jundiaí a 1ª Exposição Viti-vinícola do Estado e a 1ª Exposição Industrial de

Foto do arquivo da empresa

Vista da fachada da fábrica da Cerâmica Jundiaense, em 1930. A fábrica foi fundada por um dos presidentes da Associação, Manoel Ildefonso Archer de Castilho, em 1922



Jundiaí.

A Associação Commercial de Jundiahy teve associados colaborando na criação da festa. Mais tarde, cederia espaço para escritórios de apoio da chamada Festa da Uva.

O primeiro evento foi organizado pelos governos municipal e estadual, até pouco tempo antes adversários. A cidade não estava preparada para o sucesso do evento e o volume de turistas que lotavam trens para chegar à cidade. A festa ocupou o antigo mercado municipal (atual Centro das Artes) e parte do Grupo Escolar Conde do Parnaíba.

Foi uma tática comercial que chamou a atenção. Na primeira remessa de uvas da nova variedade Niagara Rosada ao Rio de Janeiro, em 1933, ela não foi bem aceita pelo estranhamento da cor. Então, os agricultores de Jundiaí mandaram outra remessa, com o dobro do preço, mostrando tratar-se de algo com mais qualidade. A tática e o sabor deram o êxito (OLIVEIRA).

Arquivo Dorival Hassun Jr/Professor Maurício Ferreira



Viticultores de Jundiahy na década de 1930

Acervo Fotográfico do Museu Histórico e Cultural de Jundiaí



Em 1934, a região central da cidade foi ocupada por milhares de pessoas na 1ª Exposição Vitivinícola do Estado e a 1ª Exposição Industrial de Jundiahy. A Associação Commercial teve associados criando ou colaborando no histórico evento



Participação da Companhia Cerâmica Jundiahyense na Exposição das Indústrias durante a primeira Festa da Uva



Exposição de frutas no Mercado Municipal, hoje conhecido como Centro das Artes



Na década de 1930 ainda eram comuns os animais de tração (como charretes ou carros de boi) na produção e comercialização da zona rural - e até no transporte urbano. E isso esteve presente na Festa da Uva de 1934

Ferragens em alta

Na Ponte São João surgia, nesse período, uma ferraria fundada pelos irmãos Ângelo e Américo Mietto para produzirem ferraduras para animais ou peças de arreo - parte de uma longa tradição local desde tempos coloniais.

Tempos depois, na década de 1950, o filho de Ângelo, Armando, assumiu o negócio ampliando para o ramo de madeiras e fabricando charretes, carroças e carrinhos de olaria. Com a chegada dos automóveis a família diversificaria a produção, seguindo também ao ramo de construção civil.

Fabricação de fósforos

Também na década, em um barracão da rua XV de Novembro, surgia em maio de 1935 a fábrica de fósforos Andrade Latorre, fundada por Luís Latorre, então um jovem de 23 anos.

Anos depois, com a prosperidade nos negócios, a fábrica foi transferida para um prédio na rua Siqueira de Moraes, 52, ao lado da Companhia Paulista. E foi crescendo ano a ano, até tomar o quarteirão inteiro. Em 1944, um incêndio destruiu as instalações da fábrica - mas em apenas 58 dias Luís Latorre colocou a fábrica para funcionar novamente, mais moderna e com capacidade de produção aumentada.



Desfile realizado pelas ruas do Centro durante a realização da primeira Festa da Uva



ASPECTO DA FESTA DA UVA — 1934

Presença das mulheres na primeira edição da Festa da Uva, em 1934



Pórtico nas proximidades do Mercado Municipal

Anos 1930 “plantaram” valor do turismo

Com os inesperados milhares de visitantes na primeira Festa da Uva em 1934, o comércio de Jundiaí descobriu a força econômica do turismo. Depois a chegada da segunda guerra adiou novas edições - mas o tema já estava inserido na cidade.

Na década de 1950 avançou para um novo parque para a festa, enquanto muitos restaurantes lendários e eventos dos mais variados tipos se multiplicavam. A festa passou a contar com o apoio pontual da Associação.

No início do século 21, o primeiro polo turístico

regional do Estado, o Circuito das Frutas foi criado nos anos 2000.

Em 2019, levantamentos apontaram 1 milhão de visitantes ao ano - entre turismo de lazer, com 70%, e de negócios nos dias úteis em torno de 2.600 empresas da cidade. As projeções são de que tenha injetado 181,87 milhões de dólares anuais na economia local.

São pontos de hospedagem, mais de 430 estabelecimentos gastronômicos cadastrados e de rotas de atrações dos segmentos cultural, histórico, ecológico e principalmente rural.

Capítulo

4



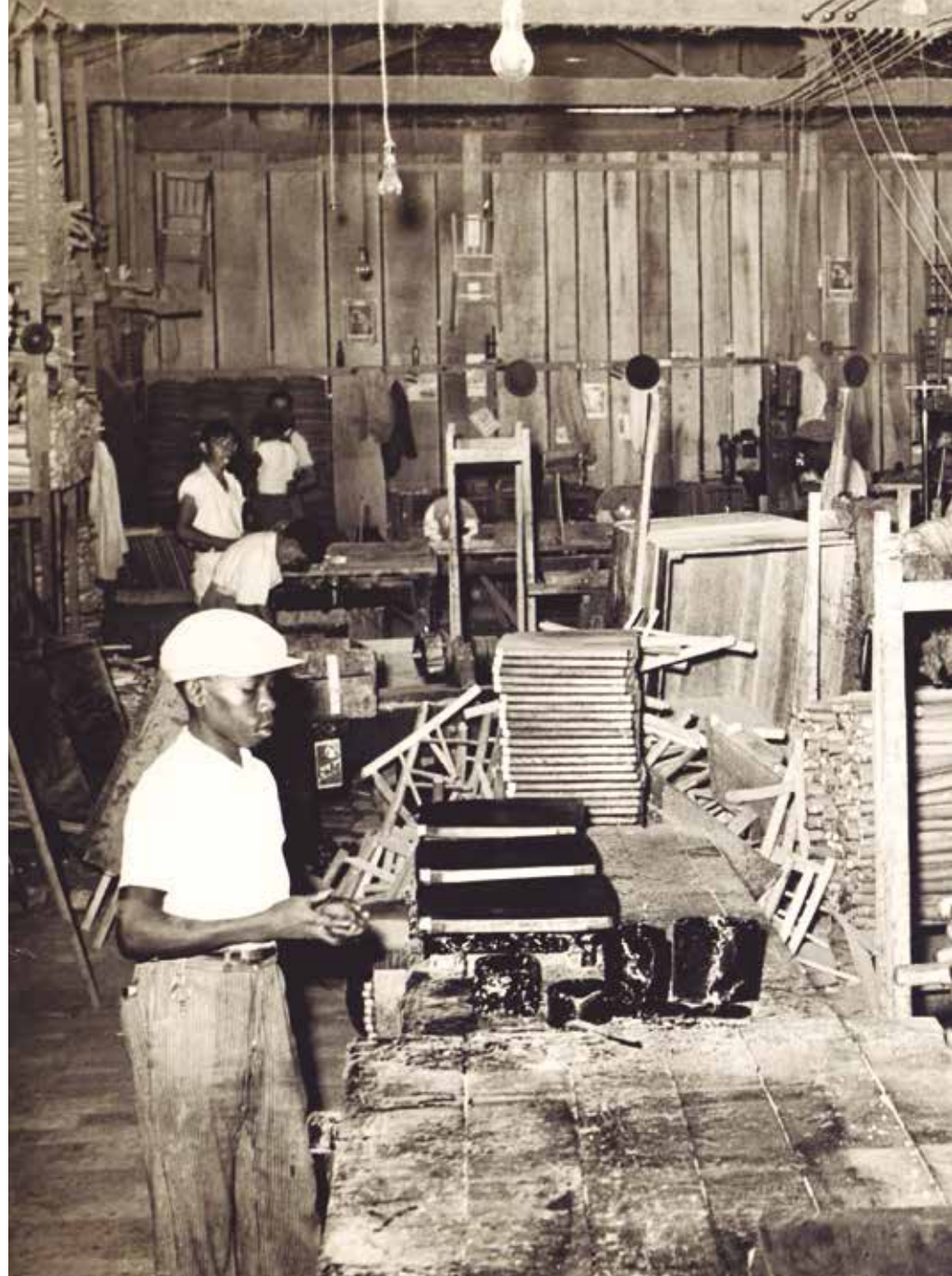
A invenção do crédito em consulta manual

Na década de 1930 a comunicação entre entidades do comércio de todo o país ainda era feita por cartas. Era comum associações comerciais enviarem ofícios umas às outras, solicitando informações confidenciais sobre empresas ou pessoas.

O comércio de pequeno porte, como das cadernetas escritas à mão, mantinha a prática comum de vizinhos indicarem uns aos outros como confiáveis (ou não). Em estabelecimentos maiores isso era mais complexo.

Por esse motivo uma inovação de 1936, na gestão do presidente Guido Pellicciari, fez a Associação Commercial de Jundiahy adotar um procedimento inédito que começou a ser praticado posteriormente por outras entidades.

Foi criado um fichário, conforme descrito em ata, “de devedores relapsos do comércio varejista da cidade, afim de evitar, ou ao menos diminuir, a proporção de prejuízos que tais clientes ocasionam ao commercio. O serviço será confidencial e gratuito



Fábrica de Cadeiras: Guido Pellicciari costumava ir para a produção

para os associados. Aos não associados, as informações serão fornecidas a critério da diretoria mediante o pagamento da taxa”.

Esse fichário passou a ser controlado por um diretor da Associação Commercial e as informações sendo fornecidas dentro de três dias após o pedido.



Fotos: Acervo Fotográfico do Museu Histórico e Cultural de Jundiaí

cial de Jundiahy atingia um novo patamar. Era também um agente econômico coletivo.

Um inovador por tradição

A iniciativa de proteção ao crédito ter surgido na gestão Guido não surpreendeu. A Associação Comercial de Jundiahy e seu então presidente já tinham ambos uma tradição na busca por novidades.

De família de grandes marceneiros, músicos e esportistas, Guido Pellicciari havia visto o pai, Sperandio Pellicciari, criar sistemas de produção em série em sua marcenaria - com qualidade premiada em Gênova.

O próprio Guido aplicou em sua fábrica de cadeiras diversas inovações que na década de 1940, depois da Segunda Guerra, atingiram picos inéditos e um volume de produção reconhecido por toda a América do Sul.

Guido, com suas inovações, foi reeleito em 1937.

Mercado Municipal na Rua Barão em 1934



Com essa iniciativa, a cidade de Jundiaí foi uma das precursoras do Serviço Central de Proteção ao Crédito (primeiro como SPC e depois SCPC), surgido no país apenas na década de 1950 e um dos mais importantes serviços da história da própria Associação.

Com o apoio ao crédito, a Associação Commer-



Fábrica de bebidas Traldi, de Hermes Traldi, que foi presidente da Associação e um dos mais influentes empresários da época

Associação amplia ações em defesa do comércio

Em 1938 o presidente eleito na Associação Commercial de Jundiahy foi o jornalista e farmacêutico Casimiro Brites Figueiredo. Ele havia passado com destaque por jornais como A Comarca e foi diretor da renomada revista Sultana. Assumiu seu mandato em fevereiro de 1939 - e depois foi reeleito em 1941.

Um dos primeiros desafios foi com os excessos

da fiscalização de impostos estaduais, que mobilizou também outras associações de São Paulo. Desde 1936 o fisco estadual havia iniciado ações intensas no interior paulista na fiscalização de impostos da venda e de consignações.

A forma como era feito esse trabalho levou o presidente Casimiro Brites Figueiredo a integrar a comissão montada pela Associação Comercial de São Paulo para cobrar e aplicar uma solução mais adequada - também junto ao Departamento da Receita Federal.



Em 1947, a Rua do Rosário, esquina com a Rua Siqueira de Moraes. Ao fundo se vê o prédio do Centro das Artes que nessa época era o Mercado Municipal

Nesse cenário ocorreu também um período em que casas comerciais receberam intimações em massa para cumprirem as exigências do novo Código Sanitário do Estado. Por interferência da Associação Commercial de Jundiáhy, houve o diálogo com o médico-chefe do Centro de Saúde sobre os custos de adaptação às novas regras. Como resultado, setores do comércio alcançaram um prazo maior de tolerância para os estabelecimentos se adequarem ao contexto.

O Código Sanitário do Estado existia desde

1918 e regulava desde a microscopia atmosférica até águas potáveis, do solo e esgotos, da vegetação até a higiene dos espaços de farmácias e drogarias, fábricas, comércios, mercados, matadouros e logradouros públicos. Além de vacinas, medicações, amas de leite (na versão mais antiga), alimentos, saneamento, fazendas e outros tópicos.

Em paralelo a essa defesa, o professor e advogado Adoniro Ladeira foi contratado para prestar consultoria jurídica aos associados.

Atuação da Associação era cada vez maior na cidade

Em 1940, Casimiro continuava o estímulo ao associativismo que marcava a história da Associação Commercial e reforçou isso com uma palestra no Rotary Club intitulada “como cooperar com os poderes públicos na solução dos problemas municipais”.

Na época, a diretoria da Associação recebeu um ofício da Prefeitura convidando para a comissão de honra dos festejos comemorativos do aniversário do presidente Getúlio Vargas. E

também outro convite, para participar do banquete oferecido por Adhemar de Barros, então no início de uma das carreiras mais influentes da política paulista do século 20.

A política da entidade era aproveitar a visibilidade para uma das ações de gestão – manter ou aumentar o número de associados, alvo de campanhas periódicas. E seguir com o foco nos temas do comércio e dos empreendedores como um todo.



A Vila Arens foi um dos primeiros corredores comerciais nos bairros, expandidos junto com as indústrias nas décadas de 1940 e 1950

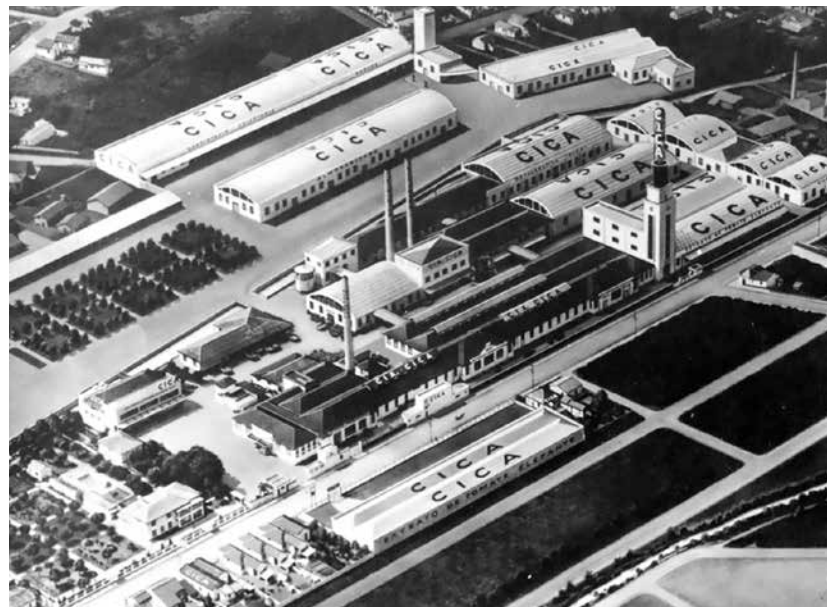


Na primeira metade do século 20 as ruas centrais compartilhavam comércio e moradia



Desde 1922 o Exército Brasileiro iniciou preparativos do quartel do Centro, na praça Rui Barbosa. Logo a cidade teria dois quartéis, tendo presença militar no cotidiano

Fotos: Acervo Fotográfico do Museu Histórico e Cultural de Jundiá



A conquista da fábrica da Cica fortaleceu a economia local nas décadas de 1940 e 1950

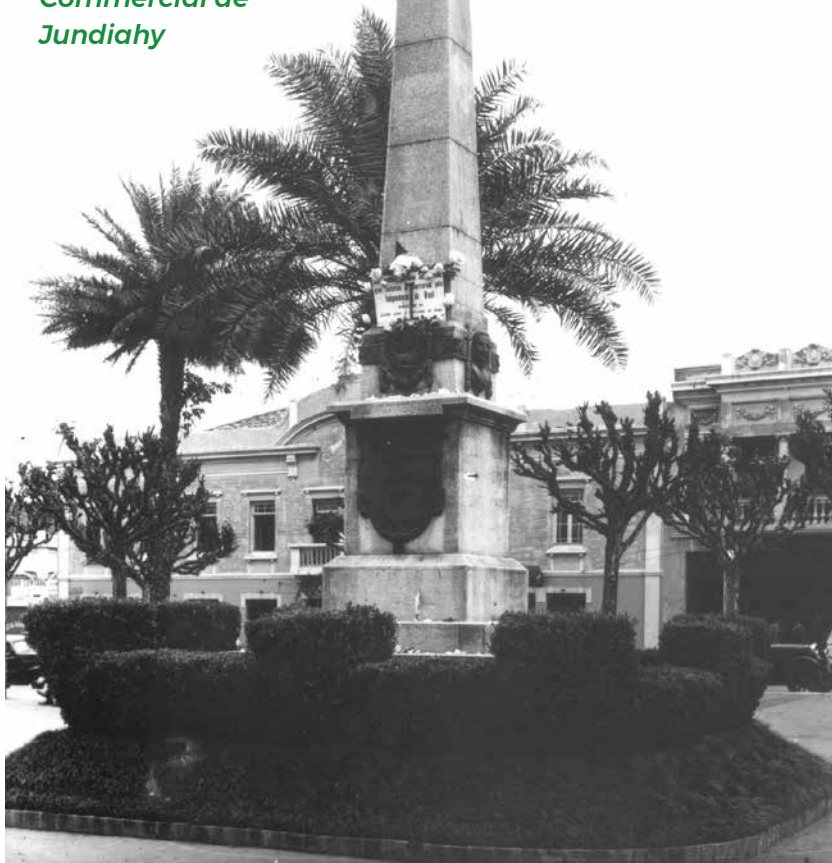


Desfile em homenagem aos soldados "Heróis" de Monte Castelo, que lutaram na 2ª Guerra Mundial (1945), na Praça Governador Pedro de Toledo, em frente a Igreja Matriz



Inaugurada nos anos 40, a Fonte Luminosa do Largo da Matriz foi doada por Leny Del Nero de Castro Marcondes

Obelisco no Largo da Matriz comemorou o centenário da Independência de 1922, quase junto com o surgimento da Associação Commercial de Jundiahy



Atendimento em novo endereço

O recorrente assunto da sede própria continuava na pauta e a diretoria, em novembro de 1940, estudava adquirir um terreno na rua do Rosário. Na reunião seguinte já tinha um novo endereço - a rua Barão de Jundiaí, 476, na praça Rui Barbosa.

Fotos: Acervo Fotográfico do Museu Histórico e Cultural de Jundiaí



Banda do Grêmio Recreativo dos Empregados da Companhia Paulista entre os anos 30 e 40: música fazia parte da história da cidade



Corredores comerciais nos bairros, como a avenida Dr. Olavo Guimarães na Vila Arens, se multiplicaram com a expansão de fábricas e serviços entre os anos 1940 e 1950



A atual avenida São João, na Ponte São João, nas primeiras décadas do século 20: moradias e pequenos comércios no posterior corredor comercial



Os anos 1940 foram marcados pela chegada da rodovia Anhanguera, que levou à urbanização do Anhangabaú. Na foto, o Centro no alto e no primeiro plano a avenida Jundiá, o Parque da Uva e o Ginásio de Esportes (Bolão)

Cotidiano envolvia horários noturnos e feriados

Em setembro de 1939 a diretoria da Associação enviou ofício à Prefeitura pedindo mudanças na lei 280, que tratava de limitações na venda de café, leite e chocolate depois das 22h nos bares e botequins. Com a eletricidade mais ampliada, as atividades noturnas aumentaram.

Nos anos de 1941 e 1942, por outro lado, a Associação Commercial de Jundiáhy retomava discussões sobre o fechamento do comércio e indústrias em feriados e dias santos. O tema dividiu opiniões no setor, mas não mudaria de imediato.

Na ferrovia, intercedeu-se à São Paulo Railway (Santos-Jundiá) solicitando a parada dos trens no posto telegráfico de Botujuru para melhorar o serviço à população e ao comércio. A medida foi atendida.

Também foi feito um pedido à ferrovia pela construção de outro armazém de cargas ao lado da Ponte São João para beneficiar o comércio e a indústria do bairro.

Enquanto isso, o então presidente Casimiro era convidado para participar da fundação da Escola de Comércio Padre Anchieta.



Fotos: Acervo Fotográfico do Museu Histórico e Cultural de Jundiaí



Acima: Casinhas já antigas ainda marcavam o Centro nesta época. Ao lado: Nos anos 40 começou a construção da sede própria do antigo Clube 28

Surgimento de novos comércios tradicionais

Nesta época já funcionava na Vila Arens a Casa Garcia, inaugurada em 1928 na Vigário JJ Rodrigues, Vila Arens, e por anos um dos únicos locais da cidade de venda de materiais de construção.

O comércio foi fundado pelo espanhol Jerônimo Gregório André Garcia vendendo, inicialmente, secos e molhados e ferragens. Aos poucos, André Garcia, como era conhecido, foi crescendo e já na década de 40 encontrou no funcionário da loja, o jovem Antônio Ormenese, o sócio que precisava.

Toninho, como era conhecido, chamou a atenção de André pela eficiência e dedicação ao trabalho e de funcionário passou a atuar como diretor comercial do estabelecimento. Ficou na sociedade por aproximadamente 20 anos.

Os filhos de André continuaram os negócios e a Casa Garcia funciona até hoje, com duas unidades.

“O Rei do Vidro”

Também na década de 40, era fundada no Centro a Casa Leopardi, por João Leopardi. No mesmo bairro, na rua Zacarias de Góes, Waldemar Eugênio Maia inaugurava a Casa Maia de Vidros, que revolucionou o segmento de vidraçarias da época. O filho de Waldemar, Alfredo, cresceu na vidraçaria e absorveu as habilidades do pai. Aos 12 anos já desempenhava um papel ativo no comércio da família.

Foto: Acervo Professor Maurício Ferreira



Obra na Rua Vigário J.J. Rodrigues, na Vila Arens, com a Casa Garcia ao fundo: rua ainda era de paralelepípedo

Com o passar dos anos, Alfredo refinou e expandiu os conhecimentos adquiridos, tornando-se um pioneiro ao introduzir a técnica de vidro temperado blindex no Estado de São Paulo. Tornou-se um comerciante respeitado e ficou conhecido como o “Rei do Vidro”. Teve como clientes a rede Frango Assado, Lago Azul e diversos bancos da cidade.

Gigante no Trilho

O relatório aos acionistas da Companhia Paulista de Estradas de Ferro em 1940 mostrava o enorme alcance dos trens da empresa sediada na cidade – e por isso parceira essencial da Associação Commercial de Jundiahy na época.

Em 1939, os passageiros haviam passado de 4,9 milhões (1935) para 6,235 milhões. Os animais, de 573,67 mil para 616,16 mil. Os telegramas, de 462,55 mil para 545,2 mil.

Nas cargas, o café chegara a 719,68 mil toneladas transportadas (1938). Já as chamadas mercadorias diversas passavam de 1,9 milhão de toneladas, em 1935, para 2,74 milhões em 1939. E as bagagens passaram de 90,5 para 104,5 toneladas.

A extensão de vias férreas da Paulista alcançava 1.511 quilômetros, exigindo grande estrutura nas oficinas de Jundiaí e Rio Claro, com dois dos 16 hortos florestais. E subestações e grupos móveis para os trechos de energia elétrica.

Em 1940, o relatório da empresa contava 45 locomotivas elétricas (nos trilhos de bitola 1,60) e 179 locomotivas a vapor (a maioria em trilhos de bitola 1,00), além de algumas centenas de vagões de passageiros e milhares de vagões de carga adequados a cada mercadoria – de animais vivos, de alimentos refrigerados, de automóveis e outros.

Era difícil imaginar que nas décadas seguintes a prioridade passaria a ser as rodovias (COMPANHIA por ARQUIVO).

Fotos: Arquivo Histórico – Museu Histórico e Cultural de Jundiaí





Lado esquerdo: As locomotivas a vapor como esta, da Baldwin, continuavam a fazer parte da frota nos anos 30

Acima: Marcos da cidade, o escritório e as oficinas da Cia Paulista foram parte da infraestrutura comercial da cidade nos séculos 19 e 20

Lado direito: O impressionante pátio de manobras dos trens em manutenção era destaque mesmo visto de cima



Capítulo

5



Foto: Arquivo Histórico – Museu Histórico e Cultural de Jundiaí



Vista parcial do Bairro da Vila Arens . Foto tirada da Esplanada Monte Castelo, conhecida como Escadão

Associação atualiza grafia de seu nome

Com o acordo ortográfico de 1943, da Academia Brasileira de Letras, a forma escrita da Associação Commercial de Jundiahy passou a ser Associação Commercial de Jundiaí.

Referência do associativismo, a Associação estimulava o surgimento de outras entidades. Em

Jundiaí, a movimentação do setor comercial já havia estimulado o surgimento da Lei do Descanso Dominical em 1924 e para comemorar a conquista surgiu neste mesmo ano a Associação dos Empregados do Comércio de Jundiahy, com a sede inicial em uma sala na Associação Commercial, ainda no primeiro imóvel que usou no extremo da

rua Barão.

Esse espírito associativista continuou com Casimiro Brites Figueiredo, que nos anos 30 assumiu a presidência da Associação e editou a lendária revista Sultana de 1928 a 1936 – também foi colaborador do periódico Trinta de Outubro, dirigido aos comerciários.

Nesse período da revista, a Associação dos Empregados passou de 40 para 350 sócios e em 1928 mudou-se para sede própria (SULTANA).

Ambas as entidades estimularam o pedestrianismo em Jundiaí, com bons resultados em iniciativas como a Volta de Jundiahy e também em provas estaduais e na São Silvestre, e outros esportes como o cestobol (atual basquete) ou ciclismo, além da manutenção de um gabinete de leitura, xadrez, bilhar e eventos. E efeitos indiretos como estimular o surgi-

mento posterior da Associação Cultural, Recreativa e de Esportes - ACRE.

O comércio local esteve ligado a esse setor esportivo de forma profunda. Foi na loja Ao Esporte Jundiaense, por exemplo, que anos depois surgiram iniciativas como o basquete do Jundiaí Clube. A loja foi fundada em novembro de 1954, pelos irmãos Lenhaioli, inicialmente na Rua Dr. Torres Neves e posteriormente mudou-se para a Barão, onde está até hoje.

Em novembro de 1940, uma reunião do Conselho de Associações Filiadas da ACSP (Associação Comercial de São Paulo) tratou das novas leis sindicais do governo Getúlio e reforçou a defesa do associativismo. Constam nos registros que em Jundiaí criou-se então a Associação Profissional do Comércio Varejista do Município, presidida também por Casimiro. Depois, em 1950, com outro futuro presidente da Associação Comercial, Orlando D'Angieri.

Acervo fotográfico do Museu Histórico e Cultural de Jundiaí



Praça Governador Pedro de Toledo. No centro da imagem, destaque para fonte luminosa, muito famosa naquela época

Foto Record/Acervo fotográfico do Museu Histórico e Cultural de Jundiaí



Outro ângulo da Praça Governador Pedro de Toledo, com a fonte luminosa



Praça Sebastião Pontes, na Vila Arens, com a visão do alto da cidade, na década de 40

Acervo Professor Maurício Ferreira



Praça das Andradas em 1947

Fotos: Acervo fotográfico do Museu Histórico e Cultural de Jundiá



Rua Marechal Deodoro da Fonseca, esquina com a Rua Dr. Torres Neves, com destaque para a Primeira Igreja Batista



Rua Barão de Jundiá: no lado direito aparece o prédio do Banco do Estado de São Paulo SA - Banespa

Comoção de guerra leva a apoio

Com a 2ª Guerra Mundial, em 1939, ainda antes de entrar no conflito, o Brasil passou a cadastrar estrangeiros. E a Associação Comercial de Jundiaí ficou atenta e iniciou o registro destas pessoas, sob orientação de advogado da entidade como forma de apoio aos associados nesta condição.

Foi um ataque a navios brasileiros pelos alemães, com mais de 600 mortes, que mudou tudo em agosto de 1942. O governo do Brasil, pressionado por norte-americanos e pela população, declarou que o país entrava em “estado de beligerância” contra Alemanha, Itália e Japão.

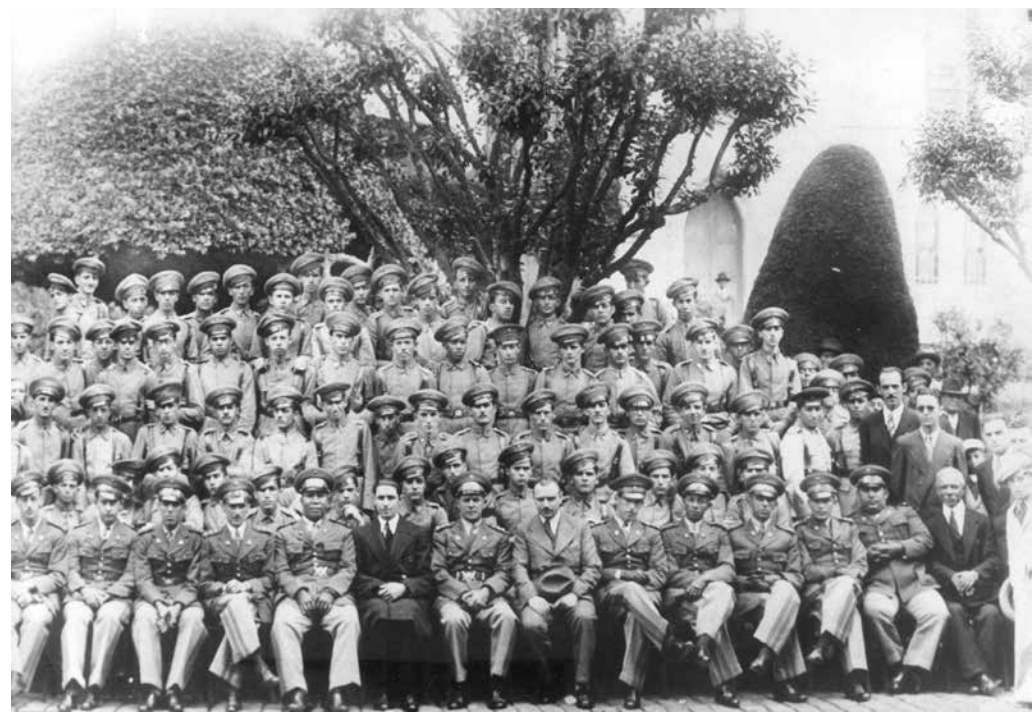
Em Jundiaí, um dos reflexos foi que nomes de referência como Fratellanza Italiana ou Banda Ítalo-Brasileira foram adaptados para Casa de Saúde ou União Brasileira – assim como os times do Palestra Itália, na Capital, e outro no bairro da Colônia, em Jundiaí, mudaram para Palmeiras.

Nesta época, a Associação Comercial de Jundiaí uniu-se a outras entidades de classe em solidariedade ao presidente Getúlio Vargas.

Em reunião da diretoria realizada em 20 de agosto de 1942, em caráter extraordinário, os membros decidiram medidas oportunas, conforme o registrado em ata, “*para desagravo da honra e soberania nacional com o afundamento de cinco navios brasileiros por submarinos do eixo*”.

Nesta reunião a diretoria decidiu enviar também um telegrama ao presidente do país, que virou

Foto: Acervo Fotográfico do Museu Histórico e Cultural de Jundiaí



Formatura do Tiro de Guerra 132, em 1938. Entre os civis, Thomaz Piveta, Casimiro Brites de Figueiredo, Ulisses Martinho e João Batista Figueiredo

notícia publicada no jornal A Manhã (RJ), de 28 de agosto, que reproduz a mensagem (MANHÃ) assinada pelo presidente da Associação, Casimiro. Vejam a seguir:

“A Associação Comercial de Jundiaí, reunida em caráter extraordinário apresenta a vossência a demonstração de integral solidariedade pelo monstruoso atentado praticando contra a soberania do Brasil e a vida de incontáveis patrícios. Protestando contra o gesto bárbaro, que a insânia totalitária praticou contra a Pátria, comunica a vossência que a Bandeira social será hasteada, durante três dias, enlutada, como demonstração de magua desta Associação e das classes conservadoras de Jundiaí”.

Mais um associativista na presidência

Em 1943, Casimiro foi reeleito pela segunda vez. Mas para a posse, que ocorreria em janeiro de 1944, indicou para assumir em seu lugar o comerciante Jurandyr de Souza Lima.

Respeitado como um dos fundadores do Clube Jundiense e de inúmeras outras iniciativas associativistas e empresariais, o novo presidente seria reeleito em 1946 e continuaria à frente da Associação até 1949.

No período, atuou como um dos maiores incentivadores do associativismo da Associação como valor da sociedade, representado pela própria instituição, como base para fortalecer o comércio e as iniciativas culturais, empresariais e públicas na cidade. Entre elas, o Gabinete de Leitura e tantas outras.

Chamado pelos amigos pela abreviatura de Juranda, foi um personagem celebrado da história da cidade.

Uma das primeiras ações da gestão de Jurandyr foi recontratar o advogado Adoniro Ladeira. Ele já prestava consultoria jurídica e daria expediente diário (exceto aos sábados) no escritório instalado na Associação, com uma remuneração de Cr\$ 500.

Entre as suas funções estava a de defender os associados das multas impostas pelos poderes públicos federais, estaduais e municipais.

Também atuaria em questões particulares em qualquer ação civil, comercial ou criminal, nestes casos cobrando dos associados 25% a menos que os habituais honorários na Comarca de Jundiá.

Acervo Fotográfico do Museu Histórico e Cultural de Jundiá



Foto da década de 50: Rua Siqueira de Moraes, com os tapumes do início da construção do Grande Hotel. Ao fundo a Igreja Nossa Senhora do Rosário (hoje o terminal Central)

Mecânica

Nesta época, na avenida Dr. Cavalcanti, esquina com Bartolomeu Lourenço em 1944, os irmãos Abílio, Flávio e Mário Luchini abriram uma pequena oficina mecânica que posteriormente passou a vender veículos Studebaker, DKW, Massey Harris e Ferguson (mais tarde foram transformadas na Massey Ferguson). No decorrer dos anos, o pequeno negócio evoluiu para uma das maiores revendedoras de automóveis do País.

Fotos: Acervo Fotográfico do Museu Histórico e Cultural de Jundiaí



Em 1944, os irmãos Abílio, Flávio e Mário Luchini abriram uma pequena oficina mecânica que posteriormente passou a vender veículos e se tornou uma das maiores revendedoras de automóveis do País

Adeus a Benedito

O ano de 1945 começou com a notícia da morte de Benedito José dos Santos, em fevereiro. Ele trabalhou como zelador da Associação Comercial de Jundiaí por mais de vinte anos, desde a fundação em 1923, e já estava aposentado. A diretoria arrecadou Cr\$ 630 para o funeral do ex-funcionário e a compra de sepultura.

Um ano depois, em agosto de 1946, a diretoria também registrou nota de pesar à família de Arcangelo Rappa, filho do primeiro presidente, Sperandio Rappa, pelo falecimento de seus filhos, Flávio e Adélia, durante acidente no navio Duque de Caxias.

Apoio por taxas menores de seguro

Em 1945, a Associação foi procurada pela indústria têxtil Argos Industrial para interferir, junto à Comissão Permanente de Tarifas, pela redução de 50% para 30% do adicional cobrado pelas companhias de seguro em contratos de acidentes de trabalho.



*Mirante Esplanada
Monte Castelo*

Homenagem aos soldados da FEB

A Associação estava atenta à intensa participação da cidade no espírito da guerra. A Força Expedicionária Brasileira (FEB), com soldados jundiaenses em sua formação, foi designada em 1943 pelo ministro da Guerra, Eurico Gaspar Dutra, para atuar nas regiões montanhosas da Itália entre o fim de 1944 e o início de 1945. Sua principal batalha contra o nazismo e o fascismo foi a tomada de Monte Castelo.

Em homenagem ao fato surgiu a construção do mirante chamado Esplanada Monte Castelo, em área próxima da sede inicial da Associação Comercial de Jundiaí e do Teatro Polytheama, rua Barão de Jundiaí.



Presidente Jurandyr de Souza Lima, na biblioteca da associação

Um movimento pela união do empresariado

O comerciante Oswaldo Willy Fehr, um dos fundadores da padaria A Paulicéa ao lado dos irmãos Arthur e Otto, assumiu a presidência da Associação Comercial de Jundiaí em fevereiro de 1949.

Sua bandeira era de reforço dos princípios. No pós-guerra, muitos investimentos estavam sendo feitos no Brasil e a história da Associação era de cooperação com todos os segmentos.

Esse conceito esteve na reunião de diretoria de abril de 1949, quando foi sugerido transformar a nomenclatura da entidade para Associação Comercial, Industrial e Agrícola de Jundiaí.

Até mesmo uma comissão foi criada para realizar o trabalho preparatório, incluindo uma revisão do Estatuto. Embora não formalizada, mostra a filosofia de cooperação mantida pela entidade.

Incidente

Um fato ocorrido na Confeitaria A Paulicéa suspendeu a reunião da diretoria em 4 de março de 1949. Por motivo cotidiano, o co-proprietário da confeitaria, Otho, foi detido, levando Oswaldo e outros diretores ao quartel do Exército (GO 155) para tratarem do assunto. A solução veio com a interferência do presidente da Câmara, Amadeu Ribeiro Junior.

Era tempo de pós-guerra e a presença mili-

Foto: Acervo fotográfico do Museu Histórico e Cultural de Jundiaí – Coleção João Janczur



Luiz Denardi, Leonetto Carletti, Alfredo Fronzaglia e Casimiro Brites Figueiredo. Em pé Ermindo Gennai, Natal Carletti, Pedro Taddei Jr. e Eugenio de Arruda Camargo

Acervo fotográfico do Museu Histórico e Cultural de Jundiaí



Solenidade na Prefeitura de Jundiaí: Archipo Fronzaglia, Abbelard Corrêa da Silva, Lindolpho Paixão, Pedro Fávaro, Casimiro Brites de Figueiredo e Alceu de Toledo Pontes



Prédio do Quartel do 2º Grupo de Artilharia de Montanha do Exército, instalado nos anos 20



Av. Olavo Guimarães e Igreja de Nossa Senhora da Conceição, em 1957

tar era forte. O GO 155, Grupo de Obuses, estava prestes a deixar o quartel do Centro, criado em 1923, e seguir para a região da Vila Rami no ano seguinte, onde se estruturaria o 12º GAC - Grupo de Artilharia de Campanha. O quartel do Centro, por sua vez, receberia a sede da 2ª Companhia de Comunicações. Qualquer incidente repercutia, mas neste caso do Otho, os detalhes não foram divulgados.

Uma impressora com aroma

Era também época sem impressoras - e o mimeógrafo era o principal recurso para fazer cópias de papel. Um funcionário foi enviado a São Paulo para verificar o reparo da máquina da Associação, que se encontrava em processo de conserto. Muito comum por décadas, esse equipamento era conhecido pelo forte aroma de álcool usado no processo.

Imposto gera reação de empresários

Um comunicado da Prefeitura de Jundiá na imprensa local declarou que as tabelas cobradas nos impostos foram feitas em cooperação com a Associação Comercial. O caso gerou desconforto e a diretoria foi obrigada a convocar assembleia desmentindo a versão.

O assunto era delicado. O imposto mais comum era sobre Indústria e Profissões, que apesar do nome abrangia todo o comércio. Depois seria ajustado para o atual ISS (Imposto Sobre Serviços).

As tabelas continuaram sendo tema de polêmicas nas décadas seguintes, sob qualquer nome do imposto, e seu equilíbrio uma bandeira permanente da Associação.

Um dos pontos do debate era o peso relativo do imposto sobre alguns setores. Em 1948, como registrou o Condephaat, a Prefeitura de Jundiaí publicou o decreto 105 que isentava de imposto predial e de metade do imposto de indústrias e profissões as novas fábricas que quisessem instalar-se no município (CONDEPHAAT por MARQUES). A essa medida quase de “guerra fiscal”, havia a curiosidade das isenções.

Anos depois, em 1964, o Imposto sobre Indústria e Profissões tinha muitas isenções na Lei 1.198. Eram isentos os ministros religiosos, os diplomatas, os funcionários públicos em exercício, os serventes judiciais, os professores, jornalistas e escritores, as pequenas indústrias caseiras de portas fechadas e até dez salários de renda anual, os serviços pessoais como criados, pequenos lavradores, estabelecimentos humanitários, culturais ou esportivos, pequenas pensões familiares, as cooperativas, as escolas privadas com bolsas, os restaurantes de empresas para empregados, as profissões liberais de pequeno porte ou de sociedades já tributadas.

A década de 1940

Um fato que chocou Jundiaí em 1943 foi o então prefeito Manoel Aníbal Marcondes sofrer um atentado a tiros em sua farmácia, que ficava entre as ruas do Rosário e Bernardino de Campos, e assassinado por um militar do exército que sofria de problemas mentais, conforme registro da época. (JUNDIAQUI por CERIONI).

Foto: Acervo Fotográfico do Museu Histórico e Cultural de Jundiaí



Foto de 1952: Grupo de pessoas em frente à fonte luminosa na Praça Governador Pedro de Toledo. Entre elas aparece Nadir Carbonari

Jundiaí viveu os anos da guerra com o início de uma influência maior dos Estados Unidos no lugar antes ocupado apenas por Inglaterra e França.

A falta de gasolina criou temporariamente o uso do gasogênio nos veículos a motor. A inauguração da Via Anhanguera pelo governador Adhemar de Barros foi em 1948, ainda com a pista simples totalmente pavimentada entre São Paulo e Jundiaí.

A Prefeitura do Município instalou no Anhangabaú novidades como o ginásio esportivo Bolão e o espaço do Parque da Uva para feiras agrícolas e industriais. Também começou a ser construído o primeiro viaduto da cidade (o São João) sobre os trilhos das ferrovias, a ser inaugurado em 1950.

Na moda, a cidade e o país se adaptaram à escassez com versatilidade de chapéus e adereços. Em Jundiaí, o polo têxtil passou a priorizar uniformes militares no uso do algodão e depois voltando ao normal.

O Brasil vivia a Era do Rádio com sucessos como

Carmen Miranda, Nelson Gonçalves, Isaurinha Garcia, Francisco Alves, Luiz Gonzaga e muitos outros.

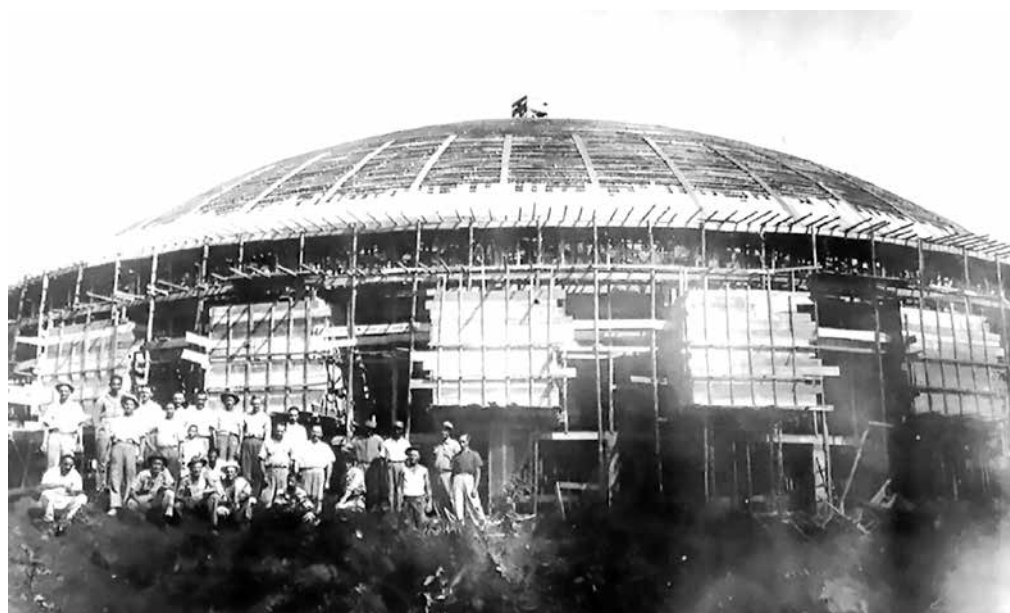
Na política, o pós-guerra trouxe com os pracinhas o ideal democrático. E em Jundiaí, no Centro da cidade, começaram a surgir prédios. O primeiro deles foi o edifício Carderelli, com quatro andares. E os clubes associativos se multiplicavam nos bairros.

No plano internacional surgiram as Nações Unidas e o Banco Mundial, começou a guerra fria na disputa entre Estados Unidos e União Soviética e a independência de muitas colônias pelo mundo.

Na economia, o Brasil vivia crescimento econômico com a redução das importações e crescente industrialização e a produção agrícola diversificada.

Além do transistor, usado em rádios e tevês, a tecnologia passou a pesquisar o uso de telefones móveis – origem dos celulares atuais. E a caneta esferográfica.

*Construção do Bolão
início dos anos 1950*



Anos 40 e 50

‘espalham’ corredores comerciais

Além da continuidade do crescimento dos polos industriais da Vila Arens e da Ponte São João, iniciados no fim do século 19, a industrialização de Jundiaí avançou com as isenções de impostos no final dos anos 1940 e nos anos 1950.

As novas fábricas surgiram por bairros variados como a Vila Rami, Vila Hortolândia, Bela Vista, Vila Boaventura, Jardim Primavera, Jardim das Hortências, Vila Rica, Vila Alvorada, Anhangabaú e outros, chegando até mesmo nas bordas da Serra do Japi.

E os novos fluxos de trabalhadores, gerentes e empresários movimentaram o setor de moradias e também dos mais variados tipos de comércio e serviços, tanto em dias úteis como de fins de semana.

Dessa maneira surgiram corredores comerciais em ruas e avenidas como Olavo Guimarães, São João, Carlos Gomes, José do Patrocínio, Retiro, Itirapina, Itatiba, Bom Jesus de Pirapora, Jundiaí e outras. Tudo isso sem perder a força da região tradicional de comércio, no Centro.

O processo seria reforçado na década de 1950, com aumento da industrialização do país

Foto: Acervo Fotográfico do Museu Histórico e Cultural de Jundiaí



Construção do Viaduto da Ponte de São João, na Rua Dr. Torres Neves, sobre os trilhos da Estrada de Ferro Sorocabana e Companhia Paulista. Início da década de 1940

e a produção de matéria-prima industrial na Companhia Siderúrgica Nacional e – além da criação da Petrobrás.

Em Jundiaí, a Associação Comercial e parceiros já atuavam nessa direção. O crescimento prosseguiria, alimentando a economia e o comércio.

A posterior desindustrialização dos bairros tradicionais, em boa parte substituída por apartamentos, mudou em parte os fluxos comerciais - que se reinventaram.

Capítulo

6



Cooperação entre setores faz consultas crescerem

A década de 1950 foi iniciada na Associação com a eleição do músico e professor de matemática, Orlando Vicente D'Angieri, também integrante de uma família de empreendedores e músicos ligados aos célebres Chorões do Japi.

Um dos primeiros assuntos a lidar foi com o novo aumento do imposto de Indústrias e Profissões. Durante reunião de diretoria, os membros presentes reclamaram que desde o ano anterior cobravam uma resposta da Prefeitura em relação ao assunto.

O imposto estava sendo usado como política econômica, isentando novas indústrias na cidade – mas aumentando seu peso relativo nas demais categorias estabelecidas.

O presidente entrou então com o pedido na Prefeitura para ter acesso à informação de aumento com, pelo menos, 15 dias de antecedência antes de tornar-se público.

O debate de impostos sempre foi contínuo sobre suas tabelas – que continuou,

Foto: Acervo Fotográfico do Museu Histórico e Cultural de Jundiaí



A CICA foi uma das marcas da segunda onda de industrialização de Jundiaí



nesse caso, mesmo após mudar o nome para imposto sobre serviços (ISS) e até os dias atuais.

Ponto de referência na cidade

Na mesma época, a Associação Comercial foi consultada pela presidência da Caixa Econômica Federal sobre a possibilidade de instalação de uma agência na cidade.

Outra empresa solicitou informações referentes ao pagamento de indenização aos seus empregados - e a Associação enviou carta ao departamento jurídico da Associação Comercial de São Paulo pedindo apoio para orientar a associada.

Veio também da ACSP, em abril de 1951, uma carta com as bases de aumento dos comerciários em São Paulo e instruções sobre o desconto em folha do imposto sindical dos empregados. A informação era repassada a todos os associados.

O papel de intercâmbio da instituição foi constante e em meados do século 20 era uma referência na cidade.



Padaria do casal Oswaldo e Leta Bárbaro nos anos 1960, no bairro da Ponte São João

Horários noturnos em pauta

A Associação de Jundiáí intercedeu, junto a Prefeitura e Delegacia, por um pedido de proprietários de bares e confeitarias para abrirem na Semana Santa, depois da meia noite. A medida ainda demoraria mais um tempo.

Cooperação de setores em fase ampliada

O presidente Orlando D'Angieri recebeu telegrama do prefeito Vasco Venchiarutti com o convite para integrar a comissão que teria audiência com o Governador do Estado para tratar de assuntos da Festa da Uva. Mas tinha impossibilidade de participar naquele momento.

Em 1952, em contrapartida, foi cedida uma das salas da sede da Associação Comercial, na rua Barão de Jundiáí, para uso da comissão organizadora da festa.

No ano seguinte, José Pacheco Netto Jr. foi eleito presidente da Associação Comercial e assumiu em janeiro. Logo na primeira reunião recebeu voto de louvor, por ter acabado de colar grau em Direito.

Com o envolvimento da Associação na organização da Festa da Uva, Pacheco foi convidado para participar da comissão. Por conta desse apoio, a Associação recebeu da Câmara Municipal um ofício com voto de louvor pela cooperação no evento.

A isso, somou-se a alegria do então ex-presidente Orlando D'Angieri ao vencer o concurso de marchinhas da festa.

A festa inaugurava, em 1953, o então novíssimo Parque Municipal Comendador Antônio Carbonari, com seus três pavilhões e sua concha acústica – e um obelisco na entrada pela também recente avenida Jundiáí.

Era o princípio da cooperação aplicada entre os



Outra cena registrada durante a Festa da Uva realizada na década de 50

A Festa da Uva de 1953 inaugurou o Parque Comendador Antonio Carbonari e a Associação Comercial foi apoiadora do evento

segmentos – do comércio, da indústria, da agricultura e dos serviços – como desde o início da Associação Comercial.

Transporte - No mesmo ano Antonio Balzanelli fundava a Auto Viação Balzanelli. Era apenas um ônibus. Mas dez anos depois, em 1963, os irmãos Hermes, Gothardo e Paulo Balzanelli, e mais Waldemar Ron-

Acevo Fotográfico do Museu Histórico e Cultural de Jundiá



coletta assumiram a empresa mudando o nome para São João Turismo, ainda na Ponte São João. A empresa, que já havia conquistado notável espaço no setor de transporte turístico, passou a trabalhar também com a sua própria agência de turismo. Na década de 1970 seria transferida para a rua do Rosário, onde chegou a sediar algumas reuniões da diretoria da Associação Comercial.

Movimento contra aumento de impostos

Em reunião ainda em fevereiro de 1953, a diretoria decidiu se envolver novamente no assunto do aumento do Imposto de Indústria e Profissões, oficiando o prefeito Luiz Latorre para expor os anseios das classes comercial e industrial.

A diretoria solicitou reconsideração da taxa-ção efetuada e até criou uma comissão para falar com o prefeito. Pequenas mudanças já eram uma conquista.

Por conta do envolvimento da Associação na elaboração da lei orçamentária, o assunto Imposto da Indústria e Profissões, que era amplamente debatido, novamente voltou às reuniões da entidade e desta vez a diretoria decidiu oficializar a Câmara Municipal pedindo empenho dos vereadores para evitarem qualquer majoração nos impostos municipais para o ano em exercício.

No mesmo período, o prefeito cumpriu a promessa e convidou a Associação Comercial para participar da elaboração da lei orçamentária, com reunião feita em seu gabinete.

A isenção ou desconto do imposto já vinha sendo usada para atrair novas empresas para a cidade, mas o custo aumentou muito para os empresários já estabelecidos. O movimento obteve avanços com ajustes em algumas tabelas e redução de valores em outras.

Promessas de ampliação de telefones

A influência e representatividade seguiram reforçadas em setembro de 1953, quando a presidência da Associação recebeu ofício da Prefeitura pedindo parecer a respeito de um novo contrato para serviços de telefonia na cidade.

Por ser um assunto complexo, a diretoria pediu cópia de contratos de outras associações, onde o serviço já era executado, como base para examinar o contrato em Jundiá. Por falta de todos os elementos de análise, os diretores preferiram focar em sugestões pontuais como a redução de preços de serviço.

Uma nova campanha pela sede

O assunto da sede própria voltou a preocupar a presidência. Desta vez a diretoria foi notificada por um procurador do proprietário do prédio localizado na rua Barão, 476, onde funcionava a sede da entidade nessa época, que pretendia demolir o imóvel para construir outro.

A diretoria não se opôs à notificação e iniciou a desocupação, inclusive dos inquilinos que usavam a andar superior do edifício.

Era o momento certo para a construção de uma

Fotos: Acervo Fotográfico do Museu Histórico e Cultural de Jundiaí



No Largo da Matriz, o primeiro imóvel de quatro andares - o edifício Carderelli, dos anos 1940 - sempre teve comércio em seu andar térreo



Nos anos 1950 a morte de personalidades como Dom Pedro Abade, criador da Casa da Criança Nossa Senhora do Desterro, mobilizavam a cidade

Acervo Professor Mauricio Ferreira / Sebo Jundiaí



Rua do Rosário, esquina com Rua Bernardino de Campos, nos anos 1950

nova sede e a diretoria intensificou uma campanha para arrecadar fundos. Por conta disso, enviou ofício pedindo donativos ao Dr. Antonio Cintra Gordinho, à Cica, ao Comendador Antônio Bonfiglioli, a representações Franco Vigorelli, à Argos Industrial, ao Dr. Jayme Cintra - então presidente da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, ao ex-presidente, Sperandio Rappa, e outros.

Mais uma semente foi lançada e os frutos viriam em breve.

Fortalecimento: associação cresce na cidade

Orlando D'Angieri foi eleito novamente e voltou ao cargo em janeiro de 1955. E começou por organizar o calendário de eventos anuais de comemorações de aniversário da Associação Comercial, que já conta-

Reprodução / Arquivo de família



O presidente Orlando D'Angieri foi um dos responsáveis pela compra do terreno onde foi construído o Palácio do Comércio

va três décadas de atividade.

Entre os eventos, um churrasco para associados e familiares e uma exposição de canários, prática muito popular na época, que ocorreria na sede da entidade nos dias 24 e 25 de fevereiro daquele ano.

A novidade para aumentar o quadro de associados foi uma campanha com a cooperação dos diretores, criando um quadro de Delegado Seccional da Associação Comercial.

Cada “delegado” ficou responsável por visitar uma região da cidade e convidar outros comerciantes para se tornarem novos associados. A campanha deu certo. O número de associados, que em janeiro de 1955 era de 425, saltou para 690 em dezembro do mesmo ano.

João Janczur/Acervo fotográfico do Museu Histórico e Cultural de Jundiaí



Nesta época, o time do Paulista jogava no campo que ficava entre a Avenida Professor Luiz Rosa e Rua Anchieta

Capítulo

7



A “invenção” da proteção ao crédito em Jundiaí

Fotos: Reprodução Livro Facesp 50 anos



Registro de atendimento no SCPC em SP, na década de 60: na época era o nome da pessoa que ficava negativado



Até 1955, para efetuar vendas a prazo, o comerciante tinha dificuldade para descobrir se o consumidor tinha “ficha limpa” - ou seja, se devia na praça. Então, antes de aceitar a compra, enviava uma pessoa até a Associação Comercial de Jundiaí para checar se o nome do cliente constava no fichário de devedores no sistema criado nos anos 1930.

A situação mudou com a fundação do SPC (Serviço de Proteção de Crédito), nessa década, por um grupo de empresários que se reuniam para trocar informações sobre clientes que compravam a prazo e não pagavam. Era precursor do SCPC (Serviço Central de Proteção de Crédito), ligado à ACSP (Associação Comercial de São Paulo), que seria usado em Jundiaí anos mais tarde.

Era uma época de poucos brasileiros com acesso a bancos, cartões ou cheques. Sem o CPF, era o nome da pessoa que ficava negativado, gerando a expressão “nome sujo”.



Rua Dr. Torres Neves e a Praça Dr. Domingos Anastácio, nos anos 40/50

Relâmpago em céu claro

Foi neste período que foi eleito o comerciante e artista plástico Orlando Rômulo Pascoal para a gestão mais rápida da entidade. Foi eleito em janeiro de 1956 e no mês seguinte enviou ofício à diretoria com o pedido de renúncia, por razões particulares.



Rua do Rosário no início da década de 50



Feira livre realizada na rua Leonardo Cavalcanti, no Centro, em uma época em que poucos brasileiros tinham acesso a bancos e cartões ou cheques



Solenidade no Instituto de Educação. Entre outros, estão presentes prefeito Vasco Antonio Venchiarutti, radialista Tobias Muzaiel

Associação reforça benefícios para filiados

Em março de 1956 o comunicador e empresário Tobias Muzaiel, que integrava o Conselho Deliberativo e cumpria o que dispunha o Estatuto, aceitou assumir a presidência no lugar de Rômulo Pascoal.

Com ideias jovens, usou seu carisma de comunicador para fortalecer o quadro de associados. Era também um empresário que, na década seguinte, formaria o maior grupo de mídia da região, o JJ-Difusora, e que em suas viagens trazia inovações do exterior.

Uma das primeiras situações enfrentadas pelo

novo presidente foi um abaixo-assinado de comerciantes pedindo interferência da Associação no trabalho de barracas de tecidos, armarinhos ou secos e molhados nos horários proibidos ao comércio (aos sábados, após o meio-dia, e aos domingos, o dia todo).

A diretoria avaliou a situação e entendeu ser preciso o apoio de vereadores no assunto, que chegou até o então prefeito Vasco Venchiarutti. Logo, novas normas estavam sendo estabelecidas.

A boa repercussão do trabalho da Associação levou também à ampliação de benefícios. Para fortalecer o associado, Muzaiel sugeriu a criação de escritório comercial com taxa menor e convidou, para atuar como contador, Walmor Barbosa Martins - que viria a ser prefeito da cidade na década seguinte.

Uma comissão também foi criada para visitar comerciantes de bairros, como a Ponte São João, para apresentar o serviço.

Outro benefício oferecido gratuitamente ao associado foi a distribuição de guias para o recolhimento de contribuição ao IAPC (Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Comerciantes). Foram adquiridos 5 mil jogos de guias, vendidos a Cr\$ 0,40 cada em vez do preço de mercado de Cr\$ 2,00 (dois cruzeiros).

No mesmo período a Associação criou um departamento de relações sociais para reforçar o número de sócios, sob direção de Ataliba Aquino dos Santos, aproveitando o bom momento criado por D'Angieri na gestão anterior.

Acervo Professor Maurício Ferreira



Em março de 1950 o público parava para ver a novidade da televisão na vitrine da Casa Carlos Gomes

O futuro horário de Natal

Em novembro de 1956, o presidente recebeu o ofício do Sindicato dos Empregados no Comércio que solicitava intercessão da Associação Comercial junto à Prefeitura para que o comércio abrisse aos sábados, após o meio-dia, no período de festas de fim de ano.

A diretoria não concordou com o pretendido naquele momento, mas o mecanismo seria adotado em pouco tempo como padrão no setor.

Campanha conquista mais empresas para a cidade

O comerciante Jorge Copelli, que na década de 1920 comercializou o primeiro rádio elétrico na cidade, voltou a ser pioneiro na década de 1950 com os primeiros televisores na Casa Carlos Gomes.

Membro da diretoria da Associação Comercial de Jundiaí, foi eleito presidente em assembleia e em fevereiro de 1957 assumiu o cargo.

Uma de suas maiores marcas de gestão, junto com diretoria e associados, foi a campanha pela instalação da empresa alemã Krupp. Seguindo a linha de atuação da entidade, mais indústrias representavam mais salários qualificados, que sustentavam mais comércio e serviços – e mais qualidade de vida.

A partir de 1955, as políticas públicas de Juscelino Kubitschek promoviam uma intensa abertura econômica do país para as empresas multinacionais - mas ampliando também a abertura de novas empresas e incentivando o consumo. A integração ao comércio global ainda tinha reservas de mercado, mas era uma nova fase no país.

Em outubro de 1957, a diretoria registrou em ata que o então presidente iniciou protestos contra o governo federal por dificuldades impostas ao projeto da Krupp. No apoio estava Antônio Carlos Avallone, então dono de fábrica de chassis e carrocerias que no

ano anterior anunciou a construção do primeiro carro de entregas inteiramente brasileiro.

Fazia sentido a campanha. E, pouco tempo depois, o movimento foi vitorioso e acabou consolidado no então distrito (e depois município) de Campo Limpo Paulista com a maior forjaria de virabrequins do mundo. (KRUPP por THYSSEN KRUPP).

Gigante

Neste mesmo ano foi fundada a Astra S/A Indústria e Comércio, quando Francisco de Assis Cechelli Oliva, que já atuava no mercado imobiliário, se uniu a mais oito pessoas para inaugurar a marcenaria Astra, inicialmente produzindo acessórios para banheiro em madeiras.

Dez anos depois, Oliva, que estava à frente da administração da fábrica, sugeriu o uso do plástico em seus produtos e a empresa começou a fabricar o assento para vasos sanitários, e nos anos seguintes, tornou-se a principal referência no mercado.

Tecidos

No Centro de Jundiaí, os vestidos rodados e os ternos dominavam o figurino das pessoas e, em 1958, nascia na rua Barão de Jundiaí outro comércio tradicional. Era a loja Ao Barulho de Jundiaí, fundada pelo



Foto de Tuto Fabrício/Arquivo Professor Mauricio Ferreira



Nos anos 70, José Godoy Ferraz, arquiteto Vasco Antônio Venchiarutti e o fundador do Credi Nino, Tolmino Fabrício, que foi presidente por um curto período

Inauguração de Krupp, em 1961, com a presença do então presidente Jânio Quadros, Governador Carvalho Pinto e Alfred Krupp



Sede onde funcionava a Cia Telefônica antes da inauguração do famoso prédio que virou referência nos anos 60, no Centro

imigrante sírio Jorge Tabbakh. No início vendiam tecidos e armarinhos, com o crescimento das confecções, passaram a vender roupas prontas.

Eletroeletrônico

Um ano depois, perto dali surgia na mesma rua em dezembro de 1959 o Credi Nino, loja fundada por Tolmino Fabrício, que em 1984 seria presidente da Associação Comercial.

A loja foi inaugurada vendendo eletroeletrônicos e passou a vender móveis e eletrodomésticos. Em novembro de 1969 transferiu-se para a rua do Rosário, 397.

Voltam estudos sobre a sede

Outra das ações de Copelli foi relançar a ideia de construir uma nova sede da Associação Comercial. Para isso, sugeriu a compra de um terreno. A intenção seria custear tanto a compra do terreno quanto a construção com o apoio dos sócios, que pagariam ações ou promissórias. O tema continuava vivo.

Associação prepara retomada

A economia nacional no mandato do Governo JK (Juscelino Kubitschek) iniciado em 1956 com apoio militar contra uma tentativa de golpe, preocupava o presidente Jorge Copelli. Em reunião de maio de 1958, falou sobre um plano de ação visando maior atuação da entidade em relação “aos angustiantes problemas pelos quais a nação está imersa”. A diretoria debatia naquele momento um

congelamento de preços.

Ao mesmo tempo, o plano trienal do governo acelerava o crescimento da economia com emissão de moeda para investimentos e abertura para multinacionais que enviavam recursos ao exterior.

Era um período otimista da história, que incluiu até a primeira conquista da Copa do Mundo e a construção de Brasília. Mas o governo JK enfrentava efeitos em crises de inflação.

Mais juízes para Jundiaí

Em 1958, a Associação Comercial recebeu ofício do prefeito Vasco Venchiarutti solicitando apoio de influência ao movimento para elevar a Comarca de Jundiaí à Quarta Entrância (categoria que aumentaria o número de varas judiciais no Fórum).

O próprio presidente Jorge Copelli confirmou então a presença em encontro com o governador do Estado, Jânio Quadros – futuro presidente por curto período -- no então Palácio Campos Elíseos, para tratar do assunto. O movimento reforçou serviços em Jundiaí.

Pressão por nova sede

A pauta da sede nova, que antes era um desejo histórico da diretoria, tornou-se na visão interna uma necessidade quando um oficial de justiça entregou, em abril de 1959, uma notificação de despejo requerida por Anna Lazzati, proprietária do prédio onde funcionava a Associação Comercial, na rua Barão de Jundiaí, 476. O prazo era de 90 dias.

A diretoria acionou o apoio de um advogado e iniciou a busca por um novo imóvel. O caso não teve registros posteriores em atas. Copelli permaneceu na liderança até 1962.

A década de 1950

Jundiaí também viveu os reflexos do pós-guerra na década de 1950. Muitas revoluções tecnológicas com efeitos sociais como a influência da rádio e da novidade da televisão.

Os Estados Unidos tornam-se um modelo de

prosperidade como superpotência, com bens de consumo rápido em contraste com os bens mais duráveis na Europa.

A cidade inaugurou nesta época dois cinemas de rua, Ipiranga, onde hoje funciona a loja Têxtil Abril, e o Marabá, que foi derrubado anos depois para uso do terreno para estacionamento no Centro.

A moda pedia corpos mais magros e as mulheres passaram a buscar mais autonomia, estimulando a indústria da beleza. Tanto a cosmética como a alta costura e as roupas prontas ganham desenvolvimen-

Acervo fotográfico do Museu Histórico e Cultural de Jundiaí - Coleção João Janczur



Construção do prédio da Telefônica nos anos 1950. O imóvel fica na esquina da Rua Barão de Jundiaí com a Rua Siqueira de Moraes. Na foto, entre outros, estão Hermes Traldi e Jurandyr de Souza Lima

to, enquanto no cinema os garotos rebeldes e os contos de fada ganharam espaço. Surgiram os primeiros aparelhos eletrodomésticos.

A década de 1950 também ficou marcada com o primeiro transplante humano e a vacina contra a poliomielite, além do lançamento das naves espaciais.

A onda americana do rock e a da Bossa Nova brasileira andavam a passos largos com a novidade dos discos de vinil e vitrolas. Em Jundiaí, o chorinho ainda era uma marca forte.

A Guerra Fria entre os blocos capitalista e comunista levou a guerras de fato em diversos pontos do mundo. No Brasil, o desenvolvimentismo de Getúlio Vargas continuou com o governo de Jus-

celino Kubitschek e buscou o equilíbrio entre ambos, incluindo a prioridade para automóveis em vez de trens.

As antigas estradas coloniais foram adaptadas como rodovias. Cresceu a migração do campo para cidades no Estado de São Paulo.

Foi também uma era de busca por capitais estrangeiros, quando as multinacionais iriam espalhar sua cadeia produtiva pelo mundo, como no caso das metalúrgicas.

Em Jundiaí, as mudanças incluíam a preocupação com uma cidade mais planejada tendo à frente o prefeito Vasco Venchiarutti, que já havia atuado como secretário na década anterior.



Inauguração da Telefônica Jundiaí S.A.: funcionamento da mesa telefônica

Capítulo

8



Associação cresce e apoia nova Federação

A partir de fevereiro de 1963, com Orlando Vicente D'Angieri novamente no cargo de presidente e a sede instalada na rua Barão de Jundiaí, 881, em imóvel de propriedade de Geraldo Ferraz, o movimento de caixa da entidade era de Cr\$ 779.656,30 em moeda da época.

Mas outra iniciativa reforçou o momento da Associação. No mesmo ano, em 16 de setembro, surgiu a nova Federação das Associações Comerciais do Estado de São Paulo (Facesp) com a participação de Jundiaí.

A Associação Comercial de São Paulo sempre teve grande influência e apoiou a diretoria de Jundiaí – e de outras cidades do interior – representando os interesses dos comerciantes paulistas com ações limitadas à capital.

A necessidade de uma representação mais forte e atuante em todo o Estado fez surgir a Federação, constituída com apoio da própria ACSP, responsável pelo custeio da nova instituição.

Foi um passo importante. Atualmente a Facesp reúne 420 entidades de todo o território paulista. Por meio dela, a Associação Comercial de Jundiaí integra também a Confederação das Associações Comerciais do Brasil (CACB), que congrega 27 federações estadu-

ais, reunindo 2.200 associações. São milhões de empreendedores conectados.

PNEUS - Foi também em 1963 que Epifânio de Castro Lopes abriu sua pequena borracharia em uma esquina da avenida Jundiaí, próximo onde é atualmente o Parque da Uva. Era uma época de poucos comércios na cidade e, como todo início, ele enfrentou muitas dificuldades. Às vezes colocava pneus dentro de um Fusca e ia para a zona rural vender para os empresários.

As dificuldades eram muitas, mas com muito trabalho e persistência, Fani, como era conhecido, soube aproveitar as oportunidades e hoje a Casa Mário – nome em homenagem ao seu pai – é um dos mais tradicionais comércios da cidade.

Perto da sede da Associação, surgia na rua São José, em fevereiro de 1964, a loja Móveis São José, que funciona até hoje no mesmo endereço.

A loja foi fundada pela família de Aiche Abbas Silva, libanesa nascida em Beirute que chegou ao Brasil ainda criança, em 1955, sem saber falar o português. Aos poucos a família venceu as dificuldades e viu nascer comércios tradicionais na região central.



Arquivo de Família/Reprodução Gilberto Freitas

Em 1963 Epifânio de Castro Lopes abriu sua pequena borracharia, em uma esquina da avenida Jundiá, próximo onde onde foi construído o Parque da Uva, e iniciou ali a Casa Mario

Acervo Professor Mauricio Ferreira



Nos anos 1960, construção do Edifício Kalaf na Rua do Rosário, próximo ao coreto da Catedral, onde funcionou a Loja Arapuã

Mais apoio ao associado

Em 1965, a pedido dos comerciantes, a Associação criou um departamento contábil para atender aos associados - que pagariam 60% do previsto nas tabelas de preço do Conselho Regional de Contabilidade (CRC).

O resultado positivo levou o presidente Orlando D'Angieri a sugerir, em 1967, a criação de departamentos de cobrança, jurídico, de proteção ao crédito e de cadastro de informações.

Foi também em 1967 que começou a funcionar na cidade o SPC Jundiaí (Serviço de Proteção de Cré-

dito), órgão conhecido e oficializado pela Associação Comercial.

Por motivos definidos como de recíprocos interesses e exigências fiscais, o serviço ficou sob a responsabilidade de empresa particular - já começando com mais de 10 mil fichas cadastrais de clientes.

Campanhas por educação

Nesta época começou a discussão de uma Faculdade de Direito na cidade - e a Associação encabeçou a campanha para a sua fundação. A iniciativa ganhou apoios como da Rádio Santos Dumont, que ofereceu meia hora por semana para a divulgação da ação.

Acervo Fotográfico do Museu Histórico e Cultural de Jundiaí



A construção da Avenida dos Imigrantes teve sua origem no Viaduto Sperandio Pellicciari, construído na década de 1960

Esta foi mais uma campanha bem-sucedida – em 1969, seria inaugurada a Faculdade de Direito Padre Anchieta.

O envolvimento da Associação Comercial com a área de Educação da cidade aumentou em 1968. O presidente apresentou proposta de promover uma manifestação de regozijo para a instalação da Faculdade de Medicina de Jundiaí, criada em março daquele ano.

O senhor Armando Panizza, presente na reunião, propôs uma campanha de doação de títulos do Hospital Santa Rita para a Prefeitura de Jundiaí, contribuindo para diminuir o ônus advindo da criação da referida faculdade.

Acervo Professor Mauricio Ferreira



Em 1968, cena da Rua São Bento, esquina com a Rua Barão e Leonardo Cavalcanti: a mão de direção era contrária a de hoje e já ocorria a feira livre nesse local

Fiscalização de horários

Os proprietários de comércios que funcionavam fora do horário comercial normal em Jundiaí – ou seja, aos sábados após o meio-dia e aos domingos pela manhã sem estarem nos segmentos autorizados - eram criticados pelos demais comerciantes.

Em julho de 1967, foi aprovado pedido de providências feito pela Associação Comercial à Prefeitura para aumentar a fiscalização nas ruas Dr. Torres Neves e São José e na avenida Dr. Olavo Guimarães.

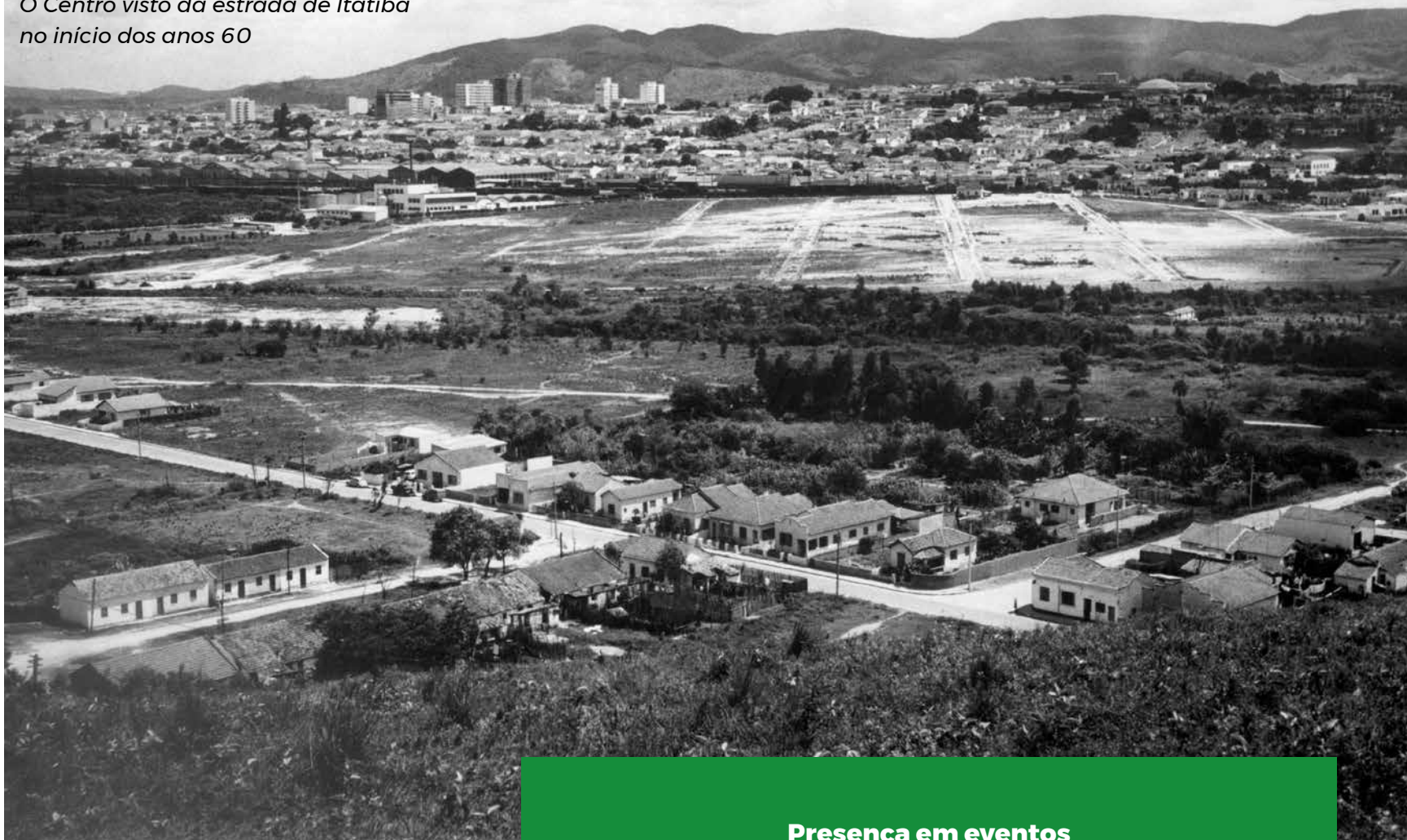
Em novembro do mesmo ano, analisava-se a lei municipal 1211, do vereador Carlos Gomes Ribeiro, alterando a taxa anual do horário especial para funcionamento do comércio.

Teste para futuro calçadão

Ainda em 1967 a diretoria citou, em ata, um abaixo-assinado de comerciantes contra a proibição de trânsito de veículos aos sábados e domingos nas ruas Barão de Jundiaí e do Rosário.

A experiência, mesmo temporária, antecipava o surgimento dos “calçadões” no país na década seguinte.

*O Centro visto da estrada de Itatiba
no início dos anos 60*



Presença em eventos

O Rei das Roupas Feitas, uma das principais lojas da época, inaugurou neste período novas instalações com a presença da diretoria da Associação.

Ainda em 1967, toda a diretoria da Associação Comercial esteve presente na inauguração da sede da Festa da Uva. No ano seguinte, a diretoria registrou em ata o comparecimento na inauguração da nova Estação de Tratamento de Água, no Anhangabaú.

Era a Associação presente no cotidiano da cidade, um marco de sua história.

Acervo Professor Maurício Ferreira



*A loja O Rei das Roupas Feitas
era uma das mais tradicionais
nesta época*

Associação começa os passos decisivos da sede

Em 1968, período em que a Associação Comercial quase dobrou o quadro de associados para mais de 500 empresários, o presidente Orlando D'Angieri anunciou em reunião ter recebido, de Lupércio Silveira, uma proposta de compra de imóvel na rua Rangel Pestana no valor de NCr\$ 50.000,00 - mas a diretoria impediu a concretização do negócio.

Um mês depois Orlando D'Angieri convocou uma nova reunião, declarando que diante de sonho e aspiração, juntamente com o tesoureiro Antônio Zottini, adquiriu sob sua responsabilidade endossatária o imóvel na rua Rangel Pestana, 533.

Pedi um voto de confiança da diretoria, justificando que esta constituiria uma das maiores conquistas feitas por todas as diretorias que passaram pela entidade de classe nos 45 anos de existência da Associação Comercial de Jundiaí. Ao final, todos aprovaram a compra.

Era 1968, quando as ruas ferviam em manifestações e terminou com o Ato Institucional nº 5 - que dava ao presidente da República poderes quase absolutos diante da situação.

A Associação Comercial continuava a aumentar o número de associados. Em ata, foi apontado aumento de 305 para 664 integrantes nesse ano. Mesmo com o reajuste da mensalidade, que passou de NCr\$ 1 para NCr\$ 5, a institui-

ção voltava a crescer.

O envolvimento de Orlando para a construção da sede própria foi tão grande que ele fez empréstimo em seu nome para pagar parte do valor do imóvel. O tesoureiro Antônio Zottini se prontificou a emprestar NCr\$ 17.000 para a entrada. Assim, a escritura do imóvel foi lavrada em 7 de agosto de 1969.

O foco era realizar o antigo sonho da sede própria. Ao longo do ano foram feitas outras reuniões, ainda na sede da rua Barão de Jundiaí, 881, para tratar sobre pagamento da compra do terreno onde seria construído o futuro Palácio das Indústrias e do Comércio de Jundiaí - até então nome provisório, pois a Associação era reconhecida como comercial e industrial.

Na assembleia de 30 de janeiro de 1970, a diretoria foi elogiada pelos presentes diante dos resultados alcançados e das boas perspectivas para o futuro. Era dia de apresentação de chapas para uma nova eleição. Mas o então presidente da mesa, Antônio Faccini, disse ser desnecessária e, sob o argumento dos "excelentes resultados", sugeriu a conservação da diretoria atual - feita por aclamação.

O ano de 1970 foi encerrado com 772 associados. Já o SPC contabilizava 13.863 informações prestadas, das quais 2.133 negativas e 973 reabilitadas, reforçando a influência e ajuda que a Associação prestava ao

saneamento do crédito na cidade.

Consumo muda nos anos 60

No final da década de 1960, Jundiaí começou uma transição de parte das mercearias e armazéns familiares para os supermercados – onde o atendimento pessoal passava para a coleta direta em prateleiras com até milhares de itens, pagando apenas na saída.

A mudança era acompanhada nos produtos. Em vez de quantias a granel nos antigos armazéns de secos e molhados, eram volumes padronizados em embalagens.

Com serviços de entrega para as despesas men-

sais, o novo tipo de comércio se espalharia pela cidade na década de 1970 – embalado por novo salto populacional provocado pelo aumento de indústrias e comércios e atraindo parte do êxodo rural causado pela mecanização do campo.

A mudança, em tese, também deveria prejudicar setores como quitandas, lojas, farmácias, açougues, padarias e outros segmentos. Mas estabelecimentos menores reagiram, com foco na vizinhança ou na especialização, e o comércio continuou crescendo em diversidade.

As roupas prontas para usar (prêt-à-porter) tornaram-se padrão e dividiram a preferência ao lado de costureiras e alfaiates. Surgiram os primeiros e raros cartões de crédito. Foi também uma época marcada por artes como a música – popular, erudi-

Fotos: Acervo Professor Maurício Ferreira





Vista parcial da cidade de Jundiaí em 1969

ta, elétrica, brasileira, importada, festiva ou de protesto. E a cada novidade surgiam produtos, instrumentos, modas.

Depois dos supermercados, com marcas e bandeiras tradicionais, houve outras mudanças nas décadas seguintes com hipermercados, shoppings, atacadões e centros comerciais. Mas a variedade permaneceu.

A explosão do consumo dos países ricos teve na chamada contracultura um espaço para causas como o feminismo e os movimentos civis das minorias, do ambiente ou da paz. Tudo gerando novos produtos. São Paulo se consolidou como estado industrial – tendo em Jundiaí um de seus polos principais.

Reeleição prestigia momento da associação

Em 31 de janeiro de 1972, durante assembleia que escolheria nova diretoria, D'Angieri foi aclamado presidente, por sugestão do presidente da mesa, diante dos “excelentes resultados apresentados, provas incontestes de amor e dedicação”.

O período era de otimismo no comércio e de inflação ainda baixa no intervalo de 1969 a 1974, chamado de “milagre econômico” pelos analistas – embora com riscos futuros pela dívida externa.

Em Jundiaí, a região central vivia seu auge como ponto de encontro, lazer e eventos enquanto novas avenidas criavam um “anel viário” em seu entorno.



Portaria da Duratex nos anos 1970. Empresa foi uma das principais na cidade

Proposta em torno da área da futura sede

Em julho de 1972, ainda na sede da Rua Barão de Jundiaí, 881, a diretoria citou o interesse do INPS em permutar a propriedade adquirida na Rangel Pestana e o presidente decidiu oficializar canais competentes para futuros estudos – mas decidiu manter a área para a sonhada nova sede.

Um teclado que imprimia

No mesmo ano de 1972, a pedido do então delegado do Senac da 5ª Região, Azevedo Marques, a Associação Comercial cedeu uma sala para a instalação de escola de datilografia com cursos gratuitos. Em tempos analógicos, era uma etapa importante para a qualificação.



Rua Barão de Jundiaí no final da década de 60. À direita o Cine Ipiranga

Capítulo

9



A nova visão de um outro Natal

O ano de 1973 começou com reunião de diretoria da Associação ao lado da futura sede própria, no número 533 da rua Rangel Pestana.

Um destaque da pauta era o horário comercial noturno, que “provocou celeuma em várias camadas sociais e ainda estava em pendência de votação na Câmara”, como registrado em ata.

O tema levou um dos presentes, Walter Malpa-

ga, a propor a iluminação das ruas para o Natal organizada pela Associação.

Era o primeiro passo de uma tradição que se tornaria cada vez mais importante nas décadas seguintes.

Um contador na liderança

Depois de anos à frente da Associação, o

Acervo Professor Mauricio Ferreira



Comércio em 1979

presidente Orlando encerrou a sua gestão em uma assembleia marcada por inéditas disputas pelo posto.

De um lado concorriam, na chapa da situação, Ademércio Lourenção, fundador da rede Lago Azul, para presidente, tendo Walter Corazzari como vice. Na oposição, para presidente Wilton Pitham Siqueira e como vice, Naum Mandeltraub.

Realizada em 27 de janeiro de 1974, teve a maioria dos presentes não concordando com o ato do então presidente Orlando D'Angieri que apresentou uma procuração com 91 assinaturas de sócios (com firmas reconhecidas) confiando-lhe o poder de voto.

Depois de discussões - e protestos do vereador Abdoral Lins de Alencar subindo na mesa - a situação venceu. Mas Ademércio alegou razões particulares para não assumir, conforme carta publicada em jornal local.



Correios nos anos 70

O seu vice Walter Corazzari, muito respeitado como contador e auditor fiscal na cidade, assumiu então o cargo de presidente com o professor José Leme do Prado Filho na vice-presidência. Uma dobradinha bem aceita pelo setor.

Comércio amplia capacitação

O professor José Leme lecionava no Ginásio Rosa e em 1974 incentivou a Associação Comercial a ceder espaço para os instrutores do Senac (Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial) ministrarem cursos de vitrine, garçons, vendedores e organização de eventos, entre outros. Foi um êxito.

Em reuniões de diretoria, José Leme também sugeriu a realização de um levantamento estatístico no comércio e indústria para obter informações referentes à produção, número de funcionários e capacitação de mão-de-obra. O trabalho foi feito com apoio de alunos do próprio Rosa, antecipando o uso de dados depois ampliado pela instituição.

Foi também do vice a sugestão de criar um sindicato patronal do comércio de Jundiaí. A iniciativa depois foi retomada por comerciantes em 1983, reforçando o papel da ACE no estímulo a novas instituições.

Serviço de Proteção ao Crédito cresce

O SPC Jundiaí (Serviço de Proteção ao Crédito), com sementes na Associação Comercial desde a década de 1930, havia sido oficializado em 1967 e pas-

sou por alterações a partir da década de 1970.

Em 1974, a diretoria recebeu os comerciantes Virgílio Torricelli, Valdemar Bertazzoni e Naum Mandeltraub pedindo que o SPC pudesse funcionar dentro da própria Associação.

Eles questionaram o serviço de Jundiaí em carta do Clube dos Dirigentes Lojistas (CDL) à Associação Comercial de São Paulo. Lida em reunião de diretoria, teve ofício de resposta informando a existência do serviço na cidade desde 1967, oficializado pela Associação Comercial de Jundiaí.

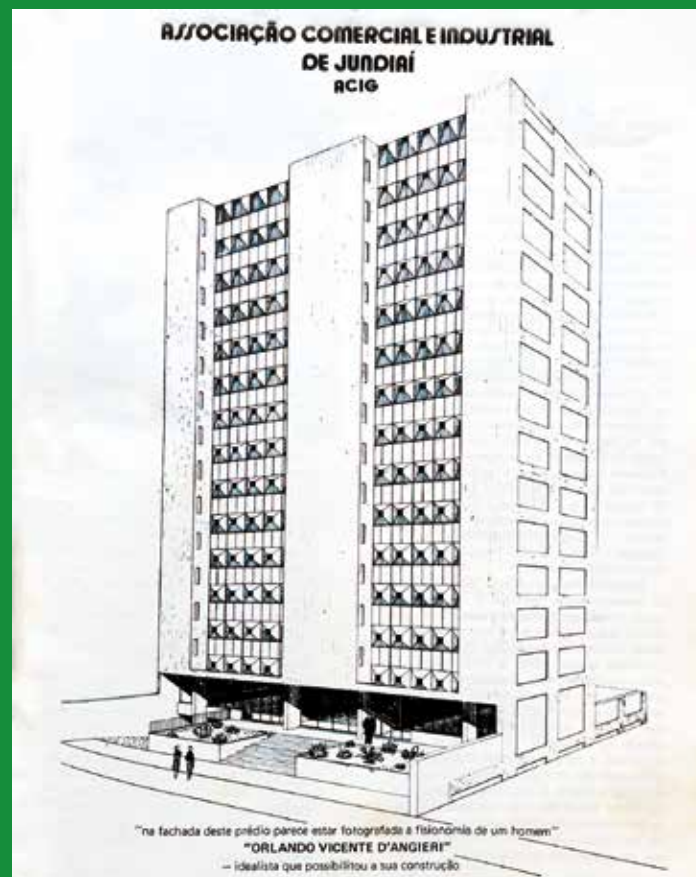
A mudança no serviço ocorreria no ano seguinte. O SPC, até então administrado por empresa terceirizada, teve em 1975 o repasse para a Associação de um arquivo com 85 mil fichas, que armazenavam informações sobre os consumidores da cidade.

A diretoria da Associação passou então a gerenciar diretamente o serviço e, para isso, assumiu o aluguel de local para seu funcionamento e contratou dois funcionários.

Manifesto

Em 1974, as associações comerciais de todo o país – incluindo Jundiaí, que tratava localmente da maioria dos tópicos envolvidos – apoiaram os debates que levaram ao encontro onde surgiu a “Carta de Porto Alegre”.

Nela, a Confederação das Associações Comerciais do Brasil alertava para temas do desenvolvimento como impostos, comércio exterior, capacitação de mão de obra ou infraestrutura viária, entre outros.



Projeto da construção do Palácio do Comércio idealizado por Orlando D'Angieri

Sede própria em andamento

Em reunião realizada em 1975, os diretores falaram sobre a construção do Palácio da Indústria e Comércio de Jundiaí, relatando os primeiros contatos com o arquiteto Vasco Venchiarutti, que foi prefeito da cidade nos anos 1948-1951 e 1956-1959.

Mas o retorno da análise não era tão animador. O prédio onde já funcionava a sede da Associação, no número 533 da rua Rangel Pestana, não comportaria reforma. Era preciso uma construção nova.

Ações por normas comuns

A época era também de preocupação com a chamada concorrência desleal do comércio ambulante, que levou comerciantes a pedirem para a Associação Comercial oficial a Prefeitura por uma regulamentação como em São Paulo.

O assunto de regulamentação de feiras livres era também discutido em reuniões na Fapesp, pedindo a regulamentação da atividade nascida de produtos hortifrutigranjeiros, mas oferecer outras opções seria concorrência desleal aos comerciantes estabelecidos e com impostos.

Em 1975, o tema foi novamente lembrado em reuniões na Associação Comercial pela rigorosa fiscalização feita em açougues por carne de porco contaminada - bem menos em feiras, onde os alimentos eram vendidos então com “sérios riscos à saúde”, conforme o dito pela diretoria.

Capacitação móvel

Em 1975, o vice José Leme novamente incentivou a educação e apoiou a locação de salas do Ginásio Rosa para a instalação de uma unidade do Senac - que criava as Unidades Móveis de Formação e Treinamento (Unifort).

O projeto consistia na criação de equipes de educadores que saíam de São Paulo rumo às cidades do interior para realizarem formações em ambientes multiusos de ensino. Junto a esse projeto, as formações específicas no Ginásio Rosa fizeram sucesso com o alto índice de frequência.



Expansão urbana nos anos 70

Fotos: Acervo Professor Mauricio Ferreira



Distrito industrial em 1974



Ônibus que marcaram a década de 70

Orlando D'Angieri, que na época ocupava o cargo de diretor, pediu pessoalmente ao diretor do Senac para manter cursos permanentes em virtude da real necessidade da população comerciária da cidade.

O pedido foi aceito com uma condição: a Associação Comercial cederia salas da sua sede. A parceria deu certo - e o curso de datilografia foi iniciado em 1976, com máquinas cedidas pelo Senac.

Telefonia mais rápida

Em 1975 a diretoria deliberou a compra de um aparelho telefônico a ser pago em 24 prestações, totalizando Cr\$13.248,00. O serviço era de alto custo.

Mas a estatal Telesp dava sinais de novos investimentos na cidade. Em agosto, Orlando D'Angieri representou a Associação Comercial na visita do então ministro das Comunicações, Euclides Quandt de Oliveira, na inauguração de troncos de novas linhas telefônicas na cidade. E levou o pedido da Associação por melhorias e por discagem direta para a capital paulista.

O início da construção do Palácio do Comércio

A construção da sonhada sede própria, idealizada por todos os presidentes da Associação Comercial, começou a ser desenhada em 1976 - quando foi apresentado o primeiro esboço do projeto.

O prédio teria 14 pavimentos, com quatro salas em cada andar (duas salas com 70 m² e duas com 100 m²). O térreo teria duas lojas de 300 metros cada e o projeto seria completado com o subsolo.

Para a concretização do projeto, que seria executado pela empresa do engenheiro Mário Miguel, foi necessário incorporar o terreno ao lado da Associação.

Em troca, o proprietário do terreno, Nivaldo Zomignani, e a própria Associação Comercial teriam direito a uma parte do térreo e uma sala em qualquer um dos andares.

Teriam também a preferência na aquisição de outras três salas no prédio a ser construído. A Associação Comercial optou pelo primeiro andar e, após várias negociações com a empresa, comprou três salas pelo valor de Cr\$ 500 mil.

O projeto da construção foi colocado em votação na reunião de diretoria de 28 de setembro de 1976. Aprovado, foi iniciado no ano seguinte. Em dezembro a incorporadora Mario Miguel Engenharia e Comércio Ltda recebeu poderes para iniciar a construção.



Walter Corazzari



Os anos 70 foram marcados pela abertura de avenidas como a 9 de julho



Prof. José Leme do Prado

A diretoria locou um imóvel por dois anos, no número 1.513 da rua Siqueira de Moraes, para a sede provisória. Até o fim da obra do prédio, usaria outros locais com espaço suficiente para grandes reuniões.

As obras foram iniciadas em setembro de 1977, mas em dezembro do mesmo ano a incorporadora entrou em processo concordatário. Em reunião dos condôminos foi outorgado poderes ao então presidente da Associação Comercial, Walter Corazzari, na administração financeira do trabalho.

Longevidade e novo presidente

Em 1978, por conta do espaço reduzido na sede provisória da rua Siqueira, a diretoria - já sob a presidência de José Leme do Prado - reuniu-se na Associação Cultural e Recreativa - Acre.

Os diretores citaram a intenção de um trabalho pioneiro que o Sesc (Serviço Social do Comércio) pretendia realizar na cidade para a valorização da Terceira Idade.

O projeto reunia homens acima de 50 anos em grupos de apoio, com orientação de especialistas, nos clubes e associações. A iniciativa foi apoiada pela Associação.

No início do mesmo ano a diretoria começou a pensar em atendimento médico hospitalar como benefício aos lojistas associados e seus dependentes e iniciaram negociações com a Jundiáí Clínicas.

O convênio com a empresa para prestação de

assistência médica foi assinado pelo presidente José Leme, em setembro de 1978, iniciando ali um dos maiores serviços oferecidos aos associados.

De uma família de educadores, José Leme do Prado era um cronista do cotidiano da cidade na imprensa e uma das lendas a seu respeito era de que sua boa prosa como educador e cronista aumentou o número de associados. Muitos passavam na sede para uma boa conversa.

A chegada do calçadão

Entre 1978 e 1979, a Associação Comercial foi ativa no debate sobre a criação da primeira zona pedestre de Jundiaí – o calçadão da rua Barão, um dos primeiros do estado de São Paulo e inspirado na experiência originada em Curitiba, no Paraná, poucos anos antes.

Em plena cultura do automóvel, que havia sido contemplada nos anos anteriores com um anel viário de avenidas em torno da região central, a Prefeitura de Jundiaí propunha uma mudança no sentido oposto.

Muitos comerciantes receavam uma perda de clientes e a Associação Comercial mediou diálogos.

Os receios se mostraram infundados. O calçadão, aumentativo de calçada, foi um sucesso e nos anos seguintes seria ampliado até a rua Siqueira de Moraes e também na rua São José. Mas ganhou horários, como nas noites, em que aceitava a passagem de veículos.

Influência na ACSP

Em seu segundo ano de mandato, José Leme do Prado também participava de reuniões da Associação Comercial de São Paulo, na qual era diretor do conselho de filiadas mantido em paralelo com a Fapesp.

Também conseguiu uma linha de ônibus direta no percurso Jundiaí-Santos. Em 1980, a Agência São João de Turismo também passou a sediar algumas reuniões da Associação Comercial que tinham participação de muitos convidados.

Uma delas, realizada em dezembro do mesmo ano, reuniu muitos empresários e representantes de empresas da cidade que ouviram sobre o projeto da ACSP de formação do Consórcio das Pequenas e Médias Empresas, junto a instituições bancárias, para usufruírem dos créditos e vantagens a que tinham direito.

A década de 1970

O chamado milagre econômico no Brasil, com ampliação da economia e dos empregos, contrastou com os grupos clandestinos e protestos contra o governo militar. Nessa década, a população de Jundiaí superou 169 mil habitantes.

A economia sofreu danos com aumento de preços na crise do petróleo, que levou à recessão aos Estados Unidos, e efeitos no Brasil, que foi obrigado a gastar suas reservas e enfrentar ondas

de inflação no final da década.

Em Jundiaí, começou um novo conjunto de avenidas, em boa parte ocupando a margem dos rios, que formou um sistema de vias expressas que complementa as rodovias – ampliadas com a Rodovia dos Bandeirantes.

Começava uma era mais individualista no Brasil, mas também com mais entidades associativistas. Os salões de baile e clubes em Jundiaí passaram a dividir espaços com o rock e a discoteca, gerando novas modas.

A cidade tornou-se parte da turnê de grandes artistas, ao mesmo tempo em que a migração rural para as cidades fortalecia a música caipira.

Surgiram os primeiros computadores pessoais, ainda distantes do uso em massa. A televisão ganhou cores.

E enquanto mercados ficavam maiores, os pequenos comércios nos bairros também se multiplicavam. Novas indústrias passaram a ocupar o então novo Distrito Industrial.



Construção da Avenida dos Imigrantes na região do Jardim Pacaembu/Vila Nambi

Capítulo

10



Associação passa a ser Comercial e Industrial

O início da década de 80 foi marcado por mudanças internas na Associação, como na alteração do Estatuto Social que criou novas categorias de associados (honorários, beneméritos, remidos, contribuintes e deliberativos).

A mais importante delas, em junho de 81, oficializou a alteração do nome da entidade para Associação Comercial e Industrial de Jundiaí e Região (ACIJ).

Na mesma reunião, a diretoria e outros comerciantes decidiram fundar a Associação do Comércio Varejista de Jundiaí - que em pouco tempo seria transformada em Sindicato do Comércio Varejista de Jundiaí e Região.

O contrato do imóvel da rua Siqueira, 1.513, chegava ao fim e a diretoria optou por locar novo imóvel. A sede foi transferida provisoriamente para a rua do Rosário, 287.

Jundiaí tinha 2.7 mil empresas, das quais 720 eram associadas.

Reeleito por aclamação, o professor José Leme seguiu no cargo em janeiro de 1982. No mesmo ano, a Associação iniciou a formação de diretorias regionais.

O ano começou com a diretoria tratando a or-



Marcas no coração da cidade: auge ferroviário teve parceria da Associação



Fotos: Acervo Professor Maurício Ferreira

Comércio na década de 80 com destaque para a Casa do Bolinha

ganização da 1ª Fepeme (Feira da Pequena e Média Empresa) com o objetivo de promover produtos de Jundiaí no âmbito nacional. Durante as discussões, convidou Xisto Cereser para falar sobre a viabilidade do evento.

Reunião no Palácio do Comércio

A primeira reunião da diretoria no novo Palácio do Comércio foi realizada em 22 de setembro de 1983, conduzida pelo presidente José Leme.

Neste dia, a diretoria aprovou uma exposição de aquarelas do artista Diógenes Duarte Paes e de pin-



Outra cena do comércio da cidade na mesma década

turas do artista Maurício Mojola. O evento marcou a inauguração da sala de exposições, montada como um espaço aberto à comunidade.

A dívida com a construção do novo prédio era de Cr\$ 150 mil - e não era possível quitar porque o dinheiro estava aplicado a prazo fixo. Mais uma vez a diretoria se mobilizou - e os associados José Leme do Prado, Antônio Paschoalini e Tolmino Fabrício emprestaram Cr\$ 50 mil cada para a Associação.

O SPC, um dos principais serviços, foi desativado por dois meses em abril de 1981 pela diretoria da Associação Comercial para acordo com o

Clube dos Lojistas. Foi mantido o serviço para títulos protestados, mas o sistema inteiro estava em remodelação.

Troca de presidentes

Em 1983 José Leme afirmou que não iria se candidatar à reeleição - e por existir “uma tradição da diretoria cujo mandato finda, de indicar o novo presidente”, uma chapa denominada oficial foi formada.

O comerciante Tolmino Fabrício, que passara de uma padaria na Vila Arens a referência em móveis e eletrodomésticos no Centro (e na região) com seu Credi-Nino, foi indicado ao cargo de presidente para iniciar a gestão no início de 1984.

Era final de mandato, em 27 de dezembro. O presidente José Leme do Prado Filho não participou por estar hospitalizado e seu vice, José Crupe, assumiu as deliberações. Foi também Crupe que comandou a reunião seguinte, em 9 de janeiro de 1984, quando lamentou o falecimento de José Leme, ocorrido quatro dias antes.

Com o fato, o vice José Crupe, inovador no campo de postos de combustíveis com serviços, assumiu o cargo de presidente na reunião para comandar em seguida a assembleia de 16 de janeiro, que tinha na pauta a eleição da nova diretoria.

Vereador do município eleito no ano anterior, Crupe sugeriu uma urna para serem depositados os votos durante o pleito, com propaganda das chapas proibida nos limites do prédio sob pena de anulação

da chapa infratora.

No pleito, o comerciante Tolmino Fabrício foi confirmado presidente, com José Crupe como vice, e comandou a sua primeira reunião no cargo em 15 de fevereiro de 1984. Ao tomar conhecimento da situação financeira da entidade, solicitou medidas de redução de custos com pessoal e com condomínio, diante da previsão de diminuição de receitas para os meses seguintes.

Mas sua gestão foi interrompida por problemas de saúde em sua família, relatados em carta lida em reunião de 20 de fevereiro de 1984. Em 30 de março, a diretoria foi informada sobre a carta de Tolmino com pedido de licença por tempo indeterminado.

O vice-presidente José Crupe assumiu a presidência da Associação em seu lugar.

Arquivo de Imer Delfino/Professor Maurício Ferreira



Lanchonete Chaplin's, um dos primeiros fast foods da cidade, fez muito sucesso nos anos 80, na rua do Rosário

Tempos de novidades

O presidente José Crupe conciliou a presidência da Associação com a função de vereador, cargo que exerceu de 1988 a 1992.

Na época, o Estatuto Social não limitava o envolvimento de membros da Diretoria Executiva ou do Conselho Deliberativo em pleito eleitoral, restrição instituída anos depois.

Crupe seguiu na presidência da Associação Comercial e foi reeleito várias vezes até 1997. Vivenciou na primeira fase alguns fatos importantes como a campanha das Diretas, a morte do presidente Tancredo Neves, a Assembleia Constituinte, as eleições presidenciais, as mudanças de moedas, os diversos planos econômicos e depois a primeira onda da globalização e a relativa estabilidade.

Seus comentários, registrados em ata, sobre a situação econômica e política do país faziam parte das reuniões da ACIJ. Ele marcou época ao surgir na entidade tanto em trajes formais como de macacão, o uniforme que usava em seu pioneiro posto de combustíveis e serviços.

Construção do Shopping Paineiras em 1986



A força da Facesp

Em 1987 a Federação Estadual de Associações Comerciais (Facesp) criou o Departamento de Orientação Empresarial e Treinamento, em convênio com a Junta Comercial do Estado de São Paulo (Jucesp).

No ano anterior, durante o processo da Assembleia Constituinte, Jundiaí acompanhou a Facesp também em manifestos à nação por mais apoio aos empreendedores nas leis e políticas públicas previstas na Constituição de 1988.

O movimento era um efeito do recente Congresso Brasileiro da Pequena e Média Empresa, semente também para leis futuras como o Estatuto da Microempresa e Empresa de Pequeno Porte, de 2006.

A cooperação com a rede de associações da Facesp passaria ainda pelo movimento Ética na Política, em 1992, e as campanhas posteriores contra a prorrogação de impostos como a contribuição provisória sobre movimentações financeiras (CPMF).

Mirando novas mudanças

O primeiro shopping em Jundiaí, o Paineiras, foi inaugurado em 1988. Cinco anos antes, o presidente José Leme do Prado já havia abordado em reunião da Associação Comercial a necessidade de ter um centro comercial desse tipo na cidade - que seria administrado pela Associação



Cine Maraba nos anos de 60, 70, 80 e 90

com prioridade às empresas jundiaíenses.

O registro em ata cita que já existia um grupo estudando a viabilidade do projeto - que nas décadas seguintes teria outros centros desse tipo. Era o olhar no futuro sempre presente nos debates nas reuniões da entidade.

Telecheque

Uma das ações locais da Associação Comercial de Jundiaí sobre a defesa do comércio foi a instalação do aparelho chamado telecheque, em 1989, que favorecia o comércio e associados ao evitar o recebimento de cheques sem provisão de fundos.

Inflação nas alturas

Depois do primeiro choque do petróleo em 1972 e da substituição do padrão ouro pelo dólar no câmbio, o Brasil viveu uma longa fase de inflação. A Associação Comercial foi um centro de orientação e cooperação nessa longa fase.

De 1968 a 1973 a expansão anual média do PIB nacional foi de 11,2% ao ano. Mas depois foram oito moedas diferentes e sete planos econômicos.

A experiência do Plano Cruzado, em 1986, foi curta mas marcou um período de estabilidade forçada aos comerciantes, causando desabastecimento em alguns setores. Depois veio a traumática iniciativa do Plano Collor, em 1990, incluindo o confisco de investimentos como a poupança.

Finalmente, em 1994, o mecanismo do Plano Real permitiu o controle inflacionário e uma nova fase para a economia - especialmente para o comércio e o crédito.



Os anos 1990 foram marcados pelo plano que estabilizou a economia e resgatou o nome da moeda como Real

Década de 1980

A população de Jundiaí superou 258 mil habitantes nesta década. Embora chamada de “perdida” na economia, foi também um tempo importantíssimo para o país. A abertura política iniciada no período anterior por Ernesto Geisel desembocou em um movimento cívico em todo o país por eleições diretas e, em seguida, pela Constituinte.

Na cidade, o centenário da imigração italiana ganhou uma festa anual. Foram anos de intensa participação cultural - em Jundiaí, foi desapropriado o Teatro Polytheama (como o Solar do Barão na década anterior) e aberto o Centro das Artes, onde funcionou o Mercado Municipal. A música ao vivo espalhou-se por bares noturnos e clubes e os cinemas de rua enchiam com sucessos ameri-



*Discoteca
Blue Lake
nos anos 80*

canos e brasileiros.

Os movimentos civis da cidade tiveram avanços como as manifestações pelo tombamento da Serra do Japi.

A década terminou com o surgimento de novos centros comerciais privados e a mudança da Prefeitura do Centro para o atual Paço Municipal.

A década de 1990

Chamada de década do Consenso de Washington na economia, foi marcada pelo controle da hiperinflação pelo Plano Real, em 1994, e pelos acordos mundiais de sustentabilidade e clima celebrados pelos países das Nações Unidas no Rio de Janeiro, em 1992.

A maioria das antigas fábricas que ainda atuavam nos bairros centrais mudou de localização. O comércio e serviços também começaram a descentralizar, mas a região do Centro ainda seguia forte. Foi inaugurada a unidade local do Senac.

A moda trouxe tecidos com desenhos inéditos de referências pop, muros viraram telas de grafite e os ritmos surgiram em discos digitais. Na tecnologia, destaque para os videogames e os computadores pessoais.

Proteção ao Crédito tem forte renovação

Uma das marcas da gestão de José Crupe teve início com a ACIJ realizando estudos para passar a administração do SPC para o Clube dos Dirigentes Lojistas – o que depois daria lugar a

uma transformação.

No início de 1994, a Confederação das Associações Comerciais do Brasil (CACB) informou a diretoria da Facesp que havia desvinculado para a Confederação Nacional dos Dirigentes Lojistas (CNDL) os departamentos dos Serviços de Proteção ao Crédito (SPC).

Em Jundiaí, o presidente José Crupe detalhou em reunião que o serviço local do SPC fora passado para a Câmara de Dirigentes Lojistas (CDL), dentro dessa orientação nacional.

A Associação Comercial de Jundiaí passou a entrar em contato com os cartórios de protestos para recomençar a coleta da relação diária de pessoas protestadas, assim como dos protestos cancelados. E firmou acordo operacional com a Associação Comercial de São Paulo (ACSP) para ter acesso às consultas de desabono de pessoa jurídica gratuita - em troca, enviaria a São Paulo a relação das pessoas protestadas. Era um trabalho em rede.

Mas logo viria a nova fase nos serviços. A Confederação das Associações Comerciais do Brasil (CACB) trabalharia com o SCPC (Serviço Central de Proteção ao Crédito) - marca da ACSP desde 1957 - para uso por outras associações comerciais, inclusive a de Jundiaí.

Era o início do processo que chegaria ao século 21 com 3 milhões de consultas de associados por ano apenas em Jundiaí - e transformando-se nos anos seguintes em uma empresa tecnológica com o nome de Boa Vista SCPC e depois parceira da multinacional Equifax.

Reprodução arquivo de família



Na década de 80 Onorato inaugurava no Centro a Refrigeração Fabrício: aqui o comerciante com a esposa Ilide

Foi na década de 80 que Onorato Fabrício Neto fundou uma pequena loja na rua Cândido Rodrigues, no Centro, para para exposição de alguns balcões, balanças, cortadores de frios, estufas e chapas para lanche.

Ele, que vendia frango resfriado para mercearias, e representava uma empresa de refrigeração, enxergou na loja uma grande oportunidade de negócios, fazendo surgir a Refrigeração Fabrício. Em 1999 os negócios cresceram e Onorato inaugurou a Fabrício Utensílios, atualmente administrada pelos seus três filhos.

Capítulo

11



Uma escalada de consultas

A partir de junho de 1993, a Associação Comercial e Industrial de Jundiá passou a fazer campanhas informativas de alerta contra golpes que usavam a ameaça de negativação do CPF por falta de pagamento de uma taxa associativa, usando um nome fictício parecido com o da entidade.

Em 1994, ano de lançamento do Plano Real, a preocupação era com a inadimplência no comércio da cidade - que aumentava e fazia crescer o serviço de consultas.

O ano seguinte foi marcado por oscilações e en-

cerrou em queda de consultas de novembro (15 mil) sobre outubro (24.476 mil).

O dado permitiu à diretoria da Associação Comercial analisar que o principal motivo era a possível recessão nas compras efetuadas a prazo - e a inadimplência elevada dos primeiros meses de 1995 deixou o consumidor mais consciente de que a melhor forma de compra seria à vista.

O cenário se ajustaria

Reeleito mais uma vez em fevereiro de 1996,

Acervo Professor Mauricio Ferreira



Cine Ipiranga nos seus últimos anos de funcionamento no Centro

José Crupe e diretoria seguiram com a proposta de investimentos para atender a demanda de consultas de crédito, que então voltou mais forte e aumentaria nos meses e anos seguintes, confirmando a análise.

Em março de 1996, o aumento de consultas de crédito já crescera 149% em relação ao número de consultas efetuado no mesmo mês do ano anterior.

O sistema mantido pela Associação, entretanto, permitia somente a dois operadores consultarem simultaneamente o banco de dados - com demora no atendimento aos associados. Para agilizar o serviço, a diretoria aprovou a compra de mais duas linhas telefônicas (ainda caras), em caráter de urgência.

Ao lado dos serviços de consultas de crédito, a diretoria também modernizou a forma de cobrança das mensalidades, ainda recebida por intermédio de cobradores que iam até os estabelecimentos receber os valores. Em julho de 1996, firmou acordo de cobrança bancária em parceria com o Bradesco.

No mesmo ano, a diretoria citou um aumento de

100% nas consultas, em parte pela inauguração de nova unidade da rede Cooperfica, como ocorrera com o grupo Carrefour, hipermercado que iniciou cadastro próprio.

O presidente José Crupe encerrou o ano de 1996 com 32.642 mil pessoas atendidas nos serviços.

Era hora de ampliar as instalações da ACIJ, instalar novos computadores e realizar uma reforma na sede para acomodar os novos equipamentos e funcionários que fariam o setor do SCPC.

Em 1997, em seu último ano como presidente, José Crupe modernizou a estrutura da entidade com a instalação de redes para computadores, que davam autonomia de trabalho.

O projeto facilitaria a implementação de serviços online para acesso direto dos associados que usavam o banco de dados do SCPC para as consultas de análise de crédito - sem interferência de funcionários.

Crupe então encerrou seu mandato com 279.217 mil consultas efetuadas no ano de 1997.

Acervo Professor Mauricio Ferreira / Sebo Jundiá



José Crupe com seu macacão de trabalho, que virou sua "marca registrada"

Arquivo/Câmara Municipal



Rua Barão esquina com a Rua São José, no final dos anos 90

Novos serviços

Umberto Fioravante, que era diretor na gestão Crupe, sugeriu uma reunião com a FACESP e ACSP para solicitar apoio de instalação de um ponto da Jucesp (Junta Comercial do Estado de São Paulo) na então Associação Comercial e Industrial de Jundiaí (ACIJ).

E em janeiro de 1998, em eleição de chapa única, ele próprio assumiu a Associação.

Conhecido pela atuação no Circolo Italiano e pela Festa Italiana na Colônia, Umberto Fioravante prometeu, na posse, “envidar todos os esforços para a consolidação da ACIJ junto à comunidade empresarial, tornando-a participativa e atuante nos segmentos que representa.”

Integrante de tradicional família de comerciantes do Centro, ele conhecia a relação de amizade dos estabelecimentos antigos da cidade e ao mesmo tempo, pelo trabalho em multinacionais, as tendências da economia global. E ainda praticava futebol society...

Umberto deu continuidade ao trabalho que já vinha sendo feito por Crupe, de informatização do serviço entre a Associação Comercial e seus associados - e modernizou ainda mais o setor do SCPC, investindo também em equipamentos de informática para adequações de novos departamentos que foram criados.

Foi em sua gestão que a instituição também reformou as instalações da sede e ampliou o espaço fi-



Em 1999 a Associação participou ativamente do projeto de revitalização do Centro. Foi criada a Associação Jundiaí Centro Vivo, com Umberto Fioravante como presidente

Arquivo/Assessoria de Imprensa ACE Jundiaí



Em março de 1999, a diretoria da ACIJ e da Unimed assinaram um convênio para a prestação de assistência médica hospitalar



O aniversário de 76 anos da Associação foi comemorado com show da cantora italiana Mafalda Minnozzi

sico para atendimento ao público.

Umberto também iniciou, junto com a Facesp, o processo de regionalização da Federação e dos SCPC para conglomerar as associações e disponibilizar melhores condições aos associados. Jundiaí passou a coordenar uma das regionais da Federação Paulista.

Em 1997 começou também a campanha nacional das associações comerciais pela adesão de estados e municípios ao sistema SIMPLES, considerado um passo da reforma tributária e fiscal.

Entre outras atividades, Fioravanti integrou Jundiaí ao banco de dados da Facesp, onde desempenhou funções de consultoria que levaram

boas práticas da cidade a associações de outros municípios.

Mudança na telefonia

A diretoria havia solicitado em 1997 mais quatro linhas telefônicas à Telesp - na época parte do sistema Telebrás. Mas, diante da grande demanda na região, o pedido foi negado.

Em junho de 1998, a Associação Comercial vendeu as ações da Telebrás e da Telesp referentes às linhas telefônicas que a entidade possuía. No mês seguinte o Sistema Telebrás foi privatizado com leilão na Bolsa de Valores do Rio de Janeiro.

No mesmo período, o presidente recebeu a visita de representantes da BCP Telecomunicações para ouvir sobre a instalação da banda “B” de telefonia celular.

O atraso das linhas antigas acabou beneficiando a entidade na transição tecnológica.

Jubileu

Os 75 anos de fundação da Associação Comercial foram comemorados na gestão de Umberto Fioravante com uma grande festa.

O baile, realizado no Clube Jundiaense em 20 de novembro de 1998, reuniu grande público entre empresários, associados e autoridades.

O evento foi patrocinado pelas empresas Bradesco HSBC, Bamerindus, Unimed, Luchini, Banco Real e outros, com grande repercussão.

Arquivo/Assessoria de Imprensa ACE Jundiaí



Campanha Natal Colorido foi realizada pela ACE em vários pontos da cidade em 2001. No centro, Milton Domingos, da Bandinha do Carlitos: figura icônica na cidade, que estava presente em eventos e inaugurações de comerciantes da cidade

Ações de longo alcance

SAÚDE - No período de Umberto como presidente, a Associação iniciou parceria com a Unimed para oferecer atendimento médico com valor diferenciado ao associado - um dos principais serviços nos anos seguintes.

SEBRAE - A parceria com o Serviço Brasileiro de Apoio a Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) tornou-se mais forte com convênio assinado pela Facesp, refletido depois na Associação Comercial.

Arquivo/Assessoria de Imprensa ACE Jundiaí



Sorteio de uma das promoções da ACE na gestão Umberto

24 HORAS - Ainda na gestão Fioravanti, em 1999, a ACIJ lançou um novo sistema de consultas de crédito que passou a funcionar 24 horas com informações de cartório de protestos.

PRÊMIOS - No mesmo período a Associação lançou a campanha Mega Dia dos Pais, com prêmios em “raspadinhas” que fizeram sucesso nos anos seguintes, ampliados depois para campanhas como Dia das Mães e Dia dos Namorados.

VIRADA - No final do século 20, entidades importantes da cidade se uniram à Associação Comercial e lançaram a campanha “Virada do Milênio”, que distribuiu 1 mil prêmios instantâneos. Além da ACIJ, participaram CDL, Sincomércio, Associação

dos Panificadores, Rede Parceiros de Supermercados e Associação dos Comerciantes de Materiais de Construção.

REVITALIZAÇÃO DO CENTRO - Em 1999 a Associação participou ativamente do projeto de revitalização do Centro. Foi criada a Associação Jundiaí Centro Vivo, com Umberto Fioravante como presidente. A ideia era promover melhorias urbanas no Centro e uma das medidas foi determinar o perímetro urbano para o projeto de revitalização.

FORCIS - A Associação e outras entidades passaram a integrar o Forcis - Fórum Regional do Comércio, para fortalecer os interesses das classes representadas na região.

Fotos: Prefeitura de Jundiaí



Praça Governador Pedro de Toledo depois da revitalização no Centro



A Estação Ferroviária conecta Jundiaí a diversos pontos de cidades vizinhas e à capital

Arquivo/Assessoria de Imprensa ACE Jundiaí



Inauguração do posto da Jucesp com a presença de várias autoridades da época

Capítulo

12





Associação presente na Feira da Indústria, Negócios e Turismo, em 2005

Prefeitura de Jundiaí



Nessa época a cidade ganhou o Jardim Botânico

Fotos: Arquivo/Assessoria de Imprensa ACE Jundiaí



Centro da cidade em 2008, às vésperas do Dia das Mães

Mudança em Estatuto altera período de gestão

Em janeiro de 2000 a diretoria realizou uma nova mudança no Estatuto Social para prever mandato de três anos para presidente e instituir os cargos de 1º, 2º e 3º vice-presidentes.

No ano seguinte, em eleição de chapa única, Umberto Fioravanti foi reeleito presidente para seu segundo mandato.

Diante do crescimento da entidade e do expressivo aumento no volume de trabalho, a gestão estabeleceu metas e condutas e formalizou um regimento interno que incluiu a previsão orçamentária para o ano seguinte, com especificação de receitas e despesas.

Desde então o presidente apresentou mensalmente os relatórios financeiros durante as reuniões de diretoria, que virou prática das gestões seguintes.

Um movimento de unificação da nomenclatura ACE – Associação Comercial Empresarial - para todas as associações filiadas à Fapesp começou em 2001 e envolveu associados de todo o Estado. A ideia de unificar era dar maior homogeneidade às filiadas e reforçar o sistema de rede - Jundiaí passou a usar este nome somente em 2005.

Em 7 de novembro de 2002, na reunião da dire-

toria executiva da Fapesp no 3º Congresso Estadual e 31º Seminário dos SCPC, no Guarujá, foi criada a Região Administrativa RA-8, da Federação, que reunia associações comerciais da região de Jundiaí.

A terceira gestão de Umberto Fioravanti foi iniciada em janeiro de 2003, ano em que a Associação Comercial registrou 146 mil consultas de crédito no banco do SCPC até o mês de setembro.

Foi nesta última gestão que Fioravante inaugurou, em 2 de julho de 2004, a Junta Comercial na ACIJ com a presença de José Jesus Cazzetta Júnior, secretário adjunto da Secretaria de Justiça e Defesa da Cidadania, Marcelo Manhães de Almeida, presidente da Junta Comercial do Estado de São Paulo, do deputado estadual Ary Fossen, representando o prefeito Miguel Haddad, e de outras autoridades.

A inauguração do Posto da Jucesp era uma reivindicação aguardada há quatro anos. A expectativa era de se transformar em um Escritório Regional da Junta Comercial.

O então presidente se destacou ainda por outras ações, entre elas, a inauguração do Centro de Capacitação e Treinamento, a criação do Núcleo dos Cabeleireiros, a implantação do cartão Accredito em parceria com o Sindicato dos Servidores Públicos, e a

instalação do software de telemarketing e cobrança para facilitar venda de cursos e cobranças do SCRC (Serviço de Recuperação de Crédito).

A alteração do nome da ACIJ, como parte do movimento nacional iniciado em 2001, para Associação Comercial Empresarial de Jundiaí (ACEJ) apareceu pela primeira vez oficialmente em reunião de diretoria realizada em 14 de janeiro de 2005.

Educação fiscal sob pressão

Uma das ações de Umberto Fioravante ainda no seu mandato à frente da ACE Jundiaí como presidente foi apoiar a longa luta pela educação fiscal na campanha De Olho no Imposto, promovida pela Fapesp, para dar ao consumidor o direito de ser in-

formado sobre os tributos que pagava na compra de bens e serviços.

Em Jundiaí, foi realizado o Feirão do Imposto, que simulava uma espécie de mercado onde cada produto tinha uma etiqueta colada mostrando o preço e o tributo embutido.

O evento, que contou com a presença de Guilherme Afiff, então presidente da Fapesp e da Associação Comercial de São Paulo e um dos maiores defensores da redução da carga tributária, teve como objetivo recolher assinaturas para o movimento “Eu Quero Saber. Eu tenho Esse Direito”.

O movimento demorou, mas teve seu objetivo alcançado em 2012 com a promulgação da lei federal 12.741.

Fotos: Arquivo/Assessoria de Imprensa ACE Jundiaí



Funcionários trabalhando no departamento do SCPC da Associação nos anos 2000



Da esquerda para a direita: Umberto Fioravante e os ex-presidentes, Walter Corazzari e Tobias Muzaiel e o então prefeito, Miguel Haddad. A foto foi feita durante solenidade de inauguração da galeria de ex-presidentes da Associação, realizada em 2001



Umberto Fioravante com o então presidente da Fapesp e da Associação Comercial de São Paulo, Guilherme Afif, um dos maiores defensores da redução da carga tributária



Premiação do projeto realizado na Associação, em 2009, com o então funcionário, Elton Monteiro (camisa listrada), que foi eleito presidente em 2017

ACIJ
Associação Comercial e Industrial de Jundiaí

ASSOCIAÇÃO COMERCIAL EMPRESARIAL DE JUNDIAÍ

O nome Associação Comercial Empresarial de Jundiaí (ACEJ) apareceu pela primeira vez oficialmente em reunião de diretoria realizada em janeiro de 2005. Até então usava-se Associação Comercial Industrial de Jundiaí



Posse da diretoria eleita em 2009, com Ricardo Diniz como presidente

Início da era de grandes eventos

O empresário Ricardo Diniz foi eleito presidente em assembleia realizada em 3 de fevereiro de 2006, em chapa única, e assumiu o mandato para o triênio 2006-2009 no dia 1º de março do mesmo ano.

Ricardo Diniz, que já fazia parte do dia a dia da entidade na gestão de Umberto Fioravante, iniciou uma era de grandes eventos na ACE, entre eles o Dia

da Moda – desfile de roupas com tendências da estação que reuniu lojas da cidade na Praça da Catedral por doze edições anuais.

A edição realizada em outubro de 2006 trouxe para as passarelas a modelo Tânia Oliveira, que na época fazia sucesso na tevê com a personagem Panicat.

Neste mesmo ano o 83º aniversário da Associação foi comemorado com um jantar no Clube Jundiense que teve como atração principal o cantor Fagner.

Os desfiles do Dia da Moda foram marca registrada na gestão Diniz. Mas outras campanhas também fizeram sucesso, entre elas Compra Premiada, Sonho de Criança e Natal Iluminado.

Outro mérito foi o comércio aberto no dia 14 de dezembro (até então as lojas fechavam nesta data por ser aniversário de Jundiá, trazendo prejuízo para o comércio local no principal mês para o varejo por ser próximo ao Natal). O feriado foi promulgado pela Câmara em 2005, mas foi comemorado apenas uma vez em 2006. A campanha da Associação Comercial

Empresarial de Jundiá ajudou a revogar a norma em julho de 2007.

No período também foi realizada a FINT - Feira das Indústrias e Negócios e Turismo, no Parque da Uva.

Foi na gestão Diniz que se intensificaram as reuniões do Conseg Barão de Jundiahy (Conselho Comunitário de Segurança), com forte atuação do vice-presidente, João Menandro.

Outra marca forte da gestão foi a decoração de Natal no Centro. Em 2007, o presidente da Associação e o secretário de Desenvolvimento Econômico da Prefeitura, Jorge Yatim, viajaram até Gramado em busca de inspiração para decorar a cidade no mês de dezembro.

Arquivo/Assessoria de Imprensa ACE Jundiá



A gestão Ricardo Diniz intensificou as reuniões do Conseg Barão de Jundiahy, com forte atuação do vice-presidente, João Menandro

A década de 2000

No plano internacional, a década foi aberta com conflitos entre os Estados Unidos e o Oriente Médio desencadeados pelos atentados terroristas em Nova York em 2001. E pela adoção do euro como moeda comum na maioria dos países da Europa, mudanças na Rússia e a ascensão da China.

No Brasil, o governo de centro-esquerda ocupou a década, com foco em temas sociais. E um boom de commodities reforçou o país com a expansão do agronegócio.

A economia, marcada por privatizações como a dos telefones e mineradoras na década de 1990, retomou investimentos públicos nos setores estratégicos de infraestrutura.

A economia mundial passava por um dos maiores períodos de prosperidade e estabilidade

da história - até uma crise de crédito hipotecário que atingiu os países desenvolvidos em 2008.

Jundiaí afirmava-se como pólo regional de comércio, indústria e serviços com preparativos para a região metropolitana. Foram construídos o Parque da Cidade e o Jardim Botânico e aberta a faculdade pública do Centro Paula Souza. As bicicletas conquistaram as primeiras ciclovias.

O chamado pós-modernismo influenciou as artes com happenings e instalações, enquanto a moda e a música revisitaram estilos dos anos 70 e 80. No campo popular, cresciam o sertanejo, o pagode e o axé.

Na tecnologia, a banda larga substituiu a conexão discada e surgiram as conexões sem fio e as primeiras redes sociais.

Na ciência, foi concluído o projeto Genoma Humano e os alertas sobre as mudanças climáticas do IPCC enfrentaram fortes resistências.

Wikipedia

orkut

Nesta década surgiram as primeiras redes sociais como o Orkut

Foto Flávio F. A. Andrade/Acervo Professor Maurício Ferreira



O sanfoneiro José Rosa era uma figura típica no Centro de Jundiaí, nos anos 2000

Prefeitura de Jundiaí



Neste período Jundiaí afirmava-se como pólo regional de comércio, indústria e serviços

Prefeitura de Jundiaí



O Jardim Japonês, do Parque da Cidade, se transformou em um cartão postal da cidade

Ciclovia do Parque da Cidade, inaugurado em 2004

Assessoria de Imprensa DAE Jundiaí



Capítulo

13





A mudança do horário do comércio foi notícia na imprensa local e gerou grande repercussão

Com polêmicas, ACE consegue alterar horário do comércio

A gestão de Ricardo Diniz ficou marcada por eventos no Centro e investimentos em ações de Natal. Mas também por uma polêmica em torno do horário do comércio: o presidente defendia jornada diferenciada do comércio da que era praticada na época.

Em reunião realizada com a presença de comerciantes tradicionais da cidade como Aluarte Brasil, Passarela Calçados, Hot Point, Esplanada, Pernambucanas e outras, houve uma votação e o resultado foi unânime a favor da ampliação de jornada. O assunto foi levado à Câmara Municipal para solicitar um projeto de lei.

Fotos: Arquivo/Assessoria de Imprensa ACE Jundiaí



Os elementos de Natal foram instalados nos postes na gestão de Diniz e usados por vários anos.



2ª Feira do Emprego, realizada em 2013 na sede central do Grêmio, foi uma das últimas ações de Diniz como presidente.

Em ata de reunião realizada em 15 de julho de 2008 foi registrada a mobilização feita pela ACE, com abaixo-assinado realizado nas ruas do Centro, buscando aprovação para a mudança na jornada de trabalho do comércio central com a sugestão de funcionamento de segunda a sexta das 9h às 18h e aos sábados, das 9h às 15h.

Até então, o comércio abria às 8h durante a semana e aos sábados, funcionava das 8h às 12h.

Opiniões contraditórias entre a Associação Comercial e as entidades de classe geraram várias reuniões e muitas discussões durante todo o ano de 2009. A disputa foi parar na 3ª Vara Trabalhista de Jundiaí e, depois de um acordo entre os envolvidos, o horário foi fixado das 9h às 18h durante a semana, e das 8h30 às 14h aos sábados.



Um dos muitos encontros entre empresários organizados pela Associação

Associação amplia investimentos no Natal

Depois de visitar Gramado, a diretoria de Ricardo Diniz abriu mão de realizar o jantar em comemoração aos 85 anos da entidade e redirecionou a verba para o projeto Natal dos Sonhos, que contemplava enfeites de anjos nos postes das principais ruas do Centro. O efeito agradou moradores e comerciantes.

A segunda edição do Natal dos Sonhos, em 2009, foi marcada pela decoração com elementos recicláveis como garrafa pet, papel, estopa e retalhos, com a produção de mão-de-obra local e orientação da Liga das Escolas de Samba de Jundiaí e da Primeira Igreja Batista.

Na Catedral, o público também conferiu uma apresentação da Orquestra Sinfônica de Heliópolis. Do lado externo, os organizadores surpreenderam o público ao colocar um anjo pendurado por um cabo de aço descendo do alto de um prédio até o palco montado em frente à igreja.

O Natal dos Sonhos, que contou também com apresentação de corais, paradas de Natal, presença do Papai Noel e decoração temática, foi realizado por quatro anos e teve ações em diferentes bairros da cidade.



Reunião com representantes da RA8, da Facesp, em 2009

Foto: Atila Bonon



Uma das edições do Natal dos Sonhos, outra marca de Diniz.

Reforma na sede da associação

Em julho de 2008, por conta de adequações para a sublocação de parte da área frontal da sede ao Banco Cooperativo Sicredi, a diretoria aprovou uma reforma nas lojas 1 e 2, promovendo algumas modificações no quintal de serviço do condomínio Palácio do Comércio.



Outro projeto realizado na época foi o Programa Sebrae de Incubadoras de Empresas. Na foto, o então secretário municipal, Jorge Yatim, e o presidente Ricardo Diniz



A ACE apoiou o projeto municipal Acerte o Centro, em 2010, que resgatava arquitetura original dos prédios, padronizava e regulamentava fachadas

Fotos: Arquivo/Assessoria de Imprensa ACE Jundiá



No Natal de 2009, a gestão Diniz inovou ao colocar um anjo pendurado por um cabo de aço descendo do alto de um prédio até o palco montado em frente à igreja

Projeto Liquida Jundiaí

Além de eventos, a primeira gestão de Ricardo Diniz também foi marcada por ações como o Projeto Liquida Jundiaí - que em 2008 teve a participação de 800 lojas que ofereceram descontos de até 50% nos produtos. Foram quatro dias de ação, encerrada com o Dia da Moda Primavera/Verão 2009.

Neste período, também foram realizados eventos como o Meeting de Negócios ou os tradicionais Cafés de Negócios. E ainda lançados outros projetos como o Conselho da Mulher Empreendedora, o Centro de Capacitação de Talentos (que oferecia cursos de para empresários e seus colaboradores) e os Núcleos de Imobiliárias, de Tecnologia, de Vídeo Locadoras, de Bancas de Jornal e Revista, de Revendedores de Automóveis e de Jovens Empreendedores.

O projeto Liquida Jundiaí chegou a ter a participação de 800 lojas, que ofereceram descontos de até 50% nos produtos



Ricardo, o prefeito Miguel Haddad e o secretário José Parimoschi, durante a incineração de 123 mil CDs e DVDs, em 2009

Certificado Digital

O certificado digital, uma identidade virtual que permite a identificação do autor de uma mensagem ou de transação em meios eletrônicos, começou a ser emitido pela Associação em 2009, permitindo aos associados o acesso a esta ferramenta tecnológica.

Na época o Google ainda não tinha tanta popularidade como buscador e a lista telefônica era a melhor ferramenta de divulgação do serviço de telefonia e endereços. A Associação Comercial era o ponto de retirada e entrega dos exemplares.

Mas a pirataria também era forte em várias situações. A Associação esteve presente em incinerações de produtos piratas na época. Em junho de 2009 foram destruídos 123 mil CDs e DVDs e membros do Núcleo de Locadoras (Projeto Empreender) da ACE participaram da incineração.

Ricardo Diniz é reeleito

Em 12 de fevereiro de 2009 Ricardo Diniz foi reeleito presidente, em votação com chapa única para o triênio 2009/2012.

Nesse novo mandato foram lançados os Núcleos de Consultoras Natura, da Vila Rami e de Empreendedores do Eloy Chaves.

O presidente continuou investindo em ações de Natal e, em 2011, chamou a atenção com o cenário de Natal montado na Praça Governador Pedro de Toledo, com bonecos mecatrônicos da Fábrica dos Sonhos e projeção de luzes na fachada da Catedral Nossa Senhora do Desterro.

Uma das ações de destaque foi a 1ª Feira do Emprego, realizada em 2013 na sede central no Grêmio, reunindo mais de 5 mil pessoas e a promessa de 2,5 mil oportunidades com orientação profissional.

Arquivo/Assessoria de Imprensa ACE Jundiaí - Mariana Cristina



Ator Julio Rocha em 2012, durante desfile do Dia da Moda, uma das marcas da gestão de Ricardo Diniz

Tumulto nas ruas

Uma verdadeira multidão tomou as ruas de mais de 500 cidades brasileiras – incluindo Jundiaí – em 2013, no que ficou conhecida como Jornadas de Junho. Eram protestos com múltiplas causas.

Alguns estabelecimentos tiveram danos materiais. Começavam os anos agitados. O país entrava em recessão e as Associações Comerciais apontavam queda da confiança do consumidor a partir desse fenômeno.

Entre os motivos do levante das ruas estavam temas como o aumento das tarifas de transporte públicos, a violência policial, a falta de investimentos em saúde e educação, os gastos com megaeventos esportivos, o poder dos oligopólios de comunicação, a dominação de partidos políticos sobre movimentos populares e falhas na democracia participativa.

Muitas greves e problemas locais somaram-se ao painel de reivindicações.

Na análise da época da Facesp, as Associações Comerciais interpretaram as preocupações com a economia e os problemas políticos de 2013 como fatores que levaram a estas gigantescas manifestações.



Reunião do Projeto Empreender, realizada em agosto de 2008 com representantes de bancas de jornal



O cantor Paulo Ricardo foi atração principal em jantar da ACE em 2007

2013 começa com Feira de Empregos e campanhas para associados

O ano de 2013 foi também o ano em que o sucessor de Diniz, o comerciante Reges Donatti Filho, foi eleito depois de disputar o pleito com João Menandro, da chapa da situação.

Uma das primeiras ações do novo presidente foi

a 2ª edição da Feira do Emprego no Grêmio, para cadastrar currículos.

A gestão Reges também realizou campanhas de Natal, com sorteio de carro e motos, e outras ações como “Acelera Paizão”, com distribuição de prêmios

Fotos: Arquivo/Assessoria de Imprensa ACE Jundiaí



Eleição realizada em 2013, entre o então vice de Diniz, João Menandro (à esquerda, de amarelo), e Reges Donatti, eleito vencedor (primeiro à direita)

(viagens a Porto Seguro, dois smartphones e 10 vales-compras de R\$ 250).

Em seu primeiro ano de mandato, o presidente Reges anunciou que a ACE apoiaria a Prefeitura disponibilizando 350 enfeites de Natal adquiridos na gestão anterior, para serem instalados nos postes. Era uma resposta ao Natal de 2012, em que não houve decoração gerando insatisfação de comerciantes.

Foi um período também de Cafés de Negócios, Meeting de Negócios e palestras como a realizada



Cafe de Negócios na ACE em 2013

pelo ex-camelô David Portes e campanhas em datas comemorativas como Dia das Mães e Dia dos Pais.

Para orientar os comerciantes em relação à Lei 14.955, que proíbe o uso de capacetes dentro de estabelecimentos, a ACE distribuiu panfletos de orientação sobre segurança.

Em nova edição, a Feira do Emprego foi realizada em agosto de 2014 com a expectativa de receber seis mil pessoas.

Visando a descentralização de serviços da ACE, ampliando o atendimento para os bairros, o presidente Reges inaugurou em fevereiro de 2015 a subsele - Posto de Atendimento Eloy Chaves, e no começo do ano seguinte, a da Vila Arens.

Neste mesmo ano a entidade repetiu a parceria com a Prefeitura de Jundiá e foi parceira no Natal Encantado, cedendo enfeites que foram instalados em postes de ruas do Centro e em alguns bairros.

O aniversário de 93 anos da ACE, em 2016, foi comemorado com uma Noite de Gala e atrações como bandas Santa Maria e Época e show do Paralamas do Sucesso.

Neste mesmo ano a diretoria entregou a reforma das salas do primeiro andar da ACE (dois auditórios e Sala de reuniões), que ganharam tela de vídeo retrátil, datashow em 3D, sistema de som e iluminação led.

O ano de 2016 foi encerrado com uma palestra do psiquiatra, professor e escritor Augusto Cury, durante o 3º Encontro de Negócios, realizado na UniAnheta com a presença de grande público.



Fotos: Arquivo/Assessoria de Imprensa ACE Jundiaí

A Caravana de Natal da ACE percorreu diferentes bairros da cidade em 2005



ACE presente no Congresso da Fapesp, em 2015

Cadastro positivo

Nos anos 2010 começou a vigorar o Cadastro Positivo, conquista da rede de Associações Comerciais para facilitar a concessão de crédito pelos brasileiros. Diferente do que ocorria no passado, em que as consultas de crédito mostravam apenas o comportamento negativo dos consumidores, o cadastro veio para apresentar as informações de pagamentos de contas de serviços (água, gás, telefonia e energia elétrica) em dia.

O Cadastro Positivo criado em 2011 entrou em vigor em 2013, com adesão voluntária. Apenas em 2019 foi sancionada pelo governo federal a lei que torna automática a adesão de pessoas físicas e jurídicas a esse banco de dados - e todos consumidores economicamente ativos passaram a ter os seus dados de pagamento enviados às Gestoras de Banco de Dados como a Boa Vista SCPC.

Mais da década de 2010

As manifestações das ruas foram substituídas em 2015 por protestos de direita e depois pelo impeachment da presidente Dilma Rousseff. Na tecnologia, o Instagram passou a fazer parte do Facebook e fez crescer a profissão dos influenciadores digitais e o fenômeno das celebridades.

Foi o período de crescimento da logomania com estampas de marcas em roupas. A economia estava ligada a esse movimento com a explosão de uso dos aparelhos móveis de internet e o crescimento de serviços em aplicativos.

Em Jundiaí, foram restaurados espaços históricos como a Ponte Torta e implantadas rotas turísticas, além de criados novos parques. Ao Senac somou-se o Sesc em 2015.

No plano internacional, houve também um reflexo da globalização em eventos como um aumento de governos conservadores eleitos ou a votação do Brexit, no Reino Unido, pela saída da União Europeia.

A música passou a ser organizada em canais de streaming e estrelas pop como a norte-americana Beyoncé ou o grupo sul-coreano BTS influenciaram o cenário mundial, inclusive no Brasil.

Ação do Dia das Crianças realizada em 2013, durante a gestão do presidente Reges



Fotos: Arquivo/Assessoria de Imprensa ACE Jundiá



Posto do Eloy Chaves, o primeiro a ser inaugurado pela gestão Reges



A subsede da Vila Arens foi inaugurada em 2016



Presidente Reges durante Café de Negócios realizado na ACE em 2013

Impostômetro denunciou peso tributário

A denúncia do peso dos impostos, exposta desde 2005 em painel eletrônico na sede da Associação Comercial de São Paulo, atingiu R\$ 1 trilhão no país cada vez mais cedo - em outubro de 2010, em setembro de 2011, em agosto de 2010, em julho de 2012, em julho de 2013 e em julho de 2014, 2015 e 2016. Continuou subindo e este patamar foi alcançado cada vez mais cedo: junho de 2017 e 2018 e em maio de 2019.

Capítulo

14



Um desafio institucional

O ano de 2017 começou com eleição para nova diretoria, tendo como candidatos o presidente Reges Donatti Filho, à reeleição, e o comerciante Roberto Rezende na oposição.

Uma denúncia de Roberto Rezende, apontando descumprimento do Estatuto Social com ocorrência de votação itinerante, fez o juiz da 4ª Vara Cível de Jundiaí, Márcio Estevan Fernandes, invalidar o pleito,

afastando Reges e seu vice, Marcos Roberto Meerson, dos cargos.

O juiz determinou intervenção judicial na entidade e nomeou o advogado Dirceu Francisco Cardoso - que assumiu a gestão em 8 de março de 2017 para, no período de noventa dias, organizar novo pleito eleitoral.

O novo processo eleitoral foi realizado em 26 de julho de 2017, com as chapas de Roberto Rezende; de Reges Donatti e de Elton Vilela de Moura Monteiro.

Ao final do pleito e contagem de votos, o interventor judicial Dirceu Cardoso deu posse ao novo presidente, o empresário Elton Monteiro, e a seu vice, Mark William Ormenese Monteiro, e demais membros da Diretoria Executiva e do Conselho Deliberativo.



O empresário Elton Monteiro assinou o termo de posse como presidente logo após a eleição conduzida pelo interventor judicial Dirceu Cardoso



Com a alteração do Estatuto, houve a ampliação do Conselho Deliberativo, que passou a ter de 9 para 21 conselheiros, além de suplentes

Fotos: Arquivo/Assessoria de Imprensa ACE Jundiá



A entidade passou por grande reforma na gestão Elton, que modernizou os setores de atendimento e Junta Comercial e construiu o espaço Empreendace, de eventos e grandes reuniões

De entregador de informativos a presidente

Elton já assumiu o cargo de presidente no dia seguinte, 27 de julho, no mesmo local onde iniciou sua vida profissional ainda aos dezessete anos de idade, entregando jornais informativos da entidade para comerciantes da cidade. Desta vez voltou com o desafio de recuperar a imagem institucional da entidade, fragilizada após a intervenção judicial, e reconstruir as bases para uma gestão transparente.

No início a diretoria trabalhou para retomar a confiança dos associados e construir novos alicerces de governança. Na época, a entidade tinha dívidas

trabalhistas, fornecedores atrasados e outras pendências que reforçavam o cenário deficitário.

A diretoria então adotou novos sistemas, implantou novos processos e realizou auditoria externa. Trabalhou com base nos três pilares de gestão, representatividade e associado.

Com o apoio da diretora Michela Uliana Farina, foram implantados processos como planejamento orçamentário anual (validado pelo Conselho Deliberativo), redução de despesas, novos processos de contratação de fornecedores, validação de auditorias e acompanhamento mensal de gastos com balanços financeiros.

Fotos: Arquivo/Assessoria de Imprensa ACE Jundiaí



Diretoria e representantes de forças policiais durante a assinatura do Acordo Detecta na Secretaria de Segurança Pública



Uma das preocupações foi reforçar a representatividade e se reaproximar do poder público e estreitar relacionamento com outras entidades. O prefeito Luiz Fernando participou do lançamento do Natal, na ACE, em 2018, que reuniu diretoria e comerciantes



Em 2019 a ACE recebeu empreendedores da região para o Encontro Regional da Facesp onde foram abordados os temas MP 881 da Liberdade Econômica, as reformas da Previdência e Tributária e Cadastro Positivo



Na gestão Elton foram realizadas várias reuniões para a reformulação do Estatuto Social, com novas regras de gestão e governança



O empreendedor Geraldo Rufino atraiu 400 pessoas no Café Show realizado pela ACE no auditório da Unip



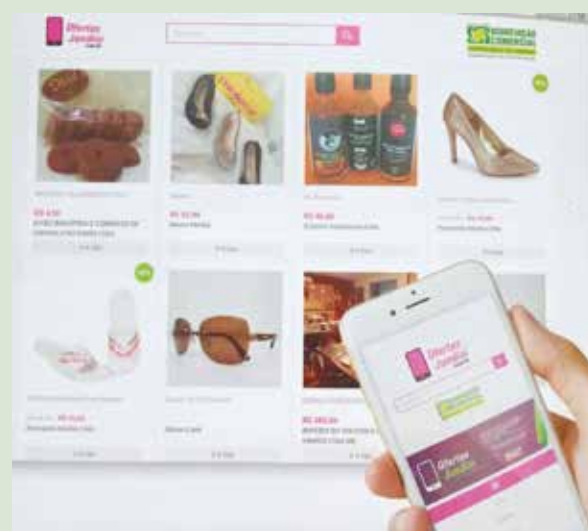
Assembleia de aprovação do novo estatuto

Fotos: Arquivo/Assessoria de Imprensa ACE Jundiaí



Apresentação dos finalistas do 1º Pitch Startup, realizado na gestão Elton para incentivar o empreendedorismo, a inovação e os novos projetos

*A gestão Elton foi marcada pela inovação e umas das ações foi implantar o site **Ofertas Jundiaí**, para divulgação gratuita dos produtos das empresas associadas; no mesmo período a ACE lançou o seu aplicativo, disponibilizando serviços e produtos*



Neste período a diretoria reviu contratos com associados parceiros e fechou parceria com novas empresas que passaram a oferecer benefícios por meio da rede ACE+.

Essas novas diretrizes de gestão permitiram ao resultado da entidade saltar de um cenário deficitário para um superavitário, retomando a capacidade de investimentos da ACE no empreendedorismo.

Como referência, nos anos de 2015 e 2016 o balanço da entidade apresentava um resultado acumulado de R\$ 447 mil negativos. Esse valor foi revertido para um resultado acumulado de R\$ 1,088 milhão positivo nos anos de 2017 e 2018. Em menos de dois anos a ACE Jundiaí se transformou em uma referência para outras entidades.

Novo Estatuto Social

Passo a passo, a diretoria da Associação Comercial implantou uma gestão profissional e moderna, adequada à realidade mais competitiva do mercado, sem perder a essência do associativismo que rege a entidade desde a sua fundação.

Foram dois anos para reorganizar as finanças, reconquistar a credibilidade e reforçar a representatividade da Associação na cidade, na região e no Estado de São Paulo.

Uma das principais ações da gestão Elton foi a atualização do Estatuto Social, com novas regras que elevaram a entidade a um novo patamar de governança.

Para isso foi criada uma comissão formada por

diretores, conselheiros e associados que se reuniram entre 1º de março e 17 de maio de 2018 discutindo as principais alterações a serem feitas.

A reforma do Estatuto foi aprovada em Assembleia, realizada em julho de 2018. As bases de atualização foram os pilares de segurança jurídica; de gestão e governança e mais participação do associado.

As mudanças possibilitaram novas regras de gestão, inclusive nos processos eleitorais. Houve a ampliação do Conselho (de 9 para 21 conselheiros, além de suplentes); a criação de um fundo de reserva; o reforço do controle pelo Conselho Fiscal; e a redução do mandato da diretoria de quatro para dois anos, com renovação da diretoria e de 1/3 do Conselho Deliberativo.

Pela atualização realizada, também ficou vetada a participação de membros da Diretoria Executiva e dos Conselhos em processos eleitorais municipais, estaduais e federais enquanto no exercício destas funções. O afastamento é automático e está vetado à recondução.

O propósito de transformar a ACE em uma entidade mais moderna influenciou também o investimento nos espaços físicos. A Associação passou por uma grande reforma dos ambientes do andar térreo. O setor de atendimento ficou mais clean, permitindo a interação entre colaboradores e associados e propiciando a sensação de acolhimento para quem chega à entidade.

Os associados também ganharam o Empreendace, espaço de eventos e estímulo ao empreendedorismo.

Impostômetro

Durante a reforma, em 2018, a Associação seguiu o exemplo da Associação Comercial de São Paulo (ACSP) e instalou o Impostômetro - um painel que informa diariamente a carga tributária no país. Foi instalado na fachada, para fortalecer o papel institucional da entidade jundiaense e ao mesmo tempo conscientizar a população sobre os tributos pagos para as três esferas de governo (União, Estado e Município).

O Impostômetro foi um instrumento instalado na capital pela ACSP em 2005, que denunciou o aumento da carga de impostos formada por 48 tributos federais, 5 tributos estaduais e 10 tributos municipais.



Diretoria e conselheiros durante a inauguração do Impostômetro

O trabalho realizado nesta gestão foi reconhecido com a indicação do presidente, Elton Monteiro, para assumir o cargo de vice-presidente da Região Administrativa (RA) 8, da Fapesp para o biênio 2019/2021. Dessa maneira, Jundiaí voltou a ser protagonista no Estado.

Fotos: Arquivo/Assessoria de Imprensa ACE Jundiaí



No Natal de 2019 realizado pela ACE, no Centro, "nevou" no público que prestigiou as ações

Natal da União

Uma das ações realizadas foi o Natal da União, feito em parceria entre Associação Comercial e a CDL - Câmara de Dirigentes Lojistas e a Prefeitura. Além da Aldeia de Natal e outras ações no Centro, foram sorteados pela ACE 700 ingressos para o cinema; vales-compras, tablets, celulares, televisores 32 e notebooks.

O Caminhão Encantado, que percorreu ruas do Centro e bairros com ações de Natal, também marcou a gestão Elton



Em 2018 diretoria, colaboradores e associados reuniram-se na ACE para o lançamento da Escola de Negócios



O presidente Elton e Leandra Maia Diniz, à época diretora responsável pela inauguração da Escola de Negócios

Escola de Negócios

Ciente do papel transformador da ACE, a gestão Elton, com apoio da diretora Leandra Maia Diniz, inaugurou a Escola de Negócios para apoiar empreendedores e colaboradores na sua capacitação e crescimento empresarial e, com isso, estarem aptos a enfrentar os desafios dos novos tempos. Todos os cursos e treinamentos são oferecidos em valores acessíveis para os associados.

Com o sucesso dos cursos, foi lançado o projeto Trilhas do Conhecimento, uma trilha de aprendizagem que empresários e seus funcionários percorrem realizando formações para inovar, empreender, liderar e relacionar.



Diretoria e membros do grupo de networking Unace, que em apenas um ano gerou mais R\$ 1 milhão em negócios para os participantes

Grupos de networking e inovação

Outro projeto que marcou o período foi o lançamento do grupo de networking Unace, que coloca empreendedores de diferentes segmentos em contato com novos clientes, potenciais parceiros e fornecedores, gerando oportunidades de negócios qualificados e aumento de receita.

Em apenas um ano o Unace, formado com apoio do vice Mark William, gerou mais R\$ 1 milhão em negócios para os participantes dos três grupos.

Empresário da área de tecnologia, o presidente Elton tinha um olhar para tendências futuras e investiu em inovações. Criou ações que estimularam os empresários a participarem mais ativamente da revolução digital que atingiu os negócios nesta década.

Em outra frente, no 1º Pitch Startup ACE Jundiaí foram selecionados dez projetos que apresentaram modelos de negócios inovadores, premiando o melhor com R\$ 10 mil. A premiação contou com a

participação do empresário João Kepler, conhecido como um dos conferencistas mais envolvidos com inovação no país.

Elton também trouxe para a entidade o app ACE Jundiaí e realizou promoções que envolviam mídias sociais (Conexão de Mãe – Sua Loja nas Redes Sociais). Sempre reforçou a necessidade de os empreendedores estarem atualizados e presentes no mundo digital.

Outro projeto realizado foi o Revolução ACE, programa de educação comercial desenvolvido com um grupo de associados que semanalmente receberam treinamentos para melhorar a performance na área de vendas e tornar as empresas mais competitivas no mercado.

Segurança Pública

Durante as reuniões com comerciantes de bairros da cidade, a diretoria percebeu a necessidade de colaborar com investimentos em ações de segurança no município.

Com o apoio do conselheiro Danilo D'Angelo, das forças policiais e dos Consegs Conselhos Comunitários de Segurança (CONSEG), em maio de 2018, a Associação assinou com a Secretarias Estadual de Segurança Pública um acordo de cooperação para permitir que câmeras particulares, com capacidade para ler placas de veículos, pudessem auxiliar o Sistema Detecta.

A ACE Jundiaí foi a primeira entidade de classe a assinar este convênio no Estado de São Paulo com um projeto-piloto de grande visibilidade na região.

Nova eleição

Com a reforma do Estatuto, ocorrida em 2018, o mandato da Diretoria Executiva passou a ser de dois anos, iniciando sempre em 1º de janeiro do ano seguinte à eleição, cabendo ao presidente o direito a única reeleição.

O então presidente Elton optou por não participar do processo eleitoral, em 2019, sem concorrer à reeleição. Seu vice, o advogado e empresário Mark William Ormenese Monteiro, concorreu e foi eleito em pleito de chapa única.

A cerimônia de posse da nova diretoria foi realizada durante palestra do economista Ricardo Amorim, em um evento que reuniu 600 empresários no Espaço Monte Castelo.



Em 2019, o economista Ricardo falou para 600 empresários e deu uma perspectiva de cenário para o país, no ano seguinte, sem imaginar que o mundo seria afetado pela pandemia do Coronavírus



O presidente Elton com a diretoria e empresários em reunião com o então gestor de Finanças, José Parimoschi, para negociar parcelamentos de IPTU

Em 2019, a ACE selecionou 20 empreendedores para participarem do programa Revolução ACE, com Murilo Bronzeri, que ao longo daquele ano treinou os participantes para implantarem soluções que estimulavam a inovação nas empresas e aumento de vendas



A chegada da década de 2020

A transição para a década de 2020 foi marcada pela pandemia do vírus Covid-19, que levou milhões de pessoas ao isolamento social, com aumento do consumo de serviços online e do setor de delivery.

Em Jundiaí, o quadro reforçou a tendência de seu polo logístico, herdeiro da localização de rotas de povos indígenas, tropeiros coloniais, ferrovias e rodovias cada vez mais estruturadas.

Com o surgimento de vacinas, o cotidiano voltou aos poucos a ser mais presencial. No final de 2021, com as empresas mais adaptadas ao novo cenário, os aplicativos já envolviam “fintechs” nos bancos com aumento significativo dos pagamentos com PIX.

A economia viveu tempos de inflação no país e no mundo. A invasão da Ucrânia pela Rússia abalou diversas cadeias produtivas e causou riscos em pleno leste da Europa.

Uma perspectiva para o Brasil voltou com o acordo em andamento entre Mercosul e União Europeia. A onda conservadora perdeu impulso e Joe Biden foi eleito presidente nos Estados Unidos.

Jundiaí, por outro lado, assumiu o 15º PIB municipal do país, com forte presença de comércio e serviços.

Na música, foi uma então cantora sertaneja, Marília Mendonça, que bateu o recorde de visualizações com sua “live” pela internet durante a pandemia.

A moda enfrentou mudanças com os acontecimentos como o isolamento social ou os protestos do tipo “vidas negras importam”, além das discussões sobre sustentabilidade.

O comércio no PIB de Jundiaí

O produto interno bruto municipal (PIB) de Jundiaí chegou em 2020 na marca dos R\$ 51,2 bilhões,

Foto: Prefeitura de Jundiaí



Na chegada da década de 2020, Jundiaí assumiu o 15º PIB municipal do país, com forte presença dos setores do comércio e serviços

em dados oficiais do IBGE e crescimento em relação ao ano anterior.

Mais da metade (57%) são oriundos do setor de comércio e serviços - que há um século conta com a colaboração da Associação Comercial Empresarial de Jundiá.

Também importantes são a indústria, com 19,3%, e a agricultura - que, embora menor na geração de capital, cresce e também representa mais de 60% do território do município se incluída a área

tombada da Serra do Japi.

Os setores são interligados: o industrial tem agroindústrias e o setor de agricultura move também serviços com o turismo. O resultado geral foi atingido mesmo com muitos estabelecimentos tradicionais fechando as portas como efeito da pandemia.

Esse equilíbrio, com a participação de agentes privados e políticas públicas, levou a cidade aos primeiros postos estaduais e nacionais tanto no PIB como no IDH (Índice de Desenvolvimento Humano).

O presidente Elton (à esquerda) não concorreu à reeleição e seu vice, Mark William foi eleito em pleito de chapa única, e assumiu em 2020



Capítulo

15



No furacão da pandemia

O presidente Mark William assumiu a entidade em 1º de janeiro de 2020 e dois meses depois precisou rever e reajustar ações planejadas para o ano. Era março de 2020 e a Organização Mundial de Saúde declarava a pandemia do novo Coronavírus (Covid-19), que provocou a morte de milhões de pessoas no mundo todo.

Com a situação de calamidade pública reconhecida pelo Governo do Estado de São Paulo por meio do Decreto Estadual 64.879 (20/3/2020), com quarentena declarada em seguida pelo Decreto Estadual 64.881, Jundiaí e os demais 644 municípios paulistas, tiveram que se adequar às normas emergenciais.

Durante uma coletiva, o governador João Dória anunciou a necessidade do isolamento social para conter o avanço da pandemia e evitar a pressão no sistema de saúde - determinando o fechamento do comércio não essencial.

Também em 20 de março, após o prefeito de Jundiaí, Luiz Fernando Machado, anunciar em live (transmissão ao vivo pelas redes sociais) o fechamento dos estabelecimentos comerciais tidos como não essenciais na cidade, a diretoria da ACE afastou funcionários do grupo de risco e colocou a equipe em “home office” para atender associados

Arquivo/Assessoria de Imprensa ACE Jundiaí



Comércio de portas fechadas na primeira onda da Covid-19 em 2020



de forma remota.

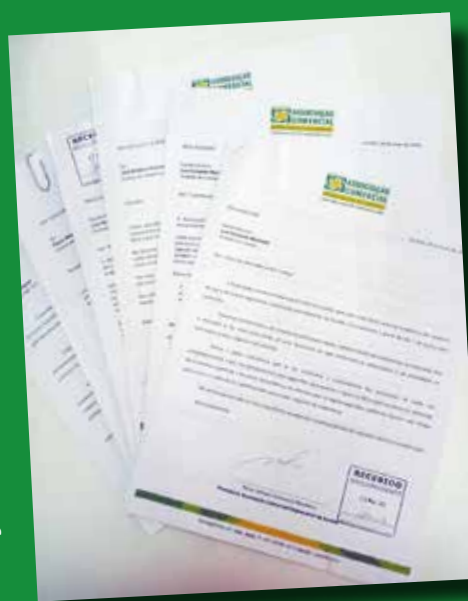
De uma hora para outra, as pessoas foram privadas do convívio social, impedidas de demonstrar carinho com um simples abraço, gesto tão comum entre os brasileiros.

O sorriso ficou escondido atrás das máscaras, as mãos ressecavam de tanto álcool em gel, afinal estas medidas estavam entre as principais orientações da Organização Mundial da Saúde para evitar o contágio.



No início da pandemia, o presidente Mark representou a entidade no Comitê de Enfrentamento ao Coronavírus (CEC) criado pelo governo municipal

Durante a pandemia, a ACE manteve o diálogo com o poder público para reivindicar ações com a reabertura dos estabelecimentos, flexibilização de horários e redução nos impostos



Plano São Paulo

O Estado de São Paulo foi o primeiro do Brasil a criar um Centro de Contingência, com participação de representantes de diferentes órgãos da saúde, para enfrentamento da pandemia.

O governo municipal também criou o Comitê de Enfrentamento ao Coronavírus (CEC) com participação de profissionais da saúde e outras entidades. O presidente Mark William representou a ACE nas reuniões.

Mas desde o início da pandemia a Associação Comercial manteve o diálogo com as autoridades, solicitando prorrogação de IPTU, taxas de fiscalização da vigilância e de licença, com flexibilização de horários de funcionamento do comércio.

Como parte das medidas, o Governo do Estado lançou o Plano São Paulo, com critérios que direcionavam horários de trabalho em empresas e abertura de estabelecimentos comerciais.

A Associação solicitou várias medidas à Prefeitura e foi atendida em situações como reavaliação das normas de funcionamentos em hipermercados, sugerindo que a venda se limitasse a alimentos e produtos de limpeza e higiene para não prejudicar os pequenos empresários.

Fotos: Arquivo/Assessoria de Imprensa ACE Jundiaí



Com a orientação de distanciamento social, por conta da Covid-19, as reuniões do Conselho passaram a ser online

Trabalho home office

Com as restrições, o home office virou estratégia de trabalho. Frases como “está me ouvindo?” ou “o seu microfone está fechado” viraram bordões e foram incansavelmente repetidas em reuniões online.

A retomada das atividades tidas como não-essenciais foi dividida em cinco fases no Plano SP que iam do nível máximo de restrição (fase vermelha), passando pelas fases laranja (controle), amarela (flexibilização), verde (abertura parcial) e azul (normal).

As coletivas de imprensa do governador se tornaram conhecidas por anúncios importantes e eram aguardadas com ansiedade por empreendedores e



Com as lojas fechadas, canais digitais, como WhatsApp, foram a alternativa para vendas e continuidade dos negócios

comerciantes, que consideravam injustas as determinações do governo do Estado que argumentava que o comércio gerava aglomerações e, mesmo com as restrições, o número de casos de infectados pelo coronavírus aumentava, impactando negativamente as atividades econômicas, o emprego e a renda.

Com a interrupção do atendimento físico, muitos comerciantes que já se encontravam em dificuldades financeiras antes da pandemia não resistiram e foram obrigados a fechar definitivamente seus estabelecimentos.

Para apoiar os empreendedores, a ACE Jundiaí fechou parceria com instituições financeiras que criaram linhas emergenciais e ofereciam condições ex-

clusivas aos associados.

Desafios digitais

A pandemia da Covid-19 antecipou os desafios digitais no mundo corporativo. As empresas tiveram que fazer em 30 dias uma transformação digital prevista para cinco anos e os empreendedores encontraram em canais digitais, como WhatsApp, uma alternativa para a continuidade do negócio. Aumentaram as vendas online.

Diante da dificuldade dos pequenos empreendedores, a diretoria da Associação entendeu que uma das melhores formas para apoiar era promover ações para auxiliar os associados a se adequarem ao novo cenário.

Neste sentido, a ACE fez uma série de lives, com profissionais que falaram sobre várias áreas: crédito, liderança, marketing digital e outros assuntos importantes para aquele momento.

A ACE também abriu em seu aplicativo um link para divulgar gratuitamente as empresas que estavam trabalhando com delivery, inclusive não associados.

Em outra frente, a Associação se uniu ao Sebrae e ofereceram consultoria online e gratuita para ajudar o empreendedor a se reinventar diante do momento de isolamento e queda no faturamento.

E para aliviar os sintomas de ansiedade, angústia e estresse gerados pela pandemia, a ACE fechou parceria com uma psicóloga que ofereceu um plano de atendimento especial oferecido aos associados e seus colaboradores, de forma gratuita.

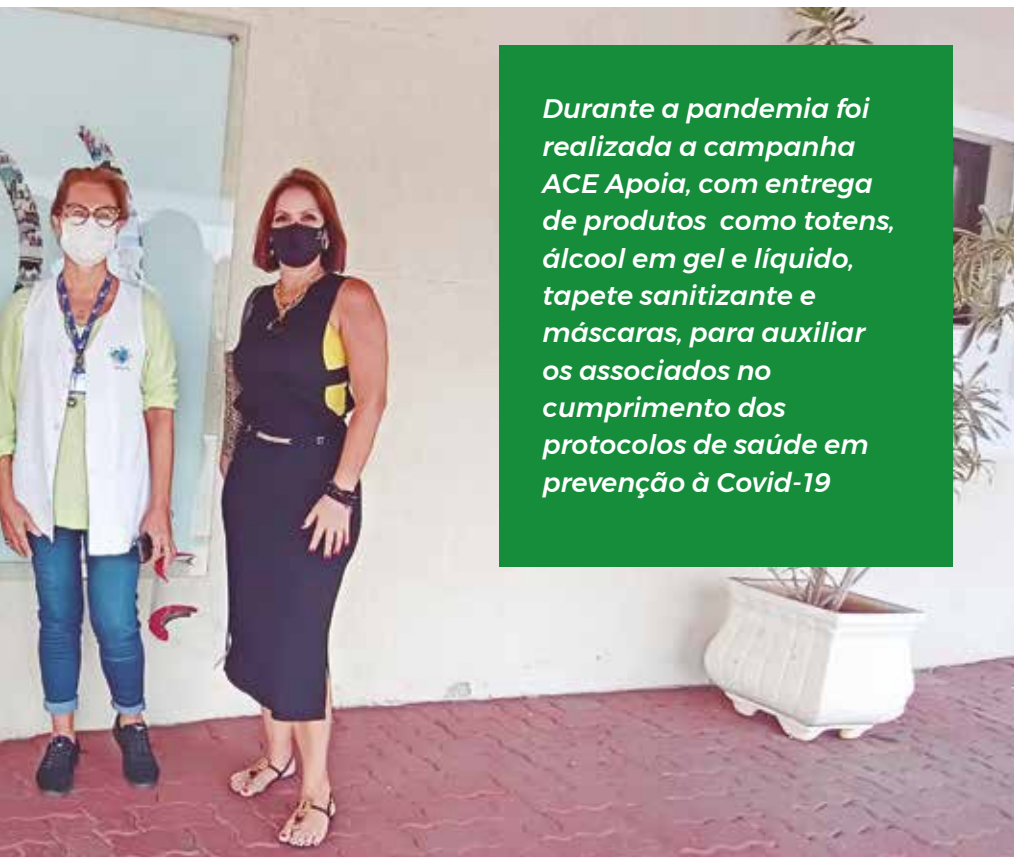


Cursos e networking à distância

Os cursos da Escola de Negócios e as reuniões dos grupos de negócios Unace foram levados para as plataformas online. Em um ano, em meio à pandemia, empresários de diferentes segmentos movimentaram R\$ 4,5 milhões na cidade por conta de negócios gerados durante as reuniões.

A ACE fez e-books de orientações e ofereceu aulas online gratuitas, com profissionais que disponibilizaram conteúdos importantes para o empreendedor.

A entidade também fez parcerias com empresas para oferecerem descontos na compra de totens, álcool e outros produtos.



Fotos: Arquivo/Assessoria de Imprensa ACE Jundiaí



Entrega de cupons da ação de Natal que a ACE fez em 2020, com distribuição de um carro, uma moto e R\$ 50 mil em vales-compras

Ainda em 2020, a ACE lançou o Instituto de Dados para identificar perfil de consumo e apoiar os empresários com pesquisas situacionais e contextuais de mercado e economia e, assim, contribuir com a elaboração de estratégias e ações a partir de dados coletados entre comerciantes e consumidores em épocas específicas do ano.

Por conta do isolamento social não houve ações nas Praças. Mas o Caminhão Encantado percorreu os principais bairros com Papai Noel e “noeletes” para manter vivo o espírito de Natal na cidade.

A ACE também realizou uma campanha Natal da Família, com sorteio de um carro Okm, uma moto Scooter, que totalizaram R\$ 100 mil e mais R\$ 50 mil em vales-compras trocados nas empresas participantes da campanha.



Durante a gestão Mark foi criado o Instituto de Dados e foram realizadas pesquisas com consumidores em diferentes datas importantes para o varejo

Foto: Gilberto Freitas



A retomada dos grandes eventos da ACE foi marcada pelo Café Show com Mario Sergio Cortella no auditório da Unianchieta

Segunda onda da Covid-19

O ano de 2021 começou cheio de expectativas e esperanças de que o cenário ruim provocado pela pandemia havia ficado para trás, mas uma segunda onda da Covid-19 impôs novas restrições. E novamente diretoria, gestão e colaboradores se reajustaram para atender ao associado e assim apoiá-lo com

ações de estímulo aos negócios no município.

O empreendedor ainda enfrentava dificuldades para vender e se adequar ao cenário desafiador provocado pela pandemia. A Associação então criou a Mentoria Start Digital, que durante quatro encontros



Entrega dos prêmios aos vencedores do concurso “Desenhando o Super-Herói da Sala de Aula”, em homenagem aos professores que se reinventaram na pandemia, em 2020. O concurso também foi realizado em 2021. Na foto o distanciamento exigido entre as cadeiras, por conta da pandemia

Fotos: Arquivo/Assessoria de Imprensa ACE Jundiaí



Com a pandemia, a ACE levou os cursos da Escola de Negócios para o online para não interromper as capacitações

mostrou a representantes de empresas associadas como adaptar o negócio para a venda de produto físico usando o potencial do digital.

Entre outras ações do período, foram realizadas campanhas nas principais datas para o varejo para divulgar lojas associadas. Também foram realizados concursos “Sua História de Amor Vale Prêmios”, “Meu Pai, Meu Herói” e a segunda edição do concurso “De-

senhando o Super-Herói da Sala de Aula”, em homenagem aos professores que tiveram de se reinventar para dar aulas online durante a pandemia.

Foi na primeira gestão do presidente Mark que a Associação Comercial de Jundiaí tornou-se também um polo de educação à distância (EAD) da Faculdade do Comércio (FAC-SP) – mantida pela rede de associações comerciais, com foco no varejo.



Renovando as atividades

Em agosto de 2021 o presidente, o advogado Mark William Ormenese Monteiro, foi reeleito em pleito de chapa única para o biênio 2022/2023.

Ainda neste ano, a Associação criou ações como o 1º Prêmio Mulher Empreendedora e, com a situação da pandemia mais controlada pelas vacinas, retomou aos eventos presenciais cumprindo a orientação de uso de máscaras.

Foram realizados Rodadas de Negócios e o Café Show com o filósofo e educador Mário Sérgio Cortella, que lotou o auditório do UniAnchieta.

Foi em 2021 também que a Associação realizou a terceira edição da campanha “Adote um Vovô/Uma Vovó”, em prol dos assistidos pela Cidade Vicentina e com participação da população, que doou presentes solicitados.



Com distanciamento social, a ACE realizou a entrega dos presentes da campanha “Adote um Vovô/Uma Vovó” realizada em prol dos idosos da Cidade Vicentina

Fotos: Arquivo/Assessoria de Imprensa ACE Jundiaí



Na segunda onda da pandemia, a Associação ofereceu a Mentoria Start Digital, que ensinou o empreendedor adaptar o negócio para vender no digital



A distribuição de cartazes orientando o uso de máscaras foi uma das ações da ACE durante a pandemia

Natal Luz

Em dezembro de 2021, a projeção mapeada na fachada da Catedral Nossa Senhora do Desterro marcou a retomada das ações presenciais de Natal.

Para o período, além do espetáculo na fachada da igreja, a entidade inovou com um Papai Noel de bermudão, recebendo as crianças em uma Kombi transformada em cenário natalino.

Para incentivar as vendas no comércio, a ACE realizou uma campanha de Natal distribuindo 650 mil cupons entre 500 empresas associadas, que entregaram para os consumidores concorrerem ao sorteio de um carro Mobi Easy zero quilômetro.



Em 2021 e 2022 a ACE realizou o Natal Luz, com a projeção mapeada na fachada da Catedral

Sorteio de cupons

Para estimular as vendas e incentivar a economia local, como parte das ações do Natal Luz 2022, a Associação Comercial distribuiu R\$ 50 mil em vales-compras. Os estabelecimentos participantes da campanha receberam gratuitamente os cupons para serem distribuídos aos consumidores a cada R\$ 50,00 em compras.



Cenas do Natal Luz, idealizado pela ACE no Centro, com a montagem de túneis iluminados

Novos projetos marcam a retomada

A retomada do pós-pandemia foi marcada por aprendizado, ressignificação e, principalmente, por parcerias. Diretoria e gestão trabalharam para os associados terem o melhor resultado em seus negócios.

Depois de dois anos de restrições físicas, foi possível a retomada total dos eventos presenciais que tanto contribuem para o crescimento e desenvolvimento dos empresários da cidade.

A ACE fechou novas parcerias com empresas para o Clube de Vantagens Ace+, com benefícios exclusivos aos associados.

A diretoria da gestão Mark acreditou que investir em educação era a forma mais eficiente para alcançar a excelência na gestão e o crescimento empresarial. Por isso, em 2022 a Escola de Negócios da ACE voltou a oferecer cursos presenciais além dos EAD, com valores mais acessíveis aos associados.

Pela Escola de Negócios também foram realizados programas de qualificação e ainda, por ser polo EAD da Faculdade do Comércio de São Paulo (FAC SP), ofereceu cursos de graduação e pós-graduação 100% online, reconhecidos pelo MEC.

Ao longo de 2022, a Associação inaugurou tam-

bém a 373ª unidade do Sebrae Aqui, oferecendo todos os serviços de suporte ao MEI. E ainda o Ponto de Atendimento do Sicoob Integrado como mais um serviço ao associado.

E 2022 também foi o ano de criação do projeto Núcleos Empresariais, que reuniram profissionais de um mesmo segmento ou interesses em comum para fomentar os negócios. Foram criados os núcleos Jovens Empresários, Gente & Gestão, Mulher Empresária, de Dança e de Eventos.

Para estimular a ida das famílias ao Centro, beneficiando o comércio, a Associação montou na praça, em frente à Catedral, o Espaço ACE Kids aos sábados em que as lojas do comércio de Jundiaí funcionaram com horário estendido.

Com a retomada das atividades presenciais, a Associação voltou a organizar os Cafés e Rodadas de Negócios, eventos tradicionais que estimulam o networking e dão visibilidade às empresas participantes. Em 2002 a diretoria inovou e criou rodadas específicas para novos associados.

As reuniões dos grupos de negócio Unace passaram a ser online e presenciais e um terceiro grupo foi formado para estimular o networking entre os empreendedores.



Fotos: Arquivo/Assessoria de Imprensa ACE Jundiá

1. Em 2022, durante as datas importantes para o varejo como Dia dos Pais e Dia das Mães, a ACE montou na praça o ACE Kids, com atividades gratuitas à população
2. No projeto Jundiá Tem História a ACE homenageou empresas antigas da cidade, com um vídeo e um troféu. Na foto o presidente Mark com Silvio Gebram, um dos participantes
3. Em 2022, o então pré-candidato ao Governo do Estado, Tarcísio Gomes de Freitas, iniciou pela ACE Jundiá os encontros que fez pelo Interior para colher subsídios para a sua campanha
4. Montar núcleos empresariais foi uma das ações realizadas na gestão do presidente Mark
5. Empreendedores de diferentes setores durante o Unace+, que reúne os três grupos de negócios da ACE



Karnal no Polytheama

A ACE abriu a agenda de grandes eventos de 2022 com uma palestra do professor e historiador Leandro Karnal com o Café Show, que reuniu 1 mil pessoas no Teatro Polytheama.

O mesmo evento foi repetido no final de 2022, com a empresária Cris Arcangeli, novamente com sucesso de público.

Após a sua palestra, a empresária entregou os prêmios às seis finalistas do 2º Prêmio Mulher Empreendedora. O concurso reuniu 44 empreendedoras,

que, assim como em 2021, foram divididas em duas categorias, Microempreendedora Individual (MEI) e Pequenos Negócios (ME) e receberam troféus e prêmios em dinheiro.

O ano foi encerrado com uma grande ação do Natal Luz na praça Governador Pedro de Toledo. A Catedral novamente virou cenário para a projeção mapeada e, na praça em frente, a Associação instalou a Casa de Vidro para o Papai Noel e as Noeletes receberem crianças e adultos ao longo do mês de dezembro.

Quatro túneis iluminados viraram atração entre as famílias que foram até o Centro prestigiar as ações.

Fotos: Arquivo/Assessoria de Imprensa ACE Jundiaí



Em abril de 2022, a Associação realizou o Café Show com Leandro Karnal, que atraiu 1 mil pessoas ao Teatro Polytheama



Em 2022, a ACE organizou um Café Show com Cris Arcangeli e no final realizou a entrega dos prêmios às vencedoras do 2º Prêmio Mulher Empreendedora



Curso realizado pela Escola de Negócios logo após a retomada presencial das aulas



Empresários durante Rodada de Negócios, um dos eventos mais tradicionais e disputados na gestão Mark

Relevância da Associação é exaltada em mês do centenário

A Associação Comercial chegou aos 100 anos no dia 23 de fevereiro de 2023 e, por conta do centenário, recebeu uma homenagem na Câmara Municipal que reuniu vereadores, diretoria da entidade e colaboradores.

O presidente Mark William foi chamado à tribuna e ressaltou que a entidade esteve presente em diferentes situações ao longo deste período e participou de movimentos importantes para o crescimento de Jundiaí. E chegou ao centenário por conta dos serviços prestados, relevância e representati-

dade na cidade.

No mesmo dia, colaboradores, diretoria e conselheiros se reuniram na sede da entidade para um coquetel em celebração aos 100 anos.

A diretoria do presidente Mark planejou outras ações para 2023 em comemoração ao centenário, entre elas uma campanha para estimular as vendas dos associados, com distribuição de R\$ 100 mil em vales-compras aos consumidores, além do jantar de centenário.

Foto: Arquivo/Assessoria de Imprensa ACE Jundiaí



Vereadores, diretoria e colaboradores da entidade após homenagem recebida na Câmara Municipal por conta do centenário

Diretores e conselheiros durante a celebração dos 100 anos da entidade em fevereiro de 2023





Presidente Mark William e a vice, Leandra com os colaboradores da Associação em 2023

Um século de conquistas

Encerramos mais um capítulo deste livro, mas a história da Associação Comercial Empresarial (ACE) de Jundiaí não acaba aqui.

Com uma visão sempre atualizada, moderna, dinâmica e participativa, a Diretoria Executiva, Conselheiros Deliberativos e colaboradores continuarão trabalhando incansavelmente para apoiar o empreendedor em sua jornada pela busca do sucesso e crescimento de seus negócios.

Começamos agora a construção dos próximos 100 anos de história da Associação Comercial Empresarial de Jundiaí.





*Quem
foram os
presidentes*



**Sperandio
Rappa**
1923 a 1924

Quando assumiu a primeira presidência da Associação Comercial de Jundiahy era proprietário da Casa Rappa, na época o armazém mais importante da cidade, que ficava na rua São José, na esquina com a rua Barão de Jundiaí - onde funcionou posteriormente a Casa Oliveira.

No período da fundação da Associação, fundou também, em 1923, a Rappa e Milani, em frente à Argos, na avenida Dr. Cavalcanti - que depois tornou-se uma das principais fábricas têxteis da Vila Arens e transformada na Companhia Fiação e Tecelagem Fides.

Italiano, Sperandio chegou ao Brasil por volta de 1887, com 16 anos de idade, estabelecendo-se primeiramente em Santos. Para fugir da febre amarela, mudou-se para Jundiaí, onde começou sua vida como pedreiro. Em Jundiaí recebeu seu primeiro lote no Núcleo Colonial Barão de Jundiaí em 1890, onde iniciou seu pequeno armazém.

Vendo seu negócio prosperar, mudou-se para a Rua Barão de Jundiaí e ali construiu um novo armazém ao lado de seu irmão, Eilias Rappa, dando origem à Casa Rappa.

Na época, no Brasil produzia-se apenas o café e os produtos vendidos em seu armazém eram fruto de importação. O arroz vinha das Ilhas Canárias, o vinho da Itália, os tecidos da Inglaterra e a farinha da Argentina.

Para facilitar o embarque e desembarque das mercadorias, a família Rappa comprou uma área próxima à estrada de ferro Santos/Jundiaí.

Ao longo de sua vida, Sperandio Rappa foi também representante local das Indústrias Matarazzo, um dos maiores conglomerados industriais da história paulista.



**José
Sciamarelli**
1925 a 1926

José Sciamarelli (Juca) era

um imigrante italiano nascido em 1886 e que fez carreira na cidade. Foi um pioneiro, tendo fundado a primeira empresa de ônibus em Jundiaí com garagem na rua Senador Fonseca (próxima da praça dos Andradas) nas primeiras décadas do século 20.

Em 1898, aos 22 anos de idade, já constava como um dos fundadores do Casyno Jundiahyense, que mais tarde seria transformado no Clube Jundiaiense.

Após liderar a Associação Comercial, a partir de 1928 ocupou a vice-presidência da Fratellanza, hospital de socorro mútuo da colônia italiana que durante a Segunda Guerra Mundial, na década de 1940, alterou o nome para Casa de Saúde Dr. Domingos Anastácio.

Foi casado com a professora de música Cacilda Copelli, filha do capitão Francisco Copelli - um dos primeiros fabricantes de vinhos em série na cidade. Ela faleceu em parto também em 1928. Já nos anos 1950 Juca casou-se com a viúva Gilda Constanzo.

Por anos seu endereço foi a rua Barão de Jundiaí, ao lado da Prefeitura e vizinho da A Paulicéa.

A imprensa registrava banquetes de aniversários conjuntos com Francisco de Queiroz Telles, da família do Barão de Jundiaí.

Também realizou ações como corretor de imóveis, investidor e fazendeiro. Um de seus imóveis rurais, o Sítio Boa Vista (no Rio Acima), abrigou posteriormente a produção de frangos da empresa Betinha.

Quando faleceu, em 1961, o caixão percorreu quase todo o Centro, da praça Rui Barbosa até o cemitério Nossa Senhora do Desterro.



**Hermes
Laurentino
Traldi**
1928 a 1929

O terceiro presidente da Associação Comercial, também italiano, nasceu em 1889 na cidade de Viadana - da província de Mântua, na Lombardia. Ainda criança foi considerado um prodígio do violino.

Aos 20 anos, contrariou o desejo do pai que tinha uma pequena joalheria e relojoaria e deixou para trás o cenário de miséria e fome que arrasou a Planície Padana na virada para o século 20, fugindo para o Brasil em busca do bem-sucedido tio Beniamino Grandi.

Era 1910 e em São Paulo trabalhou na Gamba & Companhia, que importava secos e molhados e tinha um moinho. Começou como escriturário, mesmo sem falar português, mas logo se mostrou um grande vendedor. Em apenas quatro anos morando no Brasil, já tinha alcançado o sucesso e comprou o automóvel de número 247 na capital.

Em 1917 um desentendimento com os chefes e o senso de que faltavam no mercado o vinho e os destilados à italiana (como grapa e vermute) incentivaram Hermes a montar uma destilaria própria. Em Jundiaí, o local escolhido para isso foi ao lado do Teatro Polytheama, ainda um pavilhão.

Ele visitava a cidade pelo trem da São Paulo Railway,

seis vezes na semana. Em 1922, finalmente, fundou a Vinícola Traldi em um terreno ao lado do Mosteiro São Bento, onde hoje funciona um supermercado.

Iniciava-se ali um império formado por produtos alcoólicos, de companhias telefônicas, de fábricas têxteis e de materiais plásticos que o tornaria um dos empresários mais respeitados do Brasil.

Em 1924 mudou-se em definitivo para Jundiaí com a esposa Irma, com quem teve quatro filhos, e assumiu a presidência da Associação Comercial quatro anos depois.

Foi apontado então como o maior produtor de vinho do Estado de São Paulo. Moradores ainda lembram que passavam pelo local para apreciar os aromas na rua próxima.

Era uma época que não tinha bancos como intermediários. Os colonos plantavam a uva e entregavam a colheita “ao Traldi”, tendo uma conta na própria vinícola e baseada na palavra - o chamado fio de bigode.



**Luiz Antônio
Cortina**
1930 a 1931

Assumiu a gestão da Associação Comercial no momento em que o país entrava na era Getúlio Vargas, que duraria 15 anos (ou quase vinte, contando o retorno pelo voto).

Eram tempos de reafirmação da conexão com a Itália. Cortina foi um dos convidados de honra na visita do cônsul italiano no Brasil, Serafino Mazzolini, para a entrega do título de Cavaleiro da Coroa ao então prefeito Valdomiro Lobo da Costa.

Nomes que passaram antes ou depois pelo cargo na Associação Comercial, como Mário Rappa, Hermes Traldi ou Jurandyr de Souza Lima. também estavam presentes no banquete, ao lado de outros nomes da cidade como o futuro prefeito Antenor Soares Gandra, o vereador Boaventura Mendes Pereira, o médico Domingos Anastácio ou o jornalista João Batista Figueiredo, para citar apenas alguns.

Luiz Antonio Cortina também foi integrante das lideranças da “era de ouro” das transformações urbanas em Jundiaí, ainda concentradas no centro histórico da cidade, e colaborou em diversas comissões municipais.



**Antônio J.
Oliveira**
1932 a 1933

Antonio J. Oliveira (Tuto) era um comerciante muito conhecido em Jundiaí desde 1895 quando inaugurou a Casa Oliveira, que por anos foi uma das referências da área central e ficou conhecida como a loja de presentes mais tradicional da cidade.

Imigrante português que chegou ao Brasil no final do século, vendia um pouco de tudo no seu armazém. Na época já vendia artigos de presentes, mas também grande sortimento de ferragens, tintas, telhas de zinco, louças, vidros para vidraças, secos e molhados. Foi uma das primeiras lojas a contar com telefone.

Na época Jundiaí ainda era

uma pequena cidade, com poucas facilidades, e só havia agência bancária em metrópoles. Por isso, além de funcionar como armazém, a Casa Oliveira também era representante do Banco do Brasil, recebendo promissórias e títulos dos clientes.

O fato de ser um comerciante atuante e representativo foi essencial para tornar Antonio Oliveira um presidente ativo na Associação Comercial durante a Revolução Constitucionalista de 1932, buscando tanto o apoio ao movimento paulista como a manutenção das atividades do comércio.

Por muitos anos a cidade homenageou os soldados que lutaram naquele breve conflito – sua vítima mais grave, Jorge Zolner, deu nome a uma rua atrás do Largo São Bento.



**Manoel
Ildelfonso
Archer de
Castilho**
1934

Foi presidente por poucos

meses e após ser eleito para o cargo, tornou-se o vice de Mário Rappa. Mas o motivo não era a aversão a lideranças – poucos anos depois ele se tornaria prefeito de Jundiaí.

Ele chegou ao posto de presidente como um caso de persistência empresarial. Em 1922, havia fundado no bairro da Ponte São João a Companhia Cerâmica Jundiahense – depois Deca.

Naquela época, a cidade ainda era de ruas sem calçamento e o projeto era chamado por ele de “poesia de mocinhos”, com nove engenheiros formados na Escola Politécnica, hoje parte da USP.

Começaram a Companhia fazendo peças sanitárias para redes de esgotos como a do bairro paulistano de Pinheiros. Mas queriam desbravar a cerâmica, um ramo novo, e não tiveram sucesso.

Foram chamados a Jundiaí por nomes como Eloy Chaves e Edmund Krug, que enxergaram novas ideias nas duas fábricas de cerâmica de barro que passaram a produzir cerâmica branca. No começo eram louças de pó de pe-

dra, xícaras ou tigelas. Mas logo veio a linha sanitária.

Uma parceria com a Fozzi, de Milão, que tinha parcela do Vaticano, tornou-os por algum tempo sócios do papa. Na década de 1960 veio a fusão com a Deca e, depois, com a Duratex.



Mário Rappa
1934 a 1935

Sobrinho do primeiro presidente, Sperandio Rappa, foi o responsável pela sétima gestão da Associação.

Tornou-se um importante industrial no ramo de bebidas (com a marca Dubar), apoiado pela experiência de sua madrasta alemã Erna, presidente do conselho da Cervejaria Antarctica -- empresa que vendeu o terreno ao clube com o acordo de que o local fosse chamado de Parque Antártica.

A marca mais importante

da trajetória de Mario Rappa foi a vinda da fábrica da Cica para Jundiaí, onde teve participação direta, e foi por décadas integrante do seu conselho fiscal.

Mário também foi presidente honorário do Palestra Itália Foot Ball Club, em Jundiaí, na mesma década de 1930 em que Alberto Bonfiglioli era ligado ao Palestra Itália – atual Palmeiras – em São Paulo. Era uma das afinidades esportivas entre ambos, além das empresariais.

A Cica (com as iniciais de Companhia Industrial de Conservas Alimentícias) instalou-se na cidade em 1941 e foi a maior agroindústria brasileira.

Tornou célebre, por exemplo, a figura do Jotalhão para o extrato de tomate Elefante. Além de Bonfiglioli, a empresa teve entre seus criadores Antonino Messina e Orlando Paschoal Guzzo.

Ao longo de sua vida recebeu o título de “cavaleiro da coroa italiana”, que o governo da Itália distribuía a personalidades de colônias do exterior na fase pré-guerra.



**Guido
Pellicciari**
1936 a 1938

Foi um grande industrial do ramo da marcenaria. Mais do que isso, foi quase uma lenda na cidade e região.

No início do século 20, trabalhou com seu pai Sperandio (não é o primeiro presidente da Associação), em uma pequena indústria familiar de móveis, no bairro da Ponte São João. A reputação era muito boa, mas com limites.

Uma virada em sua vida ocorreu na década de 1940, quando ganhou na loteria. O prêmio era suficiente para a compra de um grande imóvel no vizinho bairro da Vila Arens.

Guido começou então a produção de cadeiras de madeira, torneadas e modeladas com esmero.

A empresa ganhou notoriedade ao unir quantidade e qualidade de seus produtos, atingindo em pouco tempo o título de

maior empresa do ramo no Brasil.

Depois de ter sido presidente da Associação Comercial, Guido Pellicciari foi também vereador da cidade de Jundiáí.



**Casimiro
Brites
Figueiredo**
1939 a 1943

No fim da década de 20, surgia na cidade sua primeira revista. Chamava-se Sultana e atravessou muitos anos com matérias de cunho social, histórico, literário e humorístico. Seu editor, Casimiro Brites de Figueiredo, assumiria dez anos depois a liderança da Associação Comercial.

Sua revista refletiu muito a chamada era de ouro, com indagações para o campo da economia e do comércio.

Foram nas páginas da revista, por exemplo, que foi levantada a suposição da inviabilidade da Ponte Torta pela oposição do movimento de charreteiros da ci-

dade. O hoje monumento histórico foi construído em 1888 para a passagem de bondes ou vagonetes sobre o rio Guapeva. Na economia, isso indicava como algumas mudanças são difíceis.

Também na Sultana foi registrado o depoimento de Tia Custódia, uma ex-escrava, lembrando que a Abolição, em 13 de maio de 1888, foi comemorada com danças por três dias e noites no Largo Santa Cruz – e parou apenas porque a polícia exigiu.

A visão aberta de Casimiro foi um estímulo para a Associação em plena Segunda Guerra Mundial. Hoje ele denomina uma rua, no Jardim Santa Gertrudes.



**Jurandyr de
Souza Lima**
1944 a 1948

Foi um comerciante com grande influência na vida social e política da cidade. Além da presidência da Associação Comercial,

que teve a euforia do fim da guerra, foi um dos fundadores do Clube Jundiense na mesma época.

Fundou ainda - de que foi o primeiro presidente - a Companhia Telefônica Jundiense, uma das primeiras companhias do tipo no Brasil. Foi presidente também do Gabinete de Leitura Ruy Barbosa.

Em meio a todas as atividades, foi companheiro de Haydée Dumangin Mojola - compositora da canção de 1932, que anos mais tarde, na década de 1960, seria oficializada como Hino de Jundiá.

Fundou e presidiu a Sociedade Amigos de Jundiá, o Clube dos 50 e a Campanha de Alfabetização de Adultos em Jundiá.

Foi ainda promotor interino (1929), subdelegado de polícia (1932) e vereador (1937 a 1941).

Recebeu as medalhas Ruy Barbosa, José Bonifácio, Legião Brasileira de Assistência, Marechal Cândido da Silva Rondon, Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais, Ordem do Mérito Republicano (grau de comendador) e Medalha Cultural Afonso D'Escranolle Taunay.



**Oswaldo
Willy Fehr**
1949 a 1950

Na década de 1940, A Paulicéa já acumulava meio século - e Oswaldo Willy era um dos irmãos Fehr ao lado de Arthur e Otto. Foi quando reforçou o comércio local na liderança da Associação Comercial.

Durante 110 anos foi um dos pontos de encontro mais tradicionais da cidade. Inaugurada em 1898 como padaria e confeitaria, A Paulicéa foi demolida em 2008, depois de ser também um concorrido restaurante.

A fase otimista do comércio na época de sua presidência se refletia nas obras na cidade, na vida social dos cinemas e teatros, na cena cultural do pós-guerra.



**Orlando
Vicente
D'Angieri**
1950 a 1953

Foi um grande representante de produtos em Jundiá. Ou foi um grande músico? Ambos.

Por três vezes presidente da Associação Comercial, era também professor de matemática depois de anos de viagens de trem para seus estudos. Ministrou aulas na antiga Escola Normal de Jundiá e no Ginásio Luiz Rosa.

Foi um dos entusiastas do projeto da nova sede da instituição e um dos responsáveis pela compra do terreno na Rangel Pestana.

Foi cavaquinista e compositor do Chorões do Japi, renomado grupo local que teve até música dedicada por Lamartine Babo e talentos vindos de São Paulo para sessões no sítio de irmãos no Horto.

Seus pais influenciaram a família. Era filho de Carolina Velardi D'Angieri e Attilio D'Angieri, este italiano e músico famoso, inclusive da Banda Sinfônica de Campinas.

Orlando foi ainda, por duas legislaturas, vereador pela extinta UDN. Em 1953, no governo de Luiz Latorre, fez parte da Comissão Organizadora da Festa da

Uva, com a qual se inaugurou o Parque Municipal Comendador Antonio Carbonari – e venceu o concurso do tema com a marchinha “Eu Jogo Fora”, no Cine Teatro Polytheama.



**Orlando
Vicente
D'Angieri**

(segunda gestão)

1955 a 1956

Radialista, jornalista e empresário, criou na cidade um conglomerado no setor de comunicações, chegando a dois jornais diários e uma emissora de rádio.

Sua projeção na década de 1950 teve origem em concorridos programas de auditório, com calouros jundiaenses e ídolos do rádio como Hebe Camargo e Jair Rodrigues.

Sua passagem pela liderança da Associação Comercial teve a busca da visibilidade da instituição.

Na década de 1960, após a morte do acionista e padre Adalberto de Paula Nunes, assumiu o comando da Rádio Difusora. E encerrou atividades do jornal A Folha para lançar o Jornal de Jundiaí (1965), criando a Organização JJ-Difusora.

Pouco depois, tornava-se proprietário também do Diário de Jundiaí (1968), único concorrente na imprensa diária que foi fechado para investir na modernização do parque gráfico e na equipe de profissionais, tornando o jornal um dos principais veículos de comunicação do interior do Estado.

Graduou-se em Direito e Jornalismo.



**José Pacheco
Netto Jr**

1953 a 1954

Comerciante e advogado, foi conhecido tanto no futebol amador (foi presidente do Comercial e depois da Liga) como nos serviços (foi governador no Rotary Club).

Depois de passar pela liderança na Associação Comercial, participou da fundação da Faculdade de Medicina de Jundiaí na década seguinte.

Foi vereador de 1952 a 1963, inclusive presidindo a casa de leis. Em 1980 recebeu o título de vereador honorário. Também foi professor e advogado.



**Orlando
Romulo
Paschoal**

1956

Ocupou a liderança da Associação por um breve período em 1956.

Em seguida, foi um dos fundadores do Lions Clube Jundiaí Centro em abril de 1957.

Além de comerciante, era também pintor. Participou do I Salão Jundiaense de Belas Artes, realizado no Gabinete de Leitura Ruy Barbosa em dezembro de 1950.



**Tobias
Muzaiel**

1956 a 1957



**Jorge
Copelli**
1957 a 1962

Foi comerciante e precursor na venda de aparelhos eletroeletrônicos em Jundiaí. Iniciou seus estudos no Colégio Hydecroft, concluindo-os no Colégio Florence.

Desde menino, trabalhou com o pai, o capitão Francisco Copelli, que mantinha na cidade o Empório Central - e veio a sucedê-lo na firma, transformada, em 1928, na Casa Carlos Gomes, na rua Barão de Jundiaí.

Foi ali que comercializou o primeiro rádio elétrico, em 1922, o primeiro gramofone, em 1928, e o primeiro aparelho de TV da cidade, em 1950 - esta comprada pelo empresário Luiz Latorre. Os aparelhos eram atração na vitrine e as pessoas se aglomeravam em frente a loja para vê-los. Posteriormente a loja foi também uma referência musical na era dos discos.

Jorge Copelli teve parti-

cipação ativa no desenvolvimento econômico e social de Jundiaí. Exerceu o cargo de presidente da Associação Comercial quando foram trazidas importantes empresas para a região - incluindo a Krupp Metalúrgica.

Ele também foi diretor e presidente do Casino Jundiahyense, de cuja fusão com o Tênis Clube Paulista originou o Clube Jundiaense, tendo-o como um dos sócios-fundadores. Também fundador do Lions Clube Jundiaí Centro e do Automóvel Clube de Jundiaí. Na área assistencial, teve destacada atuação na campanha pró-construção do Abrigo de Menores do Caxambu.

Em 1974, Jorge Copelli foi homenageado pelo Rotary como o mais antigo comerciante da cidade.



**Orlando
Vicente
D'Angieri**
(terceira gestão)
1963 a 1973



**Walter
Corazzari**
1974 a 1977

Em tempos de governo militar e muita vida cultural na cidade, Walter Corazzari era um discreto e respeitado auditor que fundara sua empresa própria em 1972.

Atendeu boa parte das empresas de comércio, indústria e serviços da cidade e também da região da capital.

Durante sua vida também foi presidente do Tênis Clube.



**José Leme do
Prado Filho**
1978 a 1983

Foi um cronista do cotidiano na imprensa jundiaense na década de 1940 e também na coluna Leme do Prado, de 1976 e 1983 no

Jornal de Jundiaí.

Aos 14 anos mostrava espírito valente atuando como mensageiro durante a Revolução Constitucionalista. Aos 18, como telegrafista da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, percorreu o interior do Estado cuidando de pequenas estações isoladas da linha.

Veio para Jundiaí em 1944, como escriturário da Companhia Paulista e começou a lecionar Economia no Ginásio Rosa, estabelecimento adquirido por sua família em 1954.

Nos anos 50, participou da diretoria do Sindicato dos Ferroviários e do Paulista Futebol Clube. Nos anos 60, foi presidente do Lions Clube de Jundiaí. E em 1966, foi agraciado pela Câmara Municipal com o título de Cidadão Jundiaense.

Foi homenageado pela Prefeitura de Jundiaí, que deu seu nome a uma rua no Jardim Primavera e a uma EMEB no Jardim Esplanada.

Se referia a Jundiaí como a “terra dos papudos” e muitas de suas crônicas foram transformadas em um livro organizado pela professora Mercedes Cruañes Rinaldi.



**Tolmino
Fabrício**
1984

Filho de imigrantes italianos, Tolmino Fabrício começou suas atividades com uma pequena padaria na Vila Arens, na década de 1940.

Em seguida, aproveitou os bons resultados e montou uma loja de eletroeletrônicos na rua Barão de Jundiaí. Em dezembro de 1959 surgiu a ideia de acrescentar móveis e eletrodomésticos, surgindo a Comercial Fabrício – ou a popular Credi-Nino.

Dez anos depois, transferiu-se para o número 397 da rua do Rosário e ali se tornou uma referência urbana.

O Credi-Nino ocupou 2 mil m² bem no Centro de Jundiaí e era considerado o maior shopping de móveis da cidade e região. Seu centro logístico possuiu grande capacidade de armazenamento, no bairro

dos Fernandes. Funcionou até 2019.

O fundador recebeu em 2001, da Câmara de Jundiaí, a medalha Comendador Giuseppe Franco pelos serviços prestados à cidade.



José Crupe
1984 a 1997

O empresário nasceu em Descalvado, mas foi em Jundiaí que teve sucesso nos negócios. Casado com Adélia Gallo Crupe, foi pai de José Osnil Crupe e Edson José Osnil Crupe.

Foi presidente do Esporte Clube Vila Alvorada e vice-presidente da Sociedade Musical e Recreativa Jovem Banda.

Em 1974, foi agraciado com o título de Comendador da Soberana Ordem Real e Imperial da Corona Azteca.

Exerceu a liderança na Associação Comercial em paralelo com o cargo de vereador eleito para a Câmara de Jundiaí entre 1982 e 1988.

Foi um pioneiro nos postos de combustíveis com serviços, localizando sua posição na saída de Jundiaí para a rodovia Anhanguera.

Fazia a “ponte” entre empresários e trabalhadores e era comum aparecer na Associação Comercial com o tradicional macacão que usava nos postos de combustíveis.



**Umberto
Antônio
Fioravanti**
1998 a 2005

Com experiência de diretor financeiro em empresas multinacionais, foi o presidente que mais investiu na relação com a Junta Comercial do Estado e na ampliação de serviços.

A empresa de carimbos da família, na rua do Rosário, era tocada por irmãos. Mas todos viviam a relação de apoio entre os comerciantes tradicionais.

Pai de duas meninas, Umberto praticou por muito tempo o futebol society com amigos. E a atenção ao consumidor sempre foi sua linha nas atividades como presidente ao longo dos anos na Associação.

Entre outras atividades, integrou Jundiaí ao banco de dados da Federação das Associações Comerciais do Estado (Facesp).

Destacou-se no apoio ao resgate da tradição italiana em Jundiaí, a partir do centenário da imigração, em 1988, com a Festa da Colônia e a atuação do Circolo Italiano.



Ricardo Diniz
2006 a 2013

Nascido em Osasco, Ricardo esteve em Jundiaí pela primeira vez em 1989, para fazer um serviço de cobrança para um amigo.

Na época já trabalhava como vendedor de produtos para panificação e ao chegar em Jundiaí ficou impressionado com as características urbanas do município: apesar de ser uma cidade grande ainda mantinha os costumes da vida no Interior.

Ricardo se encantou com a cidade e percebeu que em Jundiaí poderia progredir com os seus negócios. Decidiu vender seus produtos em estabelecimentos locais e ficou quase um ano no vaivém Jundiaí/Osasco, até que alugou uma pequena garagem que foi adaptada como depósito.

Determinado a crescer, comprava os produtos em São Paulo e vendia em Jundiaí. Em 1991 inaugurou o Atacadão Diniz, que trabalha com food-service atendendo mais de 6 mil estabelecimentos por mês. A empresa tem 700 funcionários diretos em 180 vendedores.

Em 2012 tentou uma vaga à

Câmara Municipal e concorreu ao cargo de vereador.



**Reges
Donatti Filho**
2013 a 2017

Ao lado dos irmãos, é diretor do grupo Rainbow Bike, distribuidora de peças e acessórios de bicicleta. A empresa foi fundada em julho de 1941 por seu avô, Waldemar Donatti (Tico), que de foguista de caldeira de trem se tornou um comerciante tradicional na Vila Arens.

Formado em Direito e pós-graduado em Gestão Empresarial pelas Faculdades Padre Anchieta, Reges dedicou a sua carreira no setor do varejo e passou por todos setores que envolvem esse mercado.

Também trabalhou como diretor no Procon de Cabreúva e na prefeitura de Cajamar.

Em 2016 foi candidato a vereador em Jundiáí.



**Elton
Monteiro**
2017 a 2019

É empresário da área de tecnologia e seu primeiro emprego foi em 1999, aos 17 anos, como entregador de jornal informativo bimestral da Associação Comercial.

Nos primeiros meses trabalhando com a entrega deste jornal e interagindo com os comerciantes surgiu uma vaga de office boy na Associação. Elton aceitou o convite para o emprego e desempenhou a atividade até 2005, quando saiu para abrir a própria empresa, a Essência Digital.

Em 2017, ao saber do período de intervenção judicial, na ACE, decidiu concorrer à eleição. Foi quando venceu o pleito e voltou à Associação Comercial como presidente.

Uma de suas ações à frente da entidade foi reduzir o mandato de presidente, de quatro para

dois anos, com direito a uma reeleição. Elton, no entanto, decidiu não concorrer ao cargo no pleito seguinte.

Durante a sua gestão também assumiu o cargo de vice-presidente da Região Administrativa (RA) 8, da Facesp para o biênio 2019/2021.



**Mark William
Ormenese
Monteiro**
2020 a 2023

Descendente de uma família de comerciantes tanto pelo lado paterno quanto materno, o início da trajetória profissional de Mark se deu no Senai, impulsionado pelo desejo de se tornar mecânico de automóvel. Naquela época, os jovens eram patrocinados por empresas, e ele conseguiu o apoio da Astra, o que o levou à companhia.

Sua liderança se destacou

entre 400 jovens que cursavam o Senai e Ihe rendeu a oportunidade de se especializar em ferramentaria, uma atividade que ele continuaria a exercer na mesma empresa.

Aos 18 anos, Mark se casou e logo depois tornou-se pai de uma menina. Aos 21 sentiu o desejo de alçar voos mais altos e ingressou na Unilever, em Diadema. Essa mudança impulsionou a sua situação financeira e marcou um novo ciclo em sua trajetória.

Neste período, ele decidiu cursar Direito, o que o levou a enfrentar diariamente um percurso de cerca de 300 quilômetros entre Diadema, Jundiaí e Campinas, onde estudava.

Suas habilidades e competências foram reconhecidas e ele foi promovido, transferindo-se para a unidade da Unilever em Vinhedo, onde, aos 24 anos, já liderava uma equipe de mais de 50 profissionais.

Sua competência era admirada pelos diretores da multinacional e Mark tinha um futuro promissor à sua frente. Recém-formado, foi avisado sobre a importância de cursar

Engenharia e a empresa Ihe ofereceu uma oferta tentadora de uma bolsa de estudos em qualquer faculdade de sua escolha.

Entretanto, ele escolheu seguir seus sonhos e deixou o emprego na Unilever, surpreendendo diretoria e familiares.

A decisão representou uma queda significativa em seus ganhos, passando de um salário de R\$ 7 mil para menos R\$ 400, valor referente à sala alugada para atender seus clientes. Mesmo sem ter obtido ainda sua carteira na OAB, Mark começou a oferecer serviços de cobrança aos clientes.

Nesse período, também trabalhou como professor de Sociologia para estudantes do Ensino Médio na Escola Adib Miguel Haddad, em Jundiaí.

Os primeiros anos foram desafiadores por ainda ser muito jovem e inexperiente profissionalmente, o que dificultava a construção de confiança entre os clientes. Houve momentos em que ele questionou se havia tomado a decisão certa ao deixar a multi-

nacional.

No entanto, sua determinação incansável, uma característica que o acompanha desde a infância, o estimulou a continuar. Surgiram os primeiros clientes e ele convidou a amiga, Fernanda Valente para se tornar sua sócia, surgindo assim, em 1º de abril de 2007, o escritório Monteiro & Valente.

Ao longo dos últimos 14 anos, Mark consolidou sua carreira como advogado e se tornou um dos membros fundadores do primeiro grupo de networking profissional de Jundiaí, o BNI.

Em homenagem ao avô, Abel Félix Monteiro, um português pioneiro na abertura de loja de consumo em um posto de gasolina em Jundiaí, Mark expandiu sua atuação para o empreendedorismo, inaugurando sua própria loja de conveniência.

Entre 2017 e 2019, ele desempenhou um papel ativo na Diretoria Executiva da ACE Jundiaí, inicialmente como vice-presidente e, em 2020, assumiu o cargo de presidente. Em 2021 ele foi reeleito como presidente para o biênio 2022/2023.

Referências Bibliográficas

- (NEPO por BEOZZO)
BEOZZO, M.S.C., São Paulo do Passado. Campinas, **Núcleo de Estudos da População** (NEPO), Universidade Estadual de Campinas, 1998. Disponível em <https://www.nepo.unicamp.br/publicacoes/censos/1872.pdf>
<https://www.nepo.unicamp.br/publicacoes/censos/1890.pdf>
<https://www.nepo.unicamp.br/publicacoes/censos/1920.pdf>
Acesso em 27/10/2022
- (CACB por COTAIT)
COTAIT, Alfredo (Org.). **É do Brasil**. São Paulo, CACB (Confederação das Associações Comerciais do Brasil), 2023. Disponível em <https://cacb.org.br/sobre-a-cacb/historia/>
Acesso em 08/01/2023
- (PORTO DE SANTOS por PORTUÁRIA)
PORTUÁRIA, Autoridade. Santos, **Conheça o Porto, 2022**. Disponível em <https://www.portodesantos.com.br/conheca-o-porto/historia-2/>
Acesso em 14/12/2022
- (PEREIRA E.C. por PEREIRA)
PEREIRA, Eduardo C. **Núcleos Coloniais e Construções Rurais**. Jundiaí, Edição Autoral, 2007.
- (LUNA F.V. por LUNA)
LUNA, Francisco V. & Klein, H. S. **História Econômica e Social do Estado de São Paulo 1850-1950**. São Paulo, Imprensa Oficial, 2020.
- (MUSEU REPUBLICANO x TV TEM)
TV TEM SOROCABA. **Museu Republicano de Itu**. Sorocaba, TV TEM, 2022. Vídeo (6m). Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/11612562/>.
Acessos em 15/11/2022 e 19/05/2023
- (MUSEU por PREFEITURA)
PREFEITURA de Jundiaí. **Rota do Centro Histórico**. Jundiaí, 2018. Disponível em <https://rotasturisticas.jundiai.sp.gov.br/centrohistorico/>.
Acesso em 19/10/2022.
- (NOSEK)
NOSEK, Victor (Org.). **Teatro Polytheama**, Jundiaí, Prefeitura, 2011.
- (GABINETE)
GABINETE de Leitura Ruy Barbosa. **História do Gabinete 1882-2022**. Disponível em www.gabinete.org.br.
Acesso em 17/11/2022
- (ANUARIO por TOSI)
TOSI, P.G. & Faleiros, R.N. **O Café no Brasil**, Niterói, XII

Congresso Brasileiro de História Econômica.

- (SILVA)
SILVA, Patrícia Barboza da - **Influências da 1ª Guerra no Cenário Brasileiro**, São Paulo, UOL, [2020]. Disponível em <https://brasilescuela.uol.com.br/historiab/influencias-da-primeira-guerra-cenario-brasileiro.htm>.
Acesso em 07/11/2022.
- (HORÁRIO por ARQUIVO)
ARQUIVO **Histórico de Jundiaí**. Referência à lei municipal 117, consolidada em 1933 para os diversos setores de comércio e serviços conforme registro em ata da Câmara de Jundiaí, página 146, de 30 de maio de 1933.
- (FERREIRA)
FERREIRA, Maurício. **Jundiaí na Revolução de 1932**. Jundiaí, 20/05/2020. Disponível em <https://www.facebook.com/media/set/?set=oa.1118974915147424&type=3>.
Acesso em 19 de dezembro de 2022.
- (OLIVEIRA)
OLIVEIRA, José A. **80 Anos da Revolução Rosada**. Jundiaí, Prefeitura, 2014. Disponível em <https://jundiai.sp.gov.br/noticias/2014/01/17/festa-da-uva-jundiai-celebra-80-anos-da-revolucao-rosada/>.
Acesso em 21/10/2022.
- (COMPANHIA por ARQUIVO na pag 62)
ARQUIVO do Estado de São Paulo. **Companhia Paulista - Relatórios, 1940**. Disponível em <http://arquivoestado.sp.gov.br/>. Acesso em 04/11/2022.
- (SULTANA por FIGUEIREDO)
FIGUEIREDO, C.B. Revista Sultana. Disponível em <https://bndigital.bn.gov.br/>.
Acesso em 28/11/2022.
- MANHÃ, A. **Carta de Apoio ao Presidente**. Rio de Janeiro, Agosto de 1942. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=116408&pesq=Casimiro%20Brites%20Figueiredo&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.br&pagfis=16913>.
Acesso em 9/10/2022.
- (CONDEPHAAT por MARQUES pag 74)
MARQUES, Juliano R. **Jundiaí, um impasse regional**. São Paulo, 2008. Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana.
- CERIONI, E., **Jundiaí já teve um prefeito assassinado**. Disponível em <https://www.jundiaiqui.com.br/memoria/jundiai-ja-teve-um-prefeito-assassinado/>. Acesso em 11.5.2023.
- (KRUPP por THYSSEN-KRUPP)
THYSSEN-KRUPP. Metalúrgica Campo Limpo. Disponível em <https://www.thyssenkrupp-brazil.com/empresa/areas-de-negocio/bearings-and-forged-technologies/metalurgica-campo-limpo>.
Acesso em 6/2/2023.

Patrocínio **Ouro**



Desde 2011 no mercado, a **Dom Quixote Equipamentos de Proteção Individual Ltda** vem se especializando em equipamentos de segurança no trabalho. Atende desde o consumidor doméstico às grandes indústrias de vários segmentos, com equipamentos de qualidade e marcas renomadas. Acredita que “quando se sonha sozinho é apenas um sonho, quando se sonha junto é o começo da realidade”.



A **NovaRh** é o caminho que leva as pessoas em direção aos seus sonhos, através do emprego e crescimento pessoal, construindo um legado de oportunidades e realizações.



Imagine milhões de pessoas construindo juntas um mundo com mais cooperação, pertencimento, responsabilidade social e justiça financeira: este é o Sicoob – Sistema de Cooperativas Financeiras do Brasil. Hoje o **Sicoob Integrado**, Cooperativa do Sistema Sicoob, atua em dois estados sempre regido por esses valores. Quem se associa é um cooperado e, como dono do empreendimento, participa democraticamente das decisões e dos resultados financeiros.

Patrocínio Prata



A SFX iniciou as atividades em 2000, em Jundiaí, com intuito de consultoria e projetos para eficiência energética. Em 2014 iniciou no segmento de energia solar fotovoltaica e, em 2021, foi criada a franqueadora **SFX SOLAR**. Em 2022 recebeu o prêmio de melhor projeto de energia solar da América Latina. Hoje conta com mais de 1,5 mil sistemas instalados pelo País, sendo a única empresa do Estado de São Paulo com a certificação internacional AAA de qualidade em projetos e instalações.



Em 1942, a **De Marchi** foi fundada como uma pequena agroindústria que cultivava uvas de mesa. Sempre expandindo horizontes, rapidamente passou a comercializar outras frutas e tornou-se um pioneiro conglomerado de empresas que atua desde o cultivo em grande escala de frutas e legumes, até a produção de uma ampla gama de alimentos congelados e comercialização de alimentos “in natura” para o Brasil e Exterior. Com quase 100 anos de experiência, tem o privilégio de ter a fruta como o centro do seu negócio.

Patrocínio Bronze



A **ACCredito Gestão de Benefícios S/A** é uma Cia. que oferta um amplo portfólio de cartões para reter e atrair talentos para as empresas clientes. A Facesp é acionista e as Associações Comerciais de São Paulo são parceiras preferenciais no objetivo de promover o fomento à economia local e à valorização dos associados destas entidades.



O **Colégio Elíseos** iniciou as atividades em 2010, em Jundiaí. Com o passar dos anos, trilhou um caminho de autonomia e independência para crescer. Trabalha com tecnologia inovadora e projetos diferenciados, que permitem que o aluno desenvolva competências e seja o protagonista do processo Ensino x Aprendizagem.



Biológico Medicina Diagnóstica, há 42 anos realizando exames em análises clínicas, ultrassonografia, cardiologia e vacinas. Desde 2013 é certificado pelo Programa de Acreditação de Laboratórios Clínicos (PALC) oferecendo exames de qualidade e confiança sempre com respeito, integridade e carinho ao ser humano visando a saúde e bem-estar de todos.



Fundada em 2004, em Jundiaí, a **DELPHOS** oferece soluções em Segurança Patrimonial, Tecnologia e Facilities Services. Com mais de 18 anos de experiência, garante credibilidade, excelência e qualidade aos mais de 300 clientes. DELPHOS, a experiência que entrega tradição.



Com 30 anos de excelência na locação de máquinas e equipamentos para construção, pintura, limpeza e jardinagem, a **Casa do Construtor** chegou a Jundiaí em 2006 e já ultrapassou 120 mil contratos firmados. São mais de 100 tipos de máquinas e equipamentos disponíveis para locação, com períodos ajustados às necessidades dos clientes.



A **Fabrilis** destaca-se como líder na criação e realização de mobiliário sob medida de requinte elevado e singularidade, combinando de forma harmônica a maestria artesanal com tecnologia de vanguarda. Produz mobiliários para projetos comerciais e residenciais sob a garantia de produtos e serviços exclusivos.



A **Refrigeração Fabrício** é uma empresa familiar, fundada em 1984, representando as mais renomadas marcas de equipamentos destinados à montagem de estabelecimentos comerciais. Em 1999, nasceu a **Fabrício Utensílios**, ampliando o atendimento ao ramo comercial, na venda de utensílios em geral, chegando hoje a mais de 10 mil itens ofertados.



A **Valec Renault** nasceu no mesmo ano de inauguração da fábrica Renault no Brasil, em 1998, com a concessionária em Jundiaí. Com 25 anos de tradição, estabeleceu sua presença contínua na região, transcendendo as fronteiras urbanas nas cidades em que opera. Oferece veículos Okm, cuida da manutenção e transformação desses veículos.



A **RS Café** nasceu em 1996, três anos após o então engenheiro Romano Sivelli conhecer a máquina de Café Espresso durante uma viagem à Itália e se encantar com a praticidade de preparar café padronizado e a qualquer hora. Atualmente a empresa trabalha com produtos e máquinas de locação nas unidades de Campinas, Jundiaí, São Paulo e São José do Rio Preto.



A **Vilage**, no mercado desde 1986, possui profissionais especializados em escritórios no Brasil e no exterior. É certificada pela BSI Brasil por operar um Sistema de Gestão de Qualidade conforme os requisitos da ISO 9001, com certificação válida para todos os serviços.



O propósito da **Unimed Jundiaí** desde 1986 é prestar assistência de qualidade aos seus beneficiários. É a única Operadora de Saúde 100% da região de Jundiaí, acolhendo de forma personalizada as necessidades de seus clientes.

Associação Comercial Empresarial de Jundiaí
Rua Rangel Pestana, 533 . Centro . Jundiaí/São Paulo
www.acejundiai.com.br



FILIADA À FACESP

**ASSOCIAÇÃO
COMERCIAL**

EMPRESARIAL DE JUNDIAÍ

CONECTADA COM VOCÊ. LIGADA NO FUTURO.